

81-20

Nº 201

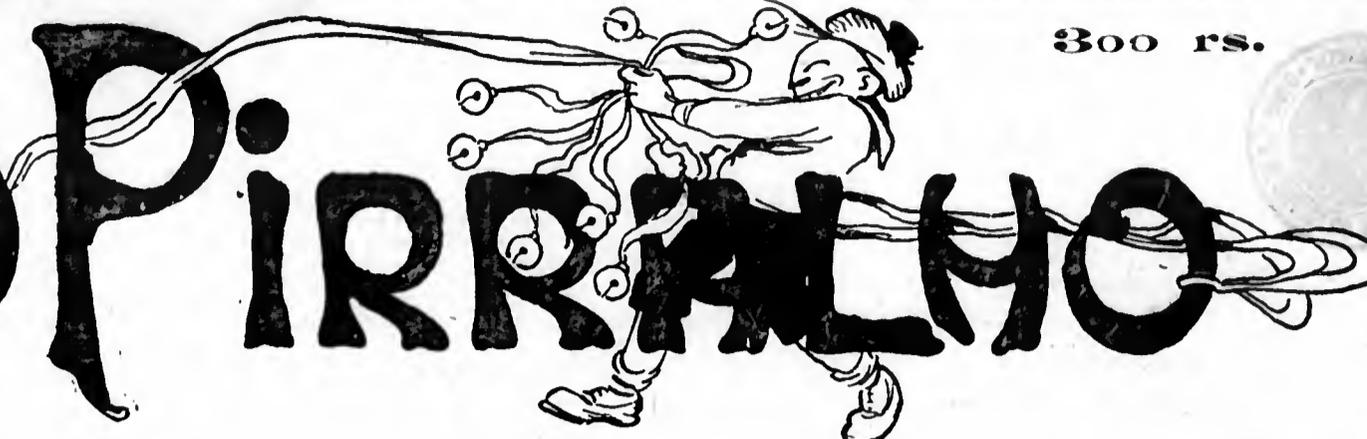
S. Paulo, 4 de Setembro de 1915

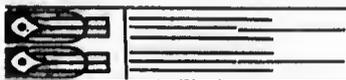
ANNO V

300 rs.



OPiRRRALLMO



A FELICIDADE

Sociedade Mutua de Peculios por NASCIMENTOS, CASAMENTOS e MORTALIDADE

Approvada e autorizada a funcionar em toda a Republica pelos decretos Ns. 10.470 e 10.706

PECULIOS PAGOS MAIS DE 350:000\$000

Todos os que se inscreverem até 31 de Dezembro de 1914, nas séries de casamento receberão os peculios *um anno* depois da inscrição.

Depois da inscrição os mutualistas podem casar quando quizerem.

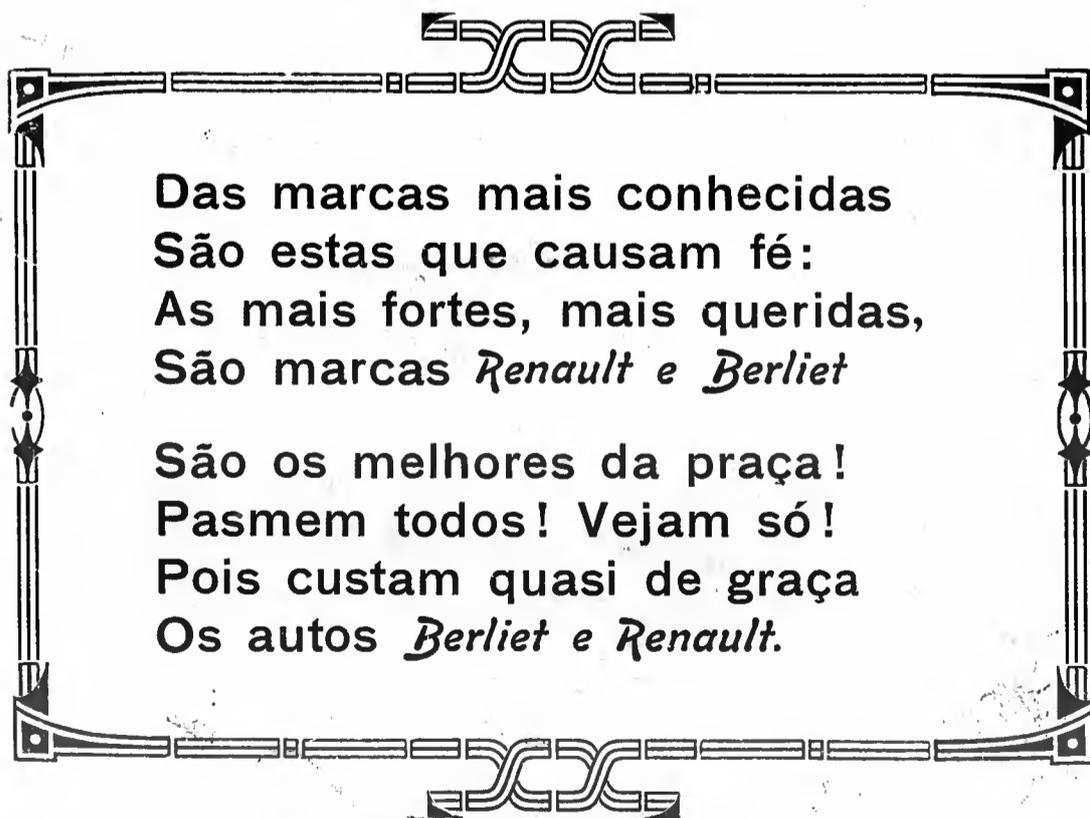
Quem se inscrever nas séries de *nascimento*, até o fim do corrente anno, será chamado *10 mezes* depois da *inscrição* e receberá de *uma só vez* o peculio que lhe couber.

O nascimento pode dar-se em qualquer tempo.

Todo o socio que propuzer outro para a sua série terá a seu credito a importancia de *cinco* contribuições. Depois de completas as séries, por cada oito chamadas feitas, a sociedade dispensará as contribuições dos mutualistas para as *duas* chamadas immediatas.

Séde Social: RUA 15 DE NOVEMBRO N. 59 (sob.) - Caixa Postal, U - Telepone, 2588

— SÃO PAULO —



Pedidos: CASA ANTUNES DOS SANTOS - Rua Direita N. 41



Caixa do Correio, 1026

EXPEDIENTE

O *Pirralho* deste mez em deante sahirá quinzenalmente.

A isso nos leva a vontade de melhorar, sob todos os aspectos a edição ordinaria do jornal.

Com mais tempo e mais assumptos, O *Pirralho* será uma revista aproximadamente perfeita.

Alem da collaboraçã litteraria, manterá secções interessantissimas de actualidades — reportagem photographica, artes, sports, theatros.

A secção de caricatura no texto a cargo de Voltolino será amplamente desenvolvida.

As secções de intriga politica e social serão cuidadosamente tratadas.

O *Pirralho* dará supplementos jogos em casos oportunos.

O proximo numero sahirá a 18 de Setembro.

QUATRO ANOS

SÃO quatro annos! A gente toma então um ar importante ao dizer isso, meio triste porque quer exprimir envelhecimento, desengano, conhecimento da vida, e meio orgulhoso porque é como quem diz — Viram, bem? Vivemos quatro annos! quatro!

Ora essa! Mathusalem viveu quinhentos e quatro. Mas tambem no quarto anniversario nunca deu numero

especial com o Coelho Netto, o Bilac, o Emilio!...

O *Pirralho* nasceu sob a protecção tumultuosa de Pietro Mascagni e Mimi Aguglia, uns meridionaes que andavam por aqui fazendo arte violenta em musica e drama.

Depois, viveu á custa d'uma figa — o Hermes.

O Hermes que dá *guigne* até no *guignol* dos argentinos, foi uma figa para o *Pirralho*, fel-o viver, ter saude á força de tonifieante de gargalhada, enrubescer definitivamente as faces joeundas, endurecer as pernas, galopar por *foot-bals* politicos e touradas litterarias.

Hoje O *Pirralho* commemora o seu quarto anniversario de existencia verifielda.

Graças a Deus, nunca teve a collaboraçã decadente do dr. Vicente de Carvalho, do romancista Canto e Mello, do philosopho genero livre Saturno Bobo Bosa Barbuleta, e de outra gente de nomeada regional. Mas manteve desde o começo nas suas columnas os nomes de Alcides Maya, Octavio Augusto, Amadeu Amaral, Goulart de Andrade, Martins Fontes, Da Costa e Silva, Gustavo Teixeira e Emilio de Menezes.

O numero que hoje dá homenageando Emilio, é collaborado por Bilac e Coelho Netto, por Amadeu e Plinio Barreto, Leal de Souza, Severiano de Rezende e Jacomino Define, Monteiro Lobato e Ricardo Gonçalves.

Duas extraordinarias mulheres, Raphaelina de Barros e Albertina Bertha, eserevem n'elle.

E O *Pirralho* abraça a todos comovido, não se esqueendo, porém,

dos seus antigos collaboradores de França.

A Gabriel Reuillard que ainda nos esereve das trineheiras do Aisne, envia uma sentida saudade em que inelue os nomes de Leon Werth, Max Goth, Marcel Millet, René Morand, talvez hoje cahidos na defeza da patria invadida.

Cae a fé, tropeça a crença,
Nada ha que não leve o tombo,
E só não tem quem a vença,
A goiabada Colombo.

AGUNIADO

A RICARDO GONÇALVES

Sentado numa tripeça,
Chapéu-nos-olhos batido,
o Zé violeiro começa
novo descante sentido.

Temperou-viola sem pressa;
liga ao della o seu gemido...
— Não sei que tristeza é essa
que o faz cantar tão duido.

Eil o a soffrer, solitario!
(Na abertura da camisa
vê-se um patuá e um rosario)

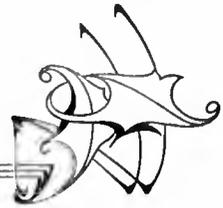
— "... se quizé ver affrição,
i tão longe não perciza,
venha ver meu coração..."

CORNELIO PIRES

USEM O PETROLEO ORIENTAL BIZERIO

JAN 9 PRAT. C
EST. 2 No de CRD.

A BARREIRA



De todos os homens que eu posso gabar-me de conhecer (declarava Antonio Silvado ao seu amigo Antunes, a uma mesa do café do Rio) o Alfredo é um dos dois ou três que completamente me satisfazem. No meio de toda esta gente que parece uma réua de esboços humanos, mal conformados, cheios de falhas, esse moço é quasi uma obra-prima.

— Ignorava que o conhecias.

— Não somos amigos, mas conheço-o. Na minha mania de observar as almas, tive um dia a feliz oportunidade de enxergar a sua, de relance, e nunca mais a perdi de vista. Estavamos aqui, neste café, eu numa daquellas mesas ali do canto, elle numa outra visinha, rodeado de amigos, conversando. Ouvi, por acaso, algumas phrases da palestra. Interessaram-me. Enfié o nariz no jornal, fingindo lêr, e esentei. O unico dos interlocutores que me pareceu razoavel e distincto foi o Alfredo. Disse eu consigo: «Ali está um que pensa com rectidão e elegancia», e olhei-o: a sua physionomia deu-me a impressão de uma creatura ponderada e boa. Bocca delicada e fina; olhos limpidos; rosto energico e doce... Encontrei-o mais vozes; informei-me a seu respeito. Contaram-me bellas cousas do seu character, do seu espirito. Era um autodidata laborioso e aproveitado. Trabalhava para sustentar a familia, composta de mulheres, doentias umas, decrepitas outras: a mãe, duas irmãs, uma tia. Fôra escrevente de cartorio, revisor de jornal, praticante do correio, até que um dia, num concurso encarniçado, surgiu de repente como o unico dono possivel de uma cadeira para a qual ninguem contava com elle...

— Tudo isso é verdade.

— E, com todo esse passado de esforço tenaz, obscuro e penoso, esse homem é um homem sereno. Lembra-me um desses caçadores que se vêem em certas oleographias allemãs, sahindo da matta escura com um sorriso na bocca e uma lebre na mão, sem uma ruga no vestuario... Um individuo assim só pode ser um tolo ou uma organização excepcional. Alfredo está no segundo caso. E' intelligentissimo...

— Homem, tu precisas de lhe ser apresentado. O Alfredo Mello vai ficar muito contente com uma amizade que assim lhe apparece já feita, enramada de admiração e

carinho... E' uma sorte que raramente nos cõe em casa.

— Ai, meu carol já lhe fui apresentado...

— Não me disseste ainda agora que...

— E é certo. Eu te conto. Fui-lhe apresentado, ha tempos, ali á porta da livraria. Havia outras pessoas, era uma roda. Não me sentia bem. Cumprimentei-o com a amabilidade que me foi pssivel pôr num aperto de mão e num sorriso; mas não lhe disse nada. Depois, o apresentador, um agitado, travou-me do braço, despediu-se, e arrastou-me a todo o vapor. Creio que não lhe deixei boa impressão. Haviam-me dito que elle me conhecia e prezava, através de referencias ouvidas a amigos communs: se me não enganou, manifestara mesmo perante um destes o desejo de travar relações comigo. E eu fôra estupidamente sêcco e fechado, na hora em que as nossas almas se encontravam frente a frente, e em que deviam ir direito uma para o outra, abertas e confiantes...

— E depois?

— Depois, encontrei-o, uma tarde, a espera do bonde. Tirei-lhe o chapéo, largamente, e passei. Elle correspondeu com uma urbanidade correcta e reservada. Encontrei-o mais vezes, e sempre nos fizemos, de longe, o mesmo cumprimento respeitoso.

Um dia, por acaso, achamo-nos juntos num grupo, na sala de uma exposição de quadros: trocámos algumas palavras e, por felicidade, (pensei) as minhas e as suas completavam-se na expressão dos mesmos sentimentos e dos mesmos juizos, ácerca dos quadros, ácerca do pintor, ácerca do publico...

— «Que lhe parece aquelle nú?

— «Um tanto academico...»

— «Justamente; e o colorido pouco nuançado, não é verdade?»

— «Sim, muito igual...»

— «Veja como os quadros peóres são os primeiros a ser vendidos.»

— «E' sempre assim. Estes nossos amadores...»

— «...são engraçados, muito engraçados...»

— «...e economicos!»

Assim, a nossa pequena palestra foi toda correntia e límpida. Pensei comigo que, afinal, nos tínhamos ligado um pouco; enfim, a amizade havia começado a tecer a sua rede subtil e forte em redor de nós. Só mais tarde reconheci que me havia enganado, que ainda não fôra dessa vez... Aquella rapida permuta de phrases banaes não fôra a contacto cáldo de dois corações, fôra simples-

mento a ligeira exploração mutua de dois espiritos que se tacteavam, com muito receio de se chocarem.

Passou-se algum tempo, e approximei-me, pela ultima vez, do Alfredo, no foyer do theatro, para lhe apertar a mão. Recebeu-me alegremoute, a respirar as melhores disposições para uma camaradagem cordial. Passeámos pelo foyer e pelos corredores, conversando, fumando. Terminado o intervalo, elle foi para o camarot, onde estava com uma familia, e eu fui para a minha cadeira na platéa, levando a impressão de que esse moço era, de facto, como já me parecia, alguma cousa mais do que um simples «bom rapaz», desses tantos com que vivemos a acotovelar-nos por ali. Cresciam portanto, em mim, a sympathia e a admiração, sem nenhum lyrismo, sem nenhuma effusão romantica, é certo, mas conscientes e solidas. Apenas, achei-lhe um pouco de sensibilidade excessiva: aquelle discobolo robusto e sadio tinha a pelle dolorida...

Creio que me não enganei. Dias depois, passei por elle, saudei-o, e talvez não me tenha visto, mas julgo que não quiz vêr. O caso repetiu-se duas ou tres vezes. Indaguei, entre amigos communs, da causa que poderia ter levado o rapaz a essa mudança inexplicavel; e do intresse com que indaguei farás ideia, sabendo que, poucos dias antes, eu havia combinado com o Guedes irnos procural-o a casa, na primeira oportunidade, para eu apresental-o. O Guedes, como sabes, não conhece aqui ninguem, e precisava muito de se entender com o director da escola onde o Alfredo trabalha. E eu disse-lhe: «Pois vamos lá á casa do homem, que elle te leva com muito prazer, posso apostar, ao tal director. Ficas-lhe devendo um serviço, mas, em compensação, travas conhecimento com uma bella pessoa, com uma creatura que reúne em si tudo aquillo que dizes nunca ter encontrado em doses equivalentes, num individuo: talento, bom senso, probidade, coração...»

Pois bem. Sabes porque razão o nosso amigo se retraiu, como um onriço, deante do meu affecto que o perseguia cauteloso e tenaz?

Esso homem sisudamente equilibrado perdeu o equilibrio deante de um sópro. Imagina tu que elle se queixava de me haver descoberto um ar de superioridade fria, — em troca (a phrase é sua) da sinceridade pedestre com que elle procurara introduzir-se na minha estima. Depois disso, que havia eu de fazer? Continuar a cortejal-o, instuar-me, seria uma especie de humilhação..

Faço como quem não o conhece. O meu orgulho é identico ao seu. Somos parecidos demais para nos ligarmos...

E eis ahí como eu, que a todo o momento

me descubro deante do primeiro malandro de gravatu, a quem me repugnaria chamar men semelhante, não posso approximar-me de um homem que me consola de pertencer

à especie. Ha entre nós uma barreira, — e essa barreira não se poderá transpor nunca mais...

AMADEU AMARAL



THAMAR

A Felix Pacheco.

Na extrema indignação de mulher ultrajada, sem esperar que lhe o nojo terminasse, com a cabeça coberta ainda de cinza, os cabellos destrançados, soltos, sem ornamentos nem presilhas, do alto do Thamnas descia, deploravelmente, a viuva, dantes de Her, agora de Onan, a mais formosa entre as formosas, a de cuja linhagem viria o Redemptor. Vestido talar, corrido ao corpo e nu de atavios, ondulante ao vento que, ora o levantava, barra apenas, mostrando os pés mal contidos nas alparcas já rompidas pela caminhada sobre seixos, ora o collava, ainda mais, ao corpo tornando percebidas as formas amplas e magestosas, magistralmente talhadas na exuberante plastica judaica. Physiognomia carregada de dôr e de raiva, a sorprehender os mercadores com que cruzava, — curvados, uns, ao peso das talagias, outros guiando jumentos resignados sob a carga de figos secos, tamaras e da vidima de conserva, — e que a olhavam com espanto sem que por ella fossem percebidos.

E Judá, entretanto, patriarchalmente á alfombra, sob a caricia rica e macia da sua tenda de sésta, mal cogitava de que por essa hora calida, Thamar, sua nora duas vezes, entre maguada e raivosa, viesse do alto do Thamnas dilacerando os pés pelo caminho aspero e ardente, a procural-o.

Subito, vozes de lamentos não ouvidas até então, o vieram sorprehender arrancando-o á placidez do seu somno de potentado e ao embalo dos seus sonhos magestaticos de patriarcha precursor de reis.

— «Judá, Judá, a indibriada duas vezes pelos rebentos máus do teu sangue, aqui está. Innocente e inculpada sou eu: e é sobre mim que cahe o opprobrio! Her, o teu primogenito,

contra o Senhor Deus d'Israel, peccou e contra mim peccou e é por isso que d'entre os vivos cessou de ser. Onan, o viciado, para que seus filhos não fossem filhos do morto, não os gerou e é por isso tambem que lá se foi, eternidade a fóra, sem que esse ventre se fecundasse. Judá! porque me enganaste, porque me foste buscar á tenda de meu pae dizendo-me que aquelle que pudesse contar as estrellas no ceu e os grãos de arcia no mar contaria a tua geração! O pejo de ser a mulher infecunda, por causa de teus filhos infecundos pesa hoje sobre a tua serva; tua serva olhada pelas filhas d'Israel sente, nos seus olhares, o desprezo que lhe votam, e nem siquer aos poços pôde levar a encher seus cantaros.

Judá! livra-me desta vergonha, livra-me e os altares todos, e todos os atanuvios do sacrificio serão poucos para as oblações ao Deus Senhor d'Israel. Não sou esteril, Judá! quero filhos! Quero filhos!...

— «Cala-te mulher. Não mais pertubes o valle clamando contra aquelle que como tu é innocente e como tu inculpada. Aqui tens Selá meu terceiro filho; menino é ainda; quando homem fôr eu t'ô darei e a minha predieção será realidade. Vae-te, e na quietação da tenda de teu pae espera por elle que o tempo rapido corre.»

Rapido correu o tempo, mas, Selá, não chegara: chegou porem o tempo da tosa, em que a lâ passa do vello para o tear, deixando de cobrir a ovelha para resguardar o homem, e Judá annunciou a sua nora que, em dia certo, subiria o Thamnas, mandou que se juntassem os rebanhos. E nesse dia alfanado em gala para lá seguiu. Ao cruzar de um caminho encontrou, sentada á gramma, rosto occulto, uma mulher que pelas fórmulas como todas as da sua raça, o impressionou. Braços nús, collo nu cingido apenas de

rocaes faiscante ao sol, e sob o rendado das lançarias impudicamente transparente a carnação luxuriante e forte. E como as de sua casta assim se não mostrassem, Judá entendeu vêr nessa uma exilada do pudor, vinda d'entre as aventureiras egypcias, e, afoitadamente se lhe chegou.

— «Se esses teus braços, roliços e fortes como os cedros seculares, e se a alvura do teu pescoço de ibis, são realmente o que mostram, suave e fecundo deve ser o repouso ao teu lado. Sopra quente o Levante, e a caminhada me exauriu. No sopé d'aquella tamareira, ambos nós, á sombra, descansaremos e, após o descanso verás que estes cabellos encanecidos não querem dizer que não possas ser amada.»

— «E o que darás tu como recompensa de tal descanso e de tal amor?»

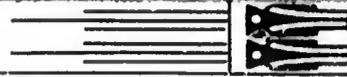
— «Dos meus rebanhos, a melhor ovelha.»

— Bem acolhida será a tua proposta se a garantires com o penhor da tua manilha de ouro, do teu anel de ouro e mais do teu cajado.

Judá reponso e amou, e tendo adormecido, ao despertar não mais viu ao seu lado aquella que elle julgara ter vindo d'entre as aventureiras do Egypto. Certo, porém, de que no cruzar dos caminhos, ella fazia o seu ponto costumado, escolheu d'entre os rebanhos congregados a melhor ovelha que era a ovelha promettida, e ordenando a Hirão — o odollamita, — que a carregasse, disse: — Leva-a á meretriz que mora na encruzilhada e traze em troca o meu anel de ouro, o meu bracelete de ouro e mais o meu cajado.

O odollamita, porém, não encontrando sob a tamareira da encruzilhada a ovelha desgarrada do aprisco do amor, trouxe de novo para o aprisco a ovelha promettida.

Quando, entretanto, entre as searas e os rebanhos começou de entrar o mez de Nisan, o odollamita, enlutado



é tristonho, passos lentos e vestido roto, desceu ao valle em demanda da tenda patriarchal.

— «Judá, filho de Abrahão, Judá, filho do Senhor, rompe a veste que te cobre e cobre-te de cinza que o Deus d'Israel de ti se afastou. A deshonra entrou-te em casa, e entre o numero das prenhasdas sem esposo contarás Thamar, duas vezes tua nora!»

E a colera de Judá foi tanta que a todos ordenou que ao fogo fosse lançada essa Thamar, que ao ultrajar assim a memoria de seus filhos, ultra-

java toda a honra de um grande patriarcha.

Esta, porém, já prompta para o sacrificio, pediu que levassem a Judá o seu anel de patriarcha, a sua pulseira de patriarcha, o seu cajado de patriarcha e lhe dissessem:

— «Thamar concebeu daquelle que a comprou por esses symbolos do seu patriarchado.»

E Judá ao receber os objectos disse: — Foi mais justa de que eu; Selá ja se fez homem e eu não lh'o dei. Que a não sacrificuem, não o quero

eu porque nella quero que se perpetuem os que de mim virão, em tal numero, que só possam ser contados pelas folhas das arvores que existem sobre a terra, e pelas bondades que existem em Deus.

E Thamar, foi tão fecunda pela sua falta como pelo perdão de Judá, que por uma e por outro deu de uma só vez Farés e Zara, cujas gerações só poderia contar quem pudesse contar as estrellas do céu e os grãos de areia no mar.

RAPHAELINA DE BARROS

JARARÁCA VÉIA

A OSWALD DE ANDRADE

— "Vá p'ros quinto, desgraçado!
Sapicuá de lazarento!
Praga ruim! Amardiçudo!
Peste! Cachorro sarnento!

Sem vergonha! Condemnado!
Egua... Cavallo pioiento!
Seu mardito! Escummungado!
O caça ruim! Boi bernento!

— "Óradace! Nha Bermira...
Credo in-cruis! Iiii, que bocage!"
Diz-lhe um pacato caipira.

— "Eu num sô da sua laja...
Catchorro! — Teve a corage
De suspendê minha saia!...

CORNELIO PIRES

CAFÉ GUARANY

É o melhor e o mais commodamente instalado de S. Paulo.

Asseio e promptidão

Tudo de primeira qualidade

RUA 15 DE NOVEMBRO

SÃO PAULO

O "Pirralho" para o seu proximo numero completa reportagem da festa commemorativa do seu 4.º aniversário, que hoje se realiza no salão do Conservatorio e na qual Emilio de Menezes dirá os 18 sonetos que publicamos.

Deus em ceroula



O Bonifrate

Do céo á infinita altura,
Sobe da terra um ribombo,
E Deus a ouvil-o murmura:
É a goiabada Colombo.

LOÇÃO DANZI

A unica contra a caspa e queda dos cabellos

Premiada nas grandes Exposições Internacionais de Paris, Londres, Roma e Turim com medalhas de Prata, Ouro e GRAND PRIX

NA RIBALTA

Lóla é um primor... Uma gentil pequena,
Que tem *la gracia* de uma espanholita;
Morena — É bom dizer que ella é morena,
P'ra que se saiba que é tambem — bonita!

Quando ella pisa *salerosa* a scena,
Dansando o tango a multidão palpita...
Freme o enthusiasmo... E ella, a sorrir, serena,
Toda se québra, e o lindo corpo agita...

Bravos! reboam... — "Que mulher divina!
— Dizem — Que pernas! Que quadris! Que fina,
Que estonteadora e deliciosa graça!

Ah! mal sabe a platéa, no entretanto,
Que o que lhe empresta esse fogoso encanto
São seus formosos borzeguins VILLAÇA!

LIVIO PERALTA





MARIANNA

MEDO, sim; porque não dizel-o? Tenho medo de tudo: d'esse sol que requeima, da floresta escura, das vozes estranhas que se levantam á noite no silencio. Quando saio por ali com as minhas saudades, as raízes das arvores, colleando á flor da terra, assustam-me: parecem-me monstros adormecidos. E quantas vezes já me tem acontecido gritar espavorida vendo um cipó balançar-se dos ramos como uma cõbra a formar o bote.

SOEIRO

Has de affeição-te á terra, a que já deves muito, Marianna. Se não houvesse vindo que seria do teu rapaz? Já estaria no sagrado, como os outros.

MARIANNA

Talvez.

SOEIRO

Quando me escreveste da sua doença, que te respondi eu? que o trouxesses e garantilhe a vida fiado no sol e no aroma das arvores só comparavel ao cheiro salubre que se respira no mar. Ali o tens feito, já intimo da natureza, com a cor do sol no rosto, que era de pura neve. E os outros? A n ssa casa é velha como a dos reis, senão mais, e o tempo vai-lhe abrindo as juntas e apodrecendo os esteios. Gente nossa entron de Hespanha pelos montes, fez moradia nas charneças, espalhou sementes e pastoreou rebanhos, colheu pão, pisou vinho, cardou lan. Gente nossa pelejou em Ourique o viu o milagre, brigou em Aljubarrota e em Val-

verde, sahii nos barincois do Algarve roteando nas brumas do mar novo: bateu-se em Africa, rompen caminho á India e lá está no oratorio da nossa casa, levada por um dos nossos, uma lasca do lenho que heróes levantaram num chão formoso para a primeira missa e baptismo da terra que foi chamada de Vera Cruz, e que é esta. Quantos seculos lá vão? Temos ainda os alieceres da casa cravados fundo, na historia; ponhamos-lhes muros novos, telhas novas e outros, do nosso nome, continuarão a gloria e a honra que estão a pique de desaparecer. Tu mesma sentiste o perigo, previste o desastre e fugiste com o rapaz e, ainda que a saudade te chame, ficas onde a vida é segura.

MARIANNA

Fugi, não nego. Não é vergonha fugir quando se é mãe. Nossa Senhora fugiu com o seu Divino Filho e tinha o Cen por ella e não conhecia a dor de haver perdido algum. Os outros, pobresinhos! foram-se, um em cada outono. Não tinham alento para resistir ao inverno. Mal começavam a cair as folhas iam se lhes as cores desbotando. Finavam se ás primeiras geadas. Este ficou-me porque fiz, para defendel-o, uma muralha de fogo com os castanheiros. Arasei o souto paterno, mas o berço não perdeu o seu menino.

SOEIRO

E assim — lá, para haver calor, queimase a arvore; aqui, para ter lume, não ha mais que sahii ao sol. Ainda no mais intenso inverno ha queitura na terra como em corpo vivo.

MARIANNA

Não nego. Mas d'ahi a dizes que isto é preferivel ao nosso campo vai muito. E' certo que o não podes amar como eu, que nelle sempre vivi. Delle sahiste sempre tanauino, ainda levaste brinquedos para o mar, cresceste nas ondas até que, um dia, cansado de temporaes e de incertezas, poustaste no primeiro enxuto. Pouco sabes do nosso Portugal.

SOEIRO

Sei que é a Patria, e tanto basta para que o estremeça. Mas Patria é mãe e a gente não fiea a vida inteira agarrada ao collo materno: vai ao destino sem, todavia, esquecer a benção e os beijos que recebeu pequenino. Mas a nossa mãe velhinha não prende a alma quando ella nos esepa pelos olhos para um rosto moço e lindo. Foi o que me succedeu quando pisei esta terra e é o que está succedendo ao teu rapaz. Lá o querias padre.

MARIANNA

Quando passava com elle pela igreja parava no adro e dizia-lhe: «Ainda hei de ver te ali dentro a rezar missa.»

SOEIRO

Pois aqui o tens em missão. O cirio que elle acende é o fogo das queimadas, o seu hyssope lá anda na altura: é a nuvem que rebenta em agua. A sua capa d'asperge é feita de luz solar. E casa, baptisa, abençõa. Vai vel-o a enxertar, a dar nome ás plantas, a borrar velhos troncos enfermos, a defender a florada, a exorcisar as pragas como os padres exorcisam os demonios do corpo.



Padre da Natureza, ali o tens. A sua missa lá está no altar.

MARIANNA

Pois sim, mas eu é que não me acostumo com isto. Estou velha, sem força para resistir á saudade. Antigamente era a vida que me attrahia, agora é a morte. Preciso de alegria para os olhos, já que a não tenho no coração e isto aqui entristece, ambrunha, amedronta. Estas arvores monstruosas, retorcidas em agonia, com as raizes a saltarem da terra, como se lhes não baste a profundidade para se distenderem lembrando as das historias. Vendo as mover os galhos, sacudir a fronde, ouvindo lhes o susurro, tomá-las por creaturas humanas encurtadas por algum genio e, quando por ellas passo, cuido que me acenam com os ramos, pedindo socorro. Até creio que fallam, que andam, á noite, por ali, que vão beber ao rio. Onças da cama e já, uma vez, acordei sobresaltada com o barulho afflieto das infelizes. Ajoelhei-me e rezei por ellas.

SOEIRO

Orações não se perdem: hão de vir em graça aos ramos, na primavera.

MARIANNA

E lá, o nosso campo? Não tem a grandeza desta vegetação, mas não vale menos por tal. Lembras-te ainda do trigo? Lourinho, em méda, a dourar a eira. E' uma palhinha e dá o pão e a hostia. O linho é um fio de herva e alveja em lençol de noivado e em toalha de altar, é forro de berço e é sudario. A oliveira é uma arvoresinha e dá o azeite, que é lume e emoção. A cepa, tão fragil que se arrima nos carvalhos e aos ulmeiros dá o vinho que reanima e consagra. Para que mais? São plantas do Senhor, trazidas dos Evangelhos. E aqui? E' tudo arvoredado hostil e esteril.

SOEIRO

E' a virgindade, irman. Que pedes tu á donzella? mocidade e belleza, saúde, innocencia e graça. E' o que aqui ha: terra vir-

gem. Toda essa vastidão de chans agrestes, de outeiros frondosos, de valles versudos está a pedir esponsaes. Quando aqui chegaste, ha pouco mais de um anno, aquelle trato, onde agora é lavoura, jazia a monte. Trabalhadores derrubaram o arvoredo como se despiassem um corpo dos seus vestidos, lançaram fogo á restolhada e aos teros — a chama foi como um beijo em carne moça. Toda a seiva affluia á flor do so'o e o arado, rompendo sulcos para a sementeira, fazia expluir o humus. Viç de paraiço. Fertilidade biblica. Ali a tens, ante os olhos. A matta b. avia de hontem é seara farta e deslumbra ao sol. E as nupeias proseguem. Amanhan será uma grande familia da natureza a dar flor e fruto: o pão e o vinho. E, em vez do linho, que é neve em fibras, dará o algodão, que é novello de luar tépido e, longe, por varzea e montanha, a infancia da terra, que é a floresta, chorando, sem dó, as aguas serenas e desferindo no ar o vôo dos passarinhos.

MARIANNA

Pois eu vivo a pensar no que deixei. Fazia frio quando nasci: era Janeiro e nevava. Tenho saudade das estradas, das arvores magrinhas, do lume vivo no lar e do vento a gemer. Esta terra sempre ao sol atoadôame. Não descança, não dorme como a de lá. Talvez seja da minha velhice pensar assim. A verdade é que as crianças enfecam-me com o barulho da sua alegria. Nada como o ruído da roça á beira do fogo, uma historia de fada ao serão e, lá fóra, o vento mugindo. Quem me dera voltar á nossa aldeia entre montes.

SOEIRO

Ouve, Marianna. Poucos homem terão soffrido como eu. Como, ha pouco, disseste sahi do berço para o convés de um barco. Com a morte de nossa mãe, que não conheci, a falta de quem se quizesse amofinar com uma criança que ainda pedia collo deram-na ás ondas para que a embalassem. Bóas amas, coitadas! que acabaram de criar com o leite amargo das espumas. Os escar-

ceus foram os seus companheiros de infancia com as vagas que rebentavam a bordo rolava a pobresinha duma a outra amurada e, quando mais furiosos se desencendiam os ventos zunindo nos cabos, rompendo as velas anchas, lá ia o pequenito pelas enxarcias como uma aranha pela teia, encharcado até os ossos, tiritando, batendo os dentes e tão retransido que o seu choro infeliz mais parecia um gargalhar de linceo. Ai! de mim... Uma vez naufraguei e, agarrado ao banco do esquife, vi o brigue sossobrar.

Não soffreria mais ante a morte de um homem. A gente, afinal, ganha amizade ás coisas e acaba querendo as como a companheiros. E o brigue era tão gracioso quando corria á capa, tão lesto montando a vaga, tão agil fugindo á madria. Cresci nos temporaes e nas ingratidões, habituei-me a todas as desgraças e, como andava sempre de braço dado á Morte familiarisei-me com ella. Fiz-me homem e, conhecendo o mar e todas as costas do mundo, tomei o commando de um barco e lancei-me afoitamente á aventura. Fui feliz. Cansado dos oceanos tomei pé nesta terra que me pareceu agradável, mas a vida maruja tornara-me misanthropo. A cidade aborrecia-me, metti-me ao sertão, buscando a Natureza. Achei-a e formosa e nella encontrei o amor. Casei-me e, ao cabo de um anno de felicidade virtuosa, fui pai. A Morte, porem, que sempre andava comigo, levou-me a esposa deixando-me com uma criança nos braços. Vivi annos na visinhança do tumulto adorado, accumulando ouro, até que, sempre attrahido pelo mysterio — o que é proprio da nossa raça — tendo noticia d'estas terras novas, reuni gente, desfiz-me do lar, e puz-me a caminho, estanceando em plena floresta entre gentes e feras.

(UMA SCENA)



Uma carta inedita de Fialho

Talvez seja a ultima carta que Fialho de Almeida escreveu, pois vem datada de 25 de fevereiro e em 5 de Março os jornaes espalhavam a noticia de sua morte.

E' dirigida a Humberto de Campos, o nosso distinctissimo collega do *Imparcial*, o poeta optimo da *Poeira*, de

quem publicamos no numero de hoje, um soneto inédito.

Eil-a:

"Cuba, Alemtejo, 25 fevereiro 1911.

Senhor Humberto de Campos, meu illustre poeta.

Como as areias do Tejo e do Sil, a sua *Poeira* tem pepitas d'ouro em suspensão.

Separar pela leitura esses polyedros de metal rico, é um prazer que hoje tive, e que V. Exa. me proporecionou com o envio do seu livro.

Quero significar-lhe que estou muito

grato á sua delicadissima lembrança, que me permite saudar um poeta ardente, de vestidura aristocratica, perfeito como um grego, e flexuoso e sensual como um verdadeiro americano.

Santa Técla, Lacoonte, Historia d'um jarro, tudo isto são poemas modeláres de forma e de conceito, em que a lingua portugueza pulsa sonoridades novas, vibrada pelas cordas d'uma lyra brasileira. Com muita sympathia e admiração, de V. Exa.

— confrade em letras

FIALHO D' ALMEIDA.

Cartas de Stelio a Zail



Passo pela tua casa. E' como as outras massiça e cinerea, e todavia parece-me alguma morada magica da Brocelandia. O quarto em que te moves é uma gruta cerula, o toucador uma fonte encantada, e quando tu chegas á janella um subitaneo albor invade o mundo.

Phantasia! Litteratura! dirás tu.

E no emtanto é a verdade como a vejo e como a sinto o que eu te digo. Nas minhas palavras, como numa lisa agua se espelha apenas a tua imagem e o teu encanto. Litteratura! Oh, não! Eu não quero entre nós nenhum artificio, nenhuma ficção, nenhuma mentira.

Expontanea falla-te a minha alma, e si alguma luz a doura, é a luz que vem de ti.

Assim a lua faz da agua de um poço uma gemma viva; assim, o sol, basta fallar nelle: já reluz e deslumbra; mesquinhas e superfluas são-lhe as imagens e os adjectivos.

Tu és para mim como a lua e como o sól, Zail.

«As portas magicas», disseste outro dia fallando da musica. Como é justo! Rompe ella, e o espaço alarga-se e povoa-se; sobre as formas usuas e definidas um mundo de apothose paira: ondeantes chymeras, luzes e harmonias voam sem forma, e ao longe, a fulgir mirificos e encantados, thesouros, thesouros e thesouros...

Nada mais limita o mundo e a alma. Voa e desfaz-se a essencia humana... E os desejos sem nome, paizagens que não existem, coisas que não se dizem e que todavia palpitam em nós e na natureza, tudo ella exprime, exalta, suaviza e contenta, num divino fluir de harmonia, de sonho e de felicidade...

O' portas magicas, porque vos fechaes?

Marion fallou-me hoje do Carlos, com desprezo. E eu que cria que ella o amava! Como os homens se enganam!

Não será todo o amor uma illusão, um tecido de enganos e mentiras?

Ficou-me n'alma uma tristeza. Passo por uma rua. A' janella de uma casa, uma linda moça olha o transito com indiferença. E' como Marion rosada e loura, e tem como ella esse olhos claros e distantes, que não se absorvem nunca e parecem afastar de si tudo o que é ingenuo, humilde, fervente, tudo o que não augmenta o seu esplendor vaidoso, ou perturba a sua egoista indiferença.

Oh, a dureza d'essas almas, a miseria e a crueldade natural d'esses olhos que as espelham!

Serão todas assim? Uma duvida atroz me aflora a alma. Mas a tua imagem surge. Tu nada dizes. Fitas-me com os teus olhos brunos e serios que se espantam, se entristecem e fogem offendidos de quem assim te desentende e insulta.

E eu comprehendo a insensatez de te comparar ás outras, e a immensa ventura de ter encontrado na terra o clarão bendito dos teus olhos.

JACOMINO DEFINE.

Scena de outro planeta

Dialogo do passado

Não estou brincando. Falo com a maxima seriedade, insistiu o Varella, diluindo o sorriso num jacto de perdigotos. A gloria do Felicio brotou da nossa covardia como uma flor brota, ás vezes, de uma estrumeira... Mas não tem o perfume da flor. A estrumeira deu-lhe tudo, inclusive o aroma... E a nossa vingança, embora seja tambem o nosso desespero... É uma gloria que empesta o ar e bole com o estomago. Não creio que haja nas farmacias, nem mesmo na vida de certos politicos, vomitorio mais violento... Felicio repugna e, quando não repugna, irrita. Houve, evidentemente, no forjal-o, um equivoco do creador. O creador enganou-se ou na escolha do material ou na fôrma em que soccou o material. A fôrma era de homem, mas o material não era... Felicio é de uma insignificancia mental que lembra um Himalaia invertido sobre o qual caisse a desolação e a esterilidade de um areial sem fim... A flora das ideias não apresenta alli, ao olhar mais investigador, um só exemplar interessante; uma vegetação rasteira e amarellada de logares comuns cobre o que a areia deixa livre... Não se vê, nem mesmo trazida de longe pelos ventos rijos, uma folha que denuncie a existencia, sinão de uma arvore, ao menos de um arbusto... É tudo chato, secco e nú... Só ha uma coisa maravilhosa em Felicio: a fauna dos instinctos. A cada passo uma fera estranha, de olhos sinistros e garras terrificantes, salta deante da gente prompta para o ataque... Outras vezes, é um monstro, esborrachado e hediondo como um sapo immenso, molle e visguento, que se arrasta aos nossos pés... Outras é uma ave enorme, na visão certa da presa, que desdobra, de repente, sobre a nossa cabeça o trapo mortuario das azas negras...

Não direi que Felicio seja um Nero porque Nero foi, em todo o caso, um homem intelligente... Não direi tambem que seja um Caliban porque Felicio não é de fisico repellente e tem nas suas formas qualquer coisa de harmonico...

Mas se tirarmos a intelligencia a Nero e puzermos um pouco de ordem nos traços e no feitio de Caliban teremos um Felicio aproximado.

Se quizermos, porém, um Felicio completo e facil, basta atarrachar a esse tronco a cabeça de um conselheiro Accacio entre duas edades... Até na monstruosidade, como vocês estão vendo, elle não, tem personalidade; a sua monstruosidade é feita de pedacos de monstruosidades alheias... E com esta, meus amigos, muita boa noite. Que Deus os guarde de Felicios, e outras sezões mortaes.

Basta, por hoje, de fazer obra que não é de homens: crucificar a quem o merece.

Quando o Varella saiu — e elle saiu dizendo estas ultimas palavras — estourou na roda uma gargalhada sonora.

Eu fiquei interdito. Então, o Felicio era aquillo? O Felicio, cujo nome e cuja figura enchiam os jornaes e as revistas, o notavel, o glorioso Felicio era aquillo?

— Sem tirar nem por, disseram os companheiros, aos quaes não pude occultar a minha surpresa.

— Mas, então, volvi, indignado, vocês ouvem estas coisas e não estremeceram de revolta?

Vocês não se envergonham de viver numa terra em que um Felicio é uma potencia e um padrão?

— Que quer Você que façamos?... Somos poucos e a covardia é geral...

— Façam ao menos o que faz o Varella: falem, gritem, berrem, esbravejem. Desnudem o idolo e, a martelladas fortes, como acaba de fazer esse corajoso Varella, desarticulem-no, arrebetem-no, reduzem-no a pó.

Tanto vocês dirão que o publico acabará por se mover... A palavra é na cabeça do povo o que na pedra é a gota de agua...

Uma gargalhada, mais sonora e retumbante que a primeira, cortou-me a phrase.

— Ah! Ah! Você quer que façamos o que faz o Varella! Ah! Ah!

— Por certo. De que é que vocês se riem?... Façam o que Varella faz, sim! Digo-o e repito.

— Mas sabe você o que é que o Varella faz?

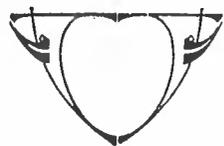
— Pois não vi, ainda agora mesmo? Não o vi, com um vigor extraordinario, ainda ha poucos minutos, arrazar o Felicio... É isso o que elle faz e o que vocês precisam fazer, por todos os meios e modos, a toda a hora, em todos os logares, a face de todo o mundo...

— Ah! Ah! Você está mais divertido que um artigo sobre finanças ou um discurso sobre tarifas das alfandegas. Diriamos até, se não soubessemos qual a sua origem, que você caiu da Terra. A gente daquelle planeta é assim, fantasiosa e sonhadora... Quer saber quem é esse Varella?

— Um espirito, um caracter e uma vontade.

— Pois é, simplesmente, o jornalista que o Felicio tomou de aluguer para lhe celabrar, diariamente, na imprensa, o em todos os tons, os talentos e as virtudes.

PLINIO BARRETO.



Bondes electricos em Pirajú



UM GRUPO APANHADO PELO *Pirralho* E DO QUAL FAZEM PARTE OS MEMBROS DO GOVERNO QUE ASSISTIRAM Á INAUGURAÇÃO

DOLOR!

(A *Emilio de Menezes*)

Outros antes de mim soffreram. Paladinos,
Principes, mesteinaes, papas e menestreis,
Sob estrellas fataes, sob ignotos destinos,
Viram chorar a Dôr no brilho dos laureis.

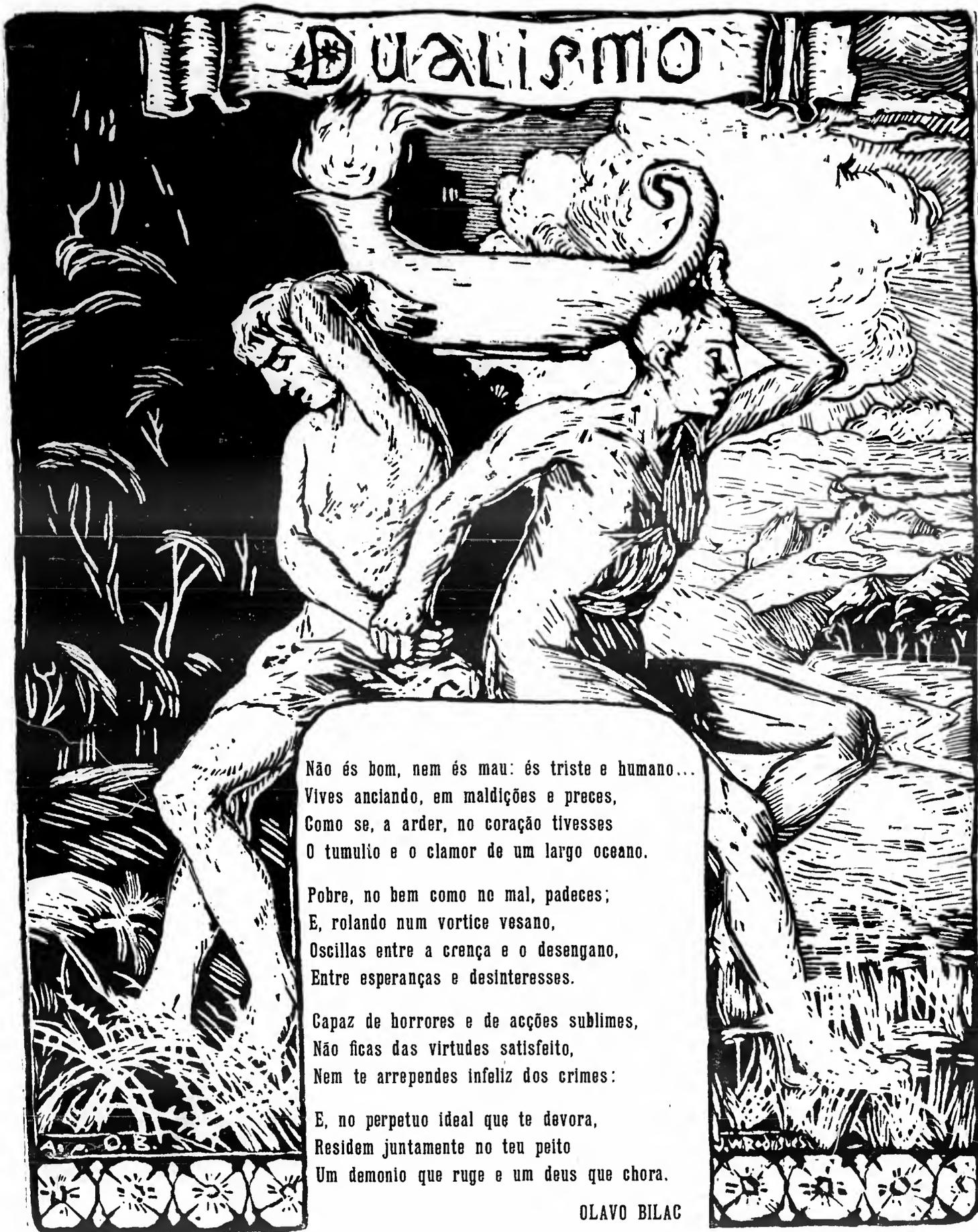
Por estradas sem fim, monges e peregrinos;
Guerreiros ao galope ardente dos coreeis;
E satrapas e reis, tetrarchas e rabinos,
E fidalgos christãos e guerreiros infieis:

Todos, ou combatendo a adaga, a espada, a lança,
Ou cantando ao luar amores que morreram,
Ou o Amor resguardando ao calor da Esperança,

Conheceram a Dôr... Assim, nesta tortura
Que a vida me destróe, recordo os que soffreram
E não sei mais si a Dôr é dôr o si é ventura...

ANTONIO TORRES

O PIRRALHO



Não és bom, nem és mau: és triste e humano...
Vives anclando, em maldições e preces,
Como se, a arder, no coração tivesses
O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padeces;
E, rolando num vortice vesano,
Oscillas entre a crença e o desengano,
Entre esperanças e desinteresses.

Capaz de horrores e de acções sublimes,
Não ficas das virtudes satisfeito,
Nem te arrependes infeliz dos crimes:

E, no perpetuo ideal que te devora,
Residem juntamente no teu peito
Um demonio que ruga e um deus que chora.

OLAVO BILAC

O TRIUMPHO DA MORTE

— O' Luz benedicta, ó azul, ó seiva quente de floresta adusta, entra em mim, dá-me alegria, inunda-me de vigores, de sons, de alacridades, — exclamava Paolo Martel caminhando a passos lentos, sob as ramas que se entrançavam, esforçando-se por haver as mesmas sensações do antanho, de ser o que era outr'ora, igual aos outros homens, a haver das cousas as mesmas impressões, a sua justa medida, a receber da vida o que ella lhe offercia em o momento, a sua visagem magnifica de scintillações...

— Em a minha idade, a morte de uma amante não deve trazer atraz de si estas rebeldias dementes que me sugam todas as ridencias, todas as festividades das horas... O amor é como a arvore que reverdeja, é uma emoção que se refaz, é um facho apagado que se incendeia... é sempre uma resurreição...

— E as suas mãos descarnadas e pallidas fremiam, torciam-se, soffriam as nevroses terríveis que o atormentavam.

Ao longe, elle via perpassarem pelo ether, corvos espalmados em rondas eternas a tecerem eorôas invisíveis, secretas para as suas victimas, cá em baixo em a planice; sobre a areia branea da estrada, deslisavam sinistras, as suas sombras com esgares de espectros, de phantasmas que espreitavam...

— Meu Deus em toda a parte, a morte a me seguir, a me segurar, a gelar-me as visceras, os ossos, as pulsações... Talvez ja traga em o meu palôr, a sua fragancia extranha, unica...

Aniquilar-me aqui... deitar-me sobre estas folhas tambem mortas... abrir-me as veias, entregar á terra o meu sangue vivo, eu mesmo, e todos os destinos que n'elle palpitam... deixar que sobre o meu corpo desçam essas aves vorazes, aduncas, famintas de fibras novas, freseas... deixar que sobre mim, silvem os seus instinctos, a sua rapacidade, a sua maldição millonaria...

Ah, não, não, — bradou elle alto, offegante, apalpando-se, examinando-se, verificando a sua existencia, a sua pessoa ainda inteiriça, ainda illesa.

— Oh, minha alma, aonde estão a tua força o teu animo que eram a tua efflorescencia incisiva... Como te abrias para a vida gloriosa! Eras offrenda eterna de mocidade e de prazer.

Tudo vinha a mim com tropel de beijos, de pandeiros agitados, de epithalamios febris... Oh, recordo-me da irreverencia doirada, da ebriez aguda do meu senso ao sentir a violencia dos eóos florentinos e o ardor das suas mulheres de olhares obliquos... E a minha altivez ante o desafio de um rival,

ao apanhar a rosa de uma Sevilhana morta a dansar... — E seus olhos se enehiam do lagrimas e seu dorso se curvava, preso de dôres incoercíveis, de certezas, de presagios irremediáveis, funéreos, agoniantes.

— Vida sobeiba e varonil, soccorre-me, aeorrenta-me, por piedade absorve-me, sacceia-te do mim, ah, bebe-me, bebe-me, exgota-me... — E Paolo Martel sentia-se desfallecer, parecia-lhe que a vida, a alma baixavam, baixavam, retiravam-se.

— Vida maravilhosa, quero a tua forma infima! Ser verme, qu'importa, com tanto que viva, que haja sobre mim, essa reverberação, esso fluido, essa energia que me faz mover, deslocar, transportar-me... Eu quero a vida! — repetia elle, a sua vontade azoinada de vida, mas ao ouvir o seu proprio som, dir-se-ia que das profundezas do ser, de suas mãos, de suas arterias, subiam-lhe entre echos de gargalhar, estas palavras: eu quero a morte.

— Morte infernal, odeio-te — exclamou elle, baixo, colerico.

— Magdala, amante perfumada, que jazes em um tumulto florido, aplaca com teu sorriso, com teus cabellos cheios de ventos brandos, com teus dedos que eram dez serpentes avidas de caricias, essa Parca cruel, inexhoravel...»

Ao acabar essa invocação, pareceo a Paolo que seu eoração se alliviava, se tornava mais aligero, mais solto, quasi diaphano: um coraçãozinho de porellana, o quo elle era havia seis mezes, quando recebia o sol de lado a lado, como a onda ao brincar com a luz.

— Amanhã, Magdala, quando te levar as rosas braneas, pedirei á Virgem que te purifique com seus gestos, que te haja sempre sob seus pés... Os pés de uma Virgem são thronos, potencias... Talvez esta noite em sonetos rubros, cante a renovação eterna das cousas...»

Paolo parou, eneostou-se contra o tronco robusto de um jambeiro em plena virilidade; em seu intimo, eria receber d'essa arvore verde, moça, pujante, incitamentos, vigores, equilibrio, harmonia, sensações salutaras, communs, fixidez.

A tarde surgia esplendida, repentina, com todas as radiosidades esfusiantes de uma victoria... o céu estendia sobre a terra um grande lyrio aberto, uma magnolia estreitada, alongada, ainda em botão. Em esse instante Paolo percebia a nitidez, a clareza das linhas, o concavo das curvas, a saliencia das pontas, das arestas da follaagem. Tudo se immobilisava, tomava attitudes somnolen-

tas, graves... insensivelmente seus braços acompanhavam o rocato geral, elle tambem era planta, insecto, ser humano, filho da natureza...

Mas a noite chegava, chegava impaciente, ampla, em massa, tudo abrangendo, tudo transformando, pesada de mysterios, de pesadelos terríveis. Pouco a pouco, um terror inexplicavel se apoderava de Paolo, elle assistia, impotente as mudanças que, apezar de si, se lhe faziam em o amago: já se segurava, se premia contra o tronco robusto... os galhos que lhe ficavam sobre a cabeça, os estrepes do chão, as vergontas, as gavinhas, em a sua visão doentia, já se desviavam, já se punham de travez, do esgueiha, cruzavam se... e em toda a parte elle divisava cruces de pé, tombadas, soltas, a se libragem... Elle mesmo era um cirio enrolado em crepe... seus cabellos remoinhos do fumo... Assustado reeuou:

— Senhor Deus soccorrei-me — e seus olhos se fixaram rigidos, todo elle era metal, pedra, rocha embutida de pavor.

Em a sua halucinação, o jambeiro que o sustentava, se fendia em franchas, cobria-o, fechava-o... faltava-lhe ar, vãos, claridade... — Ai, suffoco-me — e a sua voz perdia-se em a garganta envolvida em estertores.

Livido, tropego, a ziguezaguear afastou-se: andava a custo; a gravata, o collarinho jaziam desfeitos; o seu olhar se dirigia sempre para a frente; elle parecia fugir á cohorte funesta que em a sua imaginação, o perseguia; por vezes batia com os braços como que empurrando as mãos invisíveis que o tiravam pelas abas do casaco, pelos cotovellos e em o seu delirio tapava os ouvidos afim do não ouvir o ehocalhar das articulações nuas, despidas, sem carne.

— Deixa-me, estou vivo, não quero morrer. Vae-te, vae-te — rosnavá baixinho, a caminhar.

— Não; és quasi um moribundo, serás meu, a minha folia e será hoje mesmo — insistia-lhe uma voz seereta. — Dar-te-hei a paz, dormirás, serás creança, terás a vida dos seres inorganicos, serás inmortal...»

— Eu quero a vida! — gritou elle convulsionado, entrando em o quarto, arrancando de si mesmo, de suas volições, outras energias.

— Vem, vem... — E elle se inclinava para essa força que o arrastava — Seroi o teu amôr, a tua companheira fiel, magnifica, e-gual, sem alternativas, estarei em ti, total, como um corpo vivo...»

— Eu quero a vida... eu quero a vida... — repetia elle, afrouxando, exhausto, estabico.

Em seu intimo echoava com renitencia:
— Não serás um cadáver... não irás para a terra... a terra é pesada, monotoná, abafada... Serás o escaravelho branco dentro de esmeraldas movediças... Irás para o mar fremente... serás um corpo a rolar sem vida própria, mas enfunado de vidas alheias... serás qual avena em a boeca de Pan, inflamada de sópros... O mar é bem o tumulto para um Poeta...»

— Morrer e haver liberdade, espaço... não permanecer na immobilidade... seria reviver... — pensava Paolo, a sorrir, esvaido, os labios estirados.

A vida para esse cerebro em delirio, era agitação, excitamento, febre de acção.

— Baloçar-me em entranhas de onda, como um sol, como a lua formosa... — balbucion elle, vencido, subjungado, invadido pela volupia da morte: — Assim, quero morrer...»

Preso de um accesso de forças extraordinarias e multiplas, puxou as gavetas, destiu todos os papeis, escaneou as janellas, fez uma reverencia e sahiu quasi a correr, calmo, feliz: — Não é a morte, é a vida...

...Sim, entrarei pelo mar a dentro... rasgarei as suas aguas... Serei o seu escaravelho branco... — dizia elle a esmo.

ALBERTINA BERTHA

Rio, Agosto 1915

Instantaneos



No triangulo

SUB TEGMINE...

I

A' sombra tutellar destas arvores, nesta
Estancia verde e calma eu vim buscar mais vida
Com que rejuvenesça a vida que me resta:
— Sarar o corpo doente e a alma desilludida.

Natureza! sê tu a minha Margarida!
Dá que eu sôrva num hausto a alma virgem de Vesta
Que se evóla de ti; que vive diffundida
No seio maternal e augusto da floresta:

Bôas arvores, sois para o meu ser exausto
A gloria de viver, a alegria, a saúde...
Braços de Margarida, abraçai vosso Fausto!

E assim, serei feliz, perto da Natureza,
Amando, em sua eterna e flórea juventude,
A vida na expansão do amor e da belleza.

II

Arvores! junto a vós como esta vida é bôa!
Como é calma e feliz no seu simples aspecto
Para quem vai buscar num seio mais discreto
A paz que lhe faltou e os ramos vos povôa.

Se o homem vos bemdiz, tudo vos abençôa,
A vós, que sois o berço, o leito, a mesa, o tecto...
Desde o verme rasteiro ao volatil insecto,
Da ave implume no ninho ao passaro que vôa...

Ah! soubesse quem sois; e, de alma enternecida,
Não vos cortára, não, o homem rústico e bruto:
— Poupando-vos, poupára a alegria da vida!

Não vos magoára, emfim, neste sonho impolluto
Em que a mãe Natureza a viver nós convida,
— Um riso em cada flor, um beijo em cada fructo!

DA COSTA E SILVA

CANTO REAL DA GLORIA

A Vicente de Carvalho

Sob o regio docel do helleneo firmamento,
 Donde os Titans reveis foram precipitados,
 Homero, a lyra à mão, celebra o valimento
 Dos argivos herões por Pallas aurcolados:
 — Canta os feitos de Ajax e Ulysses, a bravura
 De Achilles, o esplendor marcial e a formosura
 Da Deusa bellatrix de graça peregrina
 Que em prol da Grecia brande o gladio que fulmina...
 Com dois versos conduz o plaustro da victoria!
 E cores, luz e sons o semideus combina
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

Paganini dedilha o querulo instrumento...
 Uma nota suspira e evola-se... Abafados,
 Vão subindo primeiro os sons num choro lento,
 Como um flebil planger de corações maguados!
 Dir se-ia que o violino uma oração murmura
 Para depois clamar! A humana desventura
 Acorda soluçando em tremula surdina,
 E logo sangra numa angustia repentina,
 Que esmaece e desmaia em queixa mercenorea...
 É uma alma que se entrega á febre que a domina
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

Sanzio, mudo, a scismar, num embevecimento,
 Deixa o espirito alar-se a mundos encantados:
 E no radioso céu do seu deslumbramento
 Brilham sideralmente uns olhos adorados:
 E com tintas subtis traça, com mão segura,
 Tenues linhas de luz, e em breve, na brancura
 Da tela, resplandece assim como a imagina,
 Num halo de turqueza, a branca Fornarina
 Que lhe enche de perfume a vida transitoria
 E em cujo seio busca inspiração divina
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

Phydias contempla o alvor do Paros um momento,
 E rasga-o: e logo vão surgindo arredondados,
 Contornos feminis de um claro polimento,
 Da venusta feição dos marmores sagrados!
 Saltam lascas do bloco, estala a pedra dura:
 — Um par de scios mostra a rara cinzelura;
 De um ventre de Aphrodite eleva-se a collina
 E umas pernas triumphaes, alvas como a neblina,
 Sustêm de um torso grego a perfeição marmorea
 Com que o genio immortal as gerações fascina
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

Arde nos camaphcus leve chammejamento...
 Pelas patenas d'ouro e hostiarios rendilhados
 Fulge a saphyra azul, chispa o rubim sangrento,
 Num enxame vivaz de brilhos irisados.
 Cellini com ardor faceta opalas, fura
 Caros metacs e crava o sol em miniatura
 De um beryllo oriental numa custodia fina;
 De um carvão desengasta a estrella matutina...
 Assim, com gemas abre um sulco astral na historia,
 Manejando o buril de ponta adamantina
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

OFFERTORIO

Egregia Athene! Tu, que á Terra pequenina
 Lanças do Olympo o olhar, que é bençã opalina,
 Protege os que atravez da humana trajetoria
 Haurem o fel que hauriu Jesus na Palestina,
 — Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

GUSTAVO TEIXEIRA

PELAS ARTES

São Paulo está cheio de artistas e o Rio de Janeiro também.

N'um singular movimento de verdadeira estação as duas cidades trocam celebridades, companhias, trios musicaes.

A notar como acontecimento nosso o apparecimento de uma bailarina classica brasileira que se vae dar no proximo domingo, 12, na grande festa promovida por Mme. Weneeslau Braz em favor dos flagellados do Norte, na Quinta da Boa Vista, no Rio.

Chama-se Carmen Schindelar e tem apenas onze annos de idade. Começou os seus estudos de dansa na Europa, com sete annos. Coursou a Opera de Paris e o Scala de Milão, tendo interrompido a aprendizagem artistica por causa da guerra.

Carmen Schindelar



Dansarina brasileira de 11 annos

No Rio de Janeiro, Carmen Schindelar, encontrou quem amparasse o seu vivo talento e a sua extraordi-

ARTISTA RUSSO



Mischa Violin

naria vocação. Coelho Netto que vae sendo o apostolo do nosso theatro nacional é quem a faz conhecida do publico de seu paiz. Sob a sua carinhosa direcção, Carmen Schindelar estuda na Escola Dramatica, devendo talvez dedicar-se tambem á comedia e ao drama. São Paulo deverá conhecê-la na excursão que Coelho Netto pretende fazer aqui, no fim do anno, com a Escola Dramatica. E' uma idea, essa da vinda dos nossos artistas, que deve ser amparada pelo governo e pelo publico.

Verse á então o que tem conseguido o devotamento de Coelho Netto.

Felyne Verbist, outra dançarina, esta menos joven que Carmen Schin-

delar, mas a mais joven das dançarinas feitas, exhibirá segunda-feira proxima em São Paulo a sua arte nervosa, delicada e perfeita.

E' uma grande creadora de rythmos de attitudes, de poses, de volteios que se celebrisou pelas platéas da Europa.

A sua estréa no Casino Antarctica será concorridissima.

Completando o movimento de intercambio intellectual que Demarehi e Garay iniciaram no Rio, está entre nós a companhia nacional argentina.

E' um conjuncto serio e harmonico.

FELYNE VERBIST



em "Salomé"



Tem nos dado peças que mostram como é possível fazer-se theatre na America do Sul.

Arellano e Tesada bem como a intelligente Quiroga e os seus mais companheiros são artistas de merito real.

Dirigindo a *tournee*, veio o Dr. Duhau, vice-director do *El Diario* de Buenos Ayres. É um critico notavel e uma sympathica figura de homem de letras.



Mischa Violin tambem se acha entre nós.

Os seus concertos tem sido verdadeiras revelações de arte.



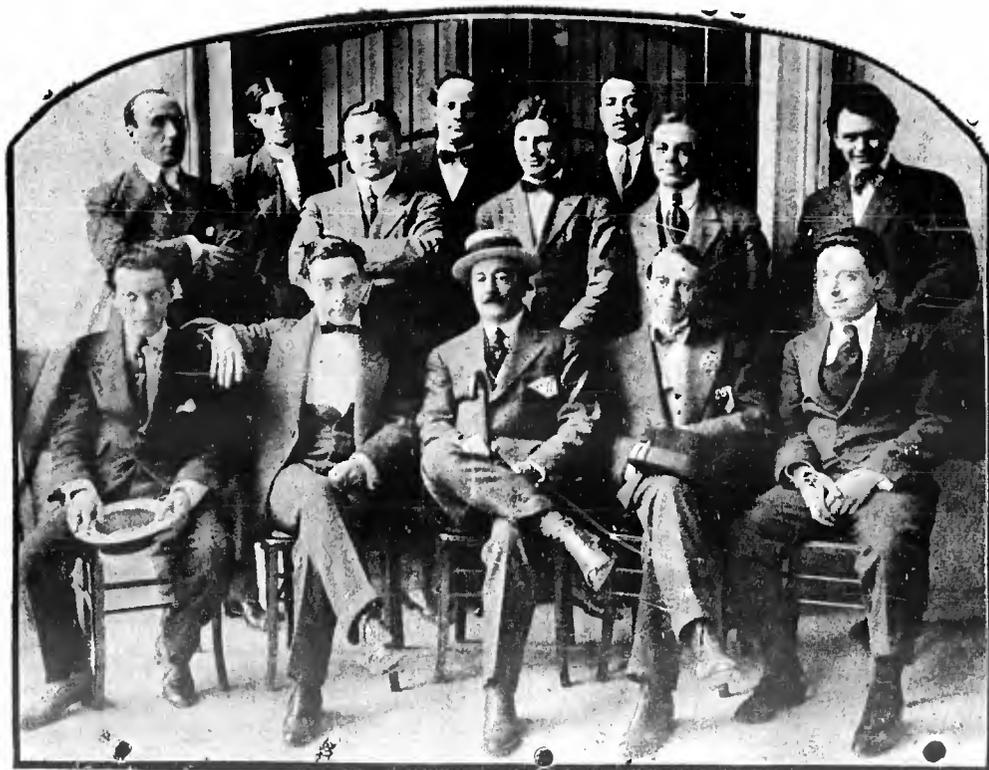
A Sociedade de Cultura Artistica no seu continuo labor em prol do nosso desenvolvimento artistico vae apresentar-nos agora o trio musical,

COMPANHIA ARGENTINA



Grupo de actrizes

COMPANHIA ARGENTINA



Grupo de actores, vendo-se no centro o dr. Duhau, vice-director de *El Diario*

Antonietta Rudge Miller, Paulina d'Ambrosio e Bellarmina Bormann.

No Rio, as tres sympathicas figuras tiveram um notavel acolhimento.

E' provavel, que, sob os auspicios da Cultura Artistica, venha brevemente a São Paulo um grupo composto de Bilac, Goulart de Andrade, Gregorio da Fonseca, Oscar Lopes e Leal de Souza.

Os deuses de casaca



Goulart de Andrade no papel de Mercurio

FAZENDA VELHA

Neste retiro os longos dias passo,
Sem alegrias e sem dissabores,
Vendo as aves cruzarem-se no espaço
E as paineiras vestirem-se de flores.

Habito, solitario, uma vivenda
De amplos salões, phantastica e sombria.
Em redór, as senzalas da fazenda
Ao fundo, o vulto azul da serraia.

A' orla do matto virgem mysterioso,
No silencio das tardes pensativas,
Gemem as juritis de vólta ao pouso
E trillam docemente as patativas.

Eu vejo debruçando-me ás janellas,
Sobre a monotonia das capoeiras,
Altos ipês de frondes amarellas
E adustas, retoreidas perobeiras.

Depois, no ceu de opala, se encastoa
A lua merencorea. E pelos campos,
Por sobre as aguas mortas da lagoa
Tremeluzem, bailando, os pyrilampos.

Ha sussurros extranhos pela brenha.
Fóra, a noite estival fulge, tão clara
Que, como em prata fôsea, se desenha
No pincaro de um monte uma jissara.

E eu entro. Atiço o lume de gravetos.
E ouvindo ao longe uns pavidos rmmores,
Evooco a dança tragica dos pretos,
Num rufo de atabaques e tambores.

RICARDO GONÇALVES.



SEMPER

Na ancia de perscrutar as verdades supremas,
Mannü ou Zarathustra, aos mysterios alludes!
Creas as religiões, as artes, os systemas;
pregas o amôr do bello e a moral das virtudes!

Transpões o largo oceano, as alluras extremas!
Esquadrinhas da terra as vastas amplitudes!
Eriges capitaes, monumentos, emblemas;
levas o summo bem aos lugares mais rudes;

Amordaças o instincto e castigas o crime!
Procuras minorar a dor que nos altera
e surges semi-deus nessa missão sublime!...

Mas em vão!... És o mesmo!... A mesma lera eterna!...
Na ambição, no rancôr, no delirio da guerra
és o mesmo animal dos dias da caverna!

DOMINGOS MAGARIÇOS



LAGRYMAS

Lagrymas! nam posso tel-as.
E nem tampouco atural-as...
Quer no convivio das salas
Quer sosinho c'oas estrellas,
Lagrymas! nam posso tel-as
E nem tampouco atural-as.

No entanto dellas careço
Que ás dores são lenitivo,
Eu que só de dôres vivo
Comprava-as por qualquer preço...
Ai! tanto dellas careço
Que ás dôres são lenitivo...

Ah... si algum dia as tivesse
Quem sabe o que em mim fariam?...
(Olhos meus choraí...) seriam
Em meus olhos vãs parece....
Ah! si algum dia as tivesse,
Quem sabe o que em mim fariam?!...

ANGELO MENDES.



A ALMA DAS ROSAS

Quem sabe se Voltaire não disse: «o homem que primeiro comparou a mulher à flor, era um Poeta; os que repetiram a comparação, simples idiotas...»

A singela analogia, que criou tão graciosa imagem, perfuma de evocação e revela a essência verdadeira de um Poeta.

Desvendar, com a certeza inequívoca do instinto da beleza, a relação estrutural, de colorido e delicadeza, basta para assignalar, na intelligencia, a estranha capacidade de surpreender a curva envolvente do mysterio.

Os poetas que, posteriormente, usaram a enebriante comparação, — foram apenas homens interessantes...

Foi o ennevoado Mauricio Maeterlinck que ousou ensaiar o inquietante thema da «Intelligencia das Flores.» Certamente que ellas possuem o precioso dom de distinguir, na confusão do Universo, as coisas e os seres.

E não sei por que estranha associação de ideias, ligo às vezes, à expressão de algumas flores, designios perversos ou innocentes. Certas papoilas não parecem a alegria criminosa da vida excessiva? Ha açucenas que esponjam em suas candidissimas petalas uma dolorosa castidade.

Mas eu ia falar das rosas... das minhas rosas... Essas occultam, talvez, algum mysterio insondavel: o mysterio da vida, o mysterio da morte. Altas horas da noite, no silencio em que minha alma se dilatava como uma esponja dentro d'agua, — pareceu-me escutar, como um lamento mui brando e plangente.

Olhei. Olhei-me. Nada havia. Tudo dormia encolhido em profunda vida interior. As coisas se prolongavam numa esperança luminosa. Tal era a intensidade do silencio, que elle parecia, na sua immensidão, ter adqui-

rido novos valores de sonoridade; havia uma vibração immensa, illibada, illimitada, e que se não podiaprehender por se não conseguir desmarcalo em recorte capaz de servir à nossa capacidade de ouvir.

Em meio desse silencio, comprehendidi, então, que as rosas suspiravam, mansas, os ultimos alentos. Debruçadas no vaso de crystal, ellas se esfolhavam lentamente, e a intervallos.

Era a alma das flores que se desprendia d'aquelles corpos frageis, gentilissimos e pulchros que me tinham espiritualizado o olhar, deleitado o olfacto, acariciado o contacto, por longas horas, breves como um desejo realizado.

Talvez que ellas me tivessem dito coisas prodigiosas! Falavam, certo, de suas alegrias e de seus amores; e,

quem sabe? — evocaram com a graça espiritual de seu perfume o enigma de uma nova face da natureza. Mas a *nossa incapacidade* para sentir e comprehender tudo que não for a materia bruta, me fez ficar como cego diante do mundo luminoso. Como as flôres nos hão de julgar creaturas imperfeitas e bestiaes.

E pensava: a realidade que nos satisfaz é simplesmente a forma mesquinha e tosca de uma Realidade espiritual, mais alta.

Um murmurinho vago, como de floccos que se desprendem, fez-me sentir que as rosas ainda suspiravam. E como em responso, sem me aperceber, comeci a recitar a estancia dolorosa das *Flores do Mal*.

Dans une chambre tiède où, comme en une serre,
L'air est dangereux et fatal
Où des bouquets murrants dans leur cercueils de verre
Exhalent leur serpir final...

Em movimento impulsivo, agitei o crystalino vaso: e a mesa ficou juncada do cadaver, ainda palpitante, de minhas lindas rosas.

FLÉXA RIBEIRO

A SERRA

Do José Gonçalves

Projectando no azul a massa desconfirme,
De furnas, boqueirões e abysmos retalhada,
A serra, ainda a luzir do banho da orvalhada,
Abandona à soalheira o dorso escuro, e dorme.

Vem rolando de longe o valle fundo e enorme,
Que mais se afunda e alarga em busca da esplanada,
Ostantando a feição revolta e perturbada
De quem nunca encontrou modelo que o conforme.

A luz cáe sobre a matta, á larga, ao meio-dia,
As arvores douando e refulgindo em tudo,
E avivando o verdor da folhagem sombria.

Então de ramo em ramo, e de algar em algar,
Corre em espasmo, e a serra, em sonho longo e mudo,
Parece estremecer, ao sol canicular.

JOVINO DE FARIA



“PIRRALHO SOCIAL”



Mais um anno que pas-
sa....

Um anno cheio de lutas, cheio de tropeços, mas um anno vencido. Não houve crise nem coisa nenhuma deste

mundo que pudesse arrostar com a nossa educada força de vontade e com o animo forte daquelles a quem está affecta a direcção d' « O Pirralho ». « Não ha crise possível, quando ha resistencia, » dizia-nos ha pouco um homem de grande experiencia das coisas e do mundo.

« A formiga — continuava elle — não offerece resistencia á pressão do dedo de uma creança; e por isso, ella cede fatalmente, por que não tem força para supportar tamanho peso. Faça-se o mesmo com um insecto de outras proporções e ver-se-á que elle resiste ou nem se perturba com a mesma pressão.

Que prova isto, senão que tudo está na maior ou menor resistencia? Abroquele se o homem nessa forte couraça da vontade, *queira*, que conseguirá tudo quanto de melhor possa desejar. Ahi está como a nossa revista, nascida, é verdade, numa quadra em que ainda vivia o *velocino de ouro*, em busca do qual ella foi, como novo argo-

nauta, pode atravessar a parte mais perigosa da estrada ingreme que se lhe apresentava.

O « Pirralho », que vein a luz em meio das alegrias de um

punhado de moços cheios de coragem para a luta, que teve um berço de ouro, onde foi adorado, como o Messias, não poderia, por forma alguma, morrer

a mingua, nem estender a mão para receber esmolas. Mercê de Deus, elle vem caminhando com altivez, com dignidade, mantendo sempre aquella firmeza de conducta, aquella linha inquebrantavel de seriedade, nas pugnas que tem travado, muito embora seja o jornal da satyra e do fino humor, que critica sem offender, e brinca sem molestar. Tudo isso é um grande consolo para nós.

A attenção que os leitores nos tem dispensado ininterruptamente e incessantemente, desde o nosso primeiro dia de existencia, tem sido tão generosa, que mais não podemos fazer do que ajoelhamos aos seus pés, profundamente reconhecidos.

E que dizemos então das nossas gentis leitoras?

Essas, boasinhas e amáveis, têm sempre dado sua preferencia ao « Pirralho », que para ellas foi fundado, e para ellas é escripto. O « Pirralho » é e sempre foi, o « Jornal das moças ». Prova-o, o interesse que despertaram as intrigas amorosas que, sem querer, aqui urdimos e o sem numero de cartinhas perfumadas que recebemos e que ainda hoje embalsamam as gavetas da nossa secretária. Prova-o, o grande numero de photographias que publicamos sobre festas chics, em que o elemento feminino preponderava, e os retratos mimosos de muitas senhoritas da nossa melhor sociedade

Os nossos instantaneos



SOLUÇÕES DE IBSEN

A Sampaio Freire



LE já tomou o alto lugar que merece na litteratura de hoje, mau grado a *vox populi* cital-o differente de nós, por suggestão rudimentar dos bastidores do septentrião em que armou o seu palco — porque os gelos, a bruma do norte, o vento do pólo, a avalanche, o *fjord* e o *fjaell* occupam na vasta historia do seu mundo o lugar que a natureza tem em todo drama pessoal ou colectivo!

Ibsen é o primeiro rapsodo da obra pessimista e religiosa de Kant.

O allemão, na missão de alto commettimento da raça, arrasara as metaphysicas passadas, as crenças, as divisações, as construcções de especie ethica e philosophica.

Depois, na ruina circumdante de idolos, ideaes, chimeras, santidades, tendo ficado só o homem com a adoração dentro do peito — no peito abriu-lhe o proprio sacrario de Deus.

Ibsen apoderou-se do apostolado explicativo, em fábula e drama, historia e mythologia, do gigantesco cyclo kantiano.

De modo a vir primeiro parte nocturna, desgraçada,



que figuraram nesta secção, emprestando-lhe o brilho que antes lhe faltava, e muito. E este acollimento gentil das nossas leitoras, como agradecer o si aos marmanjos o fizemos ajoelhando nos a seus pés? Só com muitos beijinhos... na fronte. M.lles não se offenderão por certo com este osculo de agradecimento. Depois, o « Pirralho » é creança,

« uma creança que salta
que canta, que ri o chora... »

e uma creança assim, não somos nós, é o poeta quem o diz :

« é uma risoulha aurora... »

M.lles não se maguarão com o osculo, estamos certos... Mas... temos que dizer ainda. Não pára no beijo a nossa arenga.

Como sabem os leitores e as leitoras, esta secção, creada ha um anno e pouco, dois talvez, tinha por fim tratar de elegancias, modas, festas chics...

Só uma parte do programma ponde ser cumprida. De elegancia pouco entendemos, apenas admiramol-a. De modas... mas a moda morreu.

A moda hoje é uma ficção, uma chimera, um ideal. O proprio centro de modas, a grande Paris, abandonou-a por completo. *L'Elegance*, a brilhante revista dos figurinos modernos, desappareceu na voragem. Só tratámos aqui de festas chics, e das poucas que esse titulo mereceram. Por isso, o melhor é ficarmos sem programma.

Não somos mesmo amigos do methodo, embora o sejamos da ordem. Mas isto já não vale um programma?



INSTANTANEOS

M.lle J. F.

Clara, como as manhãs de maio, dentes alvissimos que são a porta desse palacio de crystal que ó a sua graciosa boquiucha. Olhos e cabellos castanhos. Olhos ternos como os da Monna Lisa de Da Vinci, olhos que são o espelho da sua alma terna e bõa.

Cabellos perfumados — fios do seda purissima que lhe adornam a graciosa cabeça. *Mignonne* e gentil.

* * *

M.lle M. P. de O.

Morena, cõr de jambo, meiga e graciosa. Cabellos negros como da Iracema de Alencar, cõr das azas da grauna. Olhos cheios de um brilho forte, vivos e grandes; parecem « dois grillos captivos em gaiola de vidro ». Pés de japonesa, tão pequenos que muita gente já os quiz calçar com petalas.

* * *

M.lle C. C.

É, segundo a opinião dos nossos melhores esthetas, uma das mais lindas moças de S. Paulo. Rosto alvissimo, corado e avelludado. Uma pintinha graciosa o adorna, como si fõra um ponto negro no céu claro do seu rosto. Muito gentil e delicada de corpo. Cabellos castanhos.

RUY BLAS

Horoscopus

J. S. R.

Fé ardente, muita philosophia, ambição, desejo de renome, de celebridade. Vaidade. Elevação, sentimento da força. Não se exprime com a franqueza do temperamento. Ao contrario, occulta os pensamentos e os desejos. Muita originalidade, muita imaginação. Espirito ardente. Sente o bello, muita poesia, espirito polemista e de elite. Intuição e observação. Tem a imagem nitida de tudo. Revoltado, ás vezes, não transparecendo. Manifesta calma, frieza, indiferença, que não sente. Entusiasmo. Intelligencia poderosa, bondade sem obstinação. Indolente. Ligação de ideias, encadeamento poderoso da razão. Vigor, brilho, ordem em seus escriptos. Tem uma grande alma, manifestando o contrario. Feroz na critica, ama a natureza, fiel na interpretação descriptiva das cousas. Um perfeito naturalista.

Prisão, exilio. Pouco clarividente. Momentos de horror e afflicção. Tem tido torturas na alma.

A. S.

Convicção nas affirmações. Fé ardente, sabe philosophar. Notavel intelligencia. Cultura intellectual. Poder grande de assimilação. Sabe sanear a alma.

Existencia longa e sadia. Terá grandes favores na vida; muita elevação moral; maneiras distinctas. Originalidade e methodo. Convicção do seu grande valor. Alma branda, docil, affectuosa. Raramente transparecem as expansões e custa a manifestar a sua vontade e as suas sympathias. Negação para negocios e finanças.

tragica, sem redempção, inferno onde novos Sisyphos collam os dorsos destendidos a rochedos estaveis.

Depois — fundada a esperanza lóra d'isso, dos ideaes mentirosos, das luctas erradas, das paixões physicas e metaphysicas, mas na liberdade, na dignidade, na universalidade — parte luminosa, serena, com surtos finaes, extasiamentos, victorias, apogeus.

* * *

A' entrada do lado sombrio encontraram-se o apostolo Brand e o vagabundo Peer Gynt que quer ser imperador.

Pela bruma polar, na paysagem cinzenta, passa Brand esguio e vestido de negro.

E' o ideal, longe de todo humano contacto, sem transigencia e sem perdão.

Peer Gynt corre no mesmo scenario, porém, cheio de sól.

E' a phantasia errante, a alegre, a desprevenida, a audaz inconsciencia moral.

De Brand se podia dizer que é a estatua da razão pura, modelada em Kant.

Peer é o agitado, o sensacional, o pictoresco Don Juan das alegrias da terra!

* * *

E de um e de outro derivam os dos fios da cadeia pessimista das tragedias ibsenianas.

De Brand vêm os falsos illuminados — Gregorio Werlé do *Pato Bravo*, Juliano, João Gabriel Borkman, Solness e Rubeck.

De Peer geram-se *Os espectros* e a companheira do ingenuo Tesman que se chamou Hedda Gabler.

* * *

Nesta age, fatalisada, cega, schopenhaueriana, a vontade suicida do individuo.

N'*Os espectros* alarga-se o drama para agir a vontade suicida da raça e portanto do universo. E' Schopenhauer realiado dantescamente.

No fundo não ha Oswald Alving, ha o pae, Peer Gynt e a mãe, especie de Hedda sentimental que uma honestidade de pastor conteve e salvou.

Sem entraves nem obstaculos. Não conheço impecilhos. Confiança na sua intelligencia e memoria. Analyse, methodo e observação. Intuição prodigiosa. Character sympathico e attracção. Investigador e perscrutador.

Não tem ambições, é dotado do muito desprendimento. Sem vaidade, ao contrario, muita simplicidade.

Oluapindo:

Explendido temperamento. Intelligencia de primeira ordem. Alma, inspiração, poesia. Ama e nutre grandes aspirações. Melancholia constante.

Amor proprio todo feminino. Altruismo e generosidade.

Deixa-se suggestionar pela bondade e boa fé. Attracção sympathica. Ambiente feliz, genio forte e caprichoso. Domina com rara habilidade as emoções e as impressões. Dedicacção toda original e carinhosa. Explendido successo futuro.

Gipsy:

Aristocracia. Elevação, maneiras distinctas. Espirito e graça. Intelligente. Cultivo. Logica e vontade que se inicia forte, declinando por não perseverar. Bondade, delicadeza, brandura. Originalidade. Sente o bello. Tem fiel interpretação das cousas de arte. Habilidade. Momentos de energia. Tempera de dominio. Capricho. Phantasia. Alegre, expansiva. Sente-se feliz. Amante do conforto e das commodidades. Momentos do sandade. Idealisa viagens. Contemplativa. Vive para o ideal. Diplomacia feminina, susceptibilidade e grande amor proprio.

HENRIQUE SILVA



SIC TRANSIT...

A UMA SENHORA

Manhã formosa e azul, como um sonho de creança,
Eu te contemplo mudo e extasiado e vejo
No azul que pelo ceu se espalha uma esperanza,
Um prenuncio feliz do que eu aspiro e almejo.

Cálido meio-dia: ah! quanta semelhança,
Entre o brilho esplendente, o reflexo e o lampejo
Dos raios do teu sol na fulgida pujança,
E a realização do meu sonho e desejo.

A tarde é o lusco-fusco, o pallido crepusculo,
Que obumbra a phantasia e o espirito enlanguesce
De quem como eu não viu os sonhos que sonhou.

Noite. A lua no ceu, vago corpo minusculo,
Com a luz frouxa e subtil nem illumina e aquece
Os castellos que fiz e o tempo derrubou.

Agosto 1915

ANTONIO DEFINE

Elle é uma sombra, um espectro.

Porque vem de longe essa que é a mais furiosa, a mais triste, a mais irremediavel das catastrophes humanas.

* * *

Pois se Brand é castigado — a avalanche, o raio das regiões polares, o aniquilla na final ascenção — se mal redime Peer o amor infatigavel de Solveig, se Juliano é vencido, e não salva Borkman e não salva Rubbeck, o mesmo ultimo olhar para o alto, para as elevações desconhecidas, molhado da confissão bem expressa da vida falhada — onde existe o Ibsen que não seja o mythologo aterrate de Arthur Schopenhauer?

* * *

Na *Senhora do Mar* está lançada e resolvida a questão da liberdade.

E é no pharol de Ellida, no corpo rochoso emergido da verde solidão agitada, que Ibsen levantou a sua casa de salvação.

Será essa ilha referida por Kant "que a propria natureza fechou em limites immutaveis" onde vibram afinal musicas de certeza e de victoria.

«E' o paiz da verdade, diz ainda Kant, cercado por um vasto e tempestuoso oceano — imperio proprio da Illusão — onde muito nevoeiro e muito banco de gelo apresentam a imagem mentirosa de ignorados paizes, e attrahem sem cessar o navegador vagabundo em busca de terras novas.»

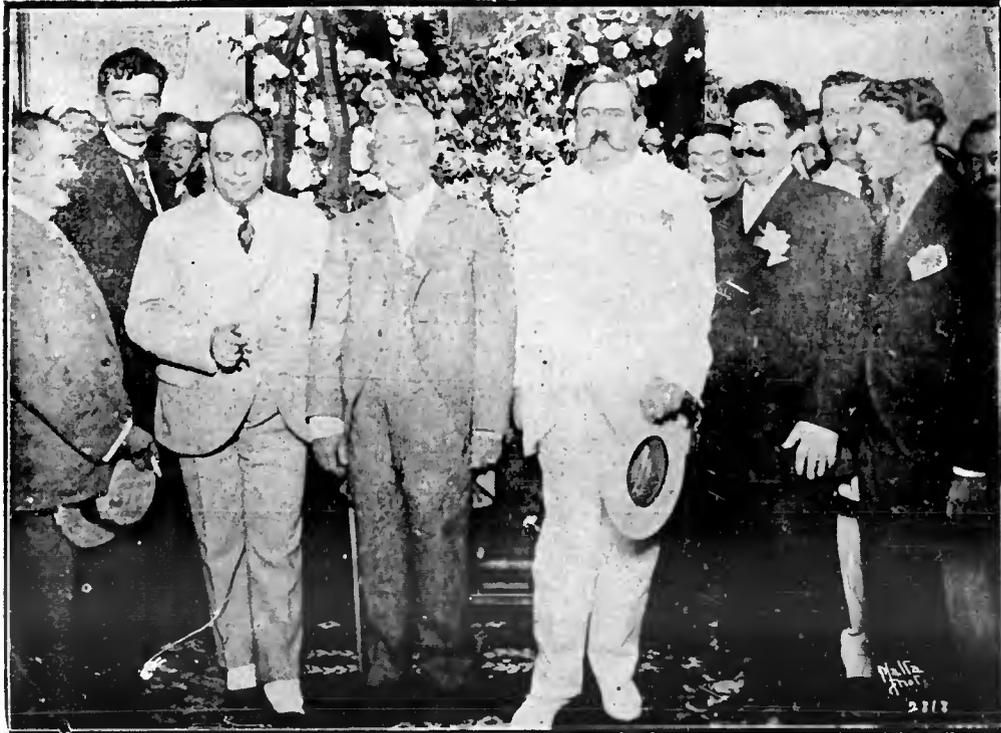
N'elle, no agitado mar da Illusão, houve os naufragios das expedições orgulhosas que Brand e Peer Gynt pilotaram.

* * *

Fechou-se a ultima pagina da epopéa funesta e ingloria — e já é ameno o scenario da ilha.

N'ella ha luta ainda, gritos, suffocações, a attracção circumdante e infinita do oceano. Ha mesmo a tarantella doida de Nora e a agitação crescente, angustiante de Rosmer e Rebecca West.

MANIFESTAÇÃO AO DR. JULIO FURTADO



UM GRUPO DE AMIGOS QUE CUMPRIMENTARAM O ILLUSTRE MEDICO
NO DIA DO SEU ANNIVERSARIO

Com estas linhas de justa homenagem ao Dr. Julio Furtado, publicamos com muito prazer um aspecto photographico do manifestação de apreço que por ocasião de seu natalicio, recebeu o illustre medico Director Geral das Matas e Jardins, no Rio de Janeiro.

O quo o Rio, a bella metropolo da America, deve ao operoso o intelligente Dr. Julio Furtado, lá está visível, attestando o grande valor do ornamentador da magnifica cidade.

A Quinta da Boa-Vista, a Avenida Atlantica, a Beira-Mar e os innumerables jardins e parques do Rio, cada qual mais bello e bem cuidado, são a prova evidente do quanto póde o talento do Dr. Julio Furtado.

Com estas linhas pois vão tambem as nossas saudações ao embelezador do Rio de Janeiro.

Ruja, estruja a artilharia,
Aos muros abrindo o rombo,
Mais alto a fama irradia,
Da goiabada Colombo.

Batam pandeiros, alcáncaras,
Rufe o tambor, ronque o lombo
Recebe a gloriã, às escancaras,
A goiabada Colombo.

Mas o grito de responsabilidade liberta Ellida. E vem então a coragem definitiva, triumphal, redemptora dessa outra mulher que deixa de ser boneca e desse tragico par que destrõe, no emtanto, serenamente, consciencientemente, livremente, o passado que se lhe vasara na propria vida.

Porque não é a visão d'algum cavallo branco de Rosmersholm que os leva de braços dados até o fundo da torrente espumosa. E' a lei moral que lhes fala de dentro do peito onde Kant a collocou sob o firmamento estrellado.

Longe do norueguez ficaram primordiaes superstições, primeiros ritos selvagens, santificações de começo, que o Dever como Deus devia inspirar mundo afóra.

Constructor foi severo e cathogorico na propria linha Kantiana.

Ellida, livre e responsavel, desencanta o fatal marinheiro.

Nora voltará quando o seu lar for feito d'um casamento real.

Rosmer e Rebecca caminhando para a morte carregam a certeza de que a alma tem em si o poder de se elevar.

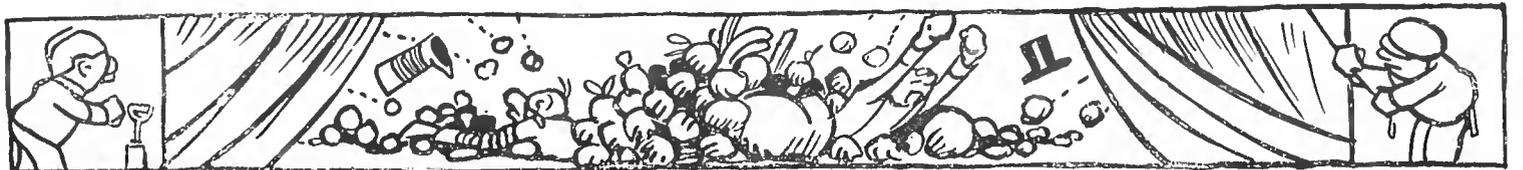
E gesto final, apotheose tranquillã, vem, no *Petit-Eyolf'* a tarde em que Allmers e Rita se aceitam, olhando a partida do vaporsinho que leva Asta e Borgheim.

Asta — a perturbadora ambição da existencia de Allmers, a rival presentida de Rita, o casto desejo de Borgheim!

No crepusculo sobre o *fjord*, onde o navio se afasta, desce o milagre da transfiguração.

«Ha um silencio. Depois, Allmers se aproxima do mastro e içã a bandeira até o alto. Rita immovel, apoiada ao muro do pavilhão, olha-o fazer.»

OSWALD DE ANDRADE.





A despedida

(Excerpto de um livro escolar em preparação)

Acordámos todos muito cedo. O trem partia às sete da manhã. Um quarto de hora antes chegávamos à gare da Central.

Vôvô estava silencioso, minha mãe silenciosa e «mãe» Clara parecia não ter coragem de erguer a cabeça para nos olhar.

A estação fervia de gente. Trens partiam, trens chegavam, ouviam-se apitos distantes, apitos próximos, o povo entrava, o povo saía, empregados corriam de um lado para o outro, carregando malas, indicando trens.

O recebedor de bilhetes mostrou-nos o comboio paulista.

«Mãe» Clara entrou para acomodar as suas malas.

Celia, agarrada às mãos de Vôvô, perguntou:

— E agora a quem nós vamos dar a lição? «Mãe» Clara vai-se embora..

O velho passou-lhe os dedos pelos cabelos castanhos, sorrindo:

— Agora a minha netinha e seu irmãozinho vão entrar para uma escola. Os dois aprenderão as lições com o vôvô e com a mamãe e vão dal-as, depois, na escola, à mestra. Vão ter muitos companheiros e viver entre crianças como vocês. O vôvô os levará de manhã e os irá buscar à tarde e, quando elle estiver com o seu rheumatismo, a mamãe o substituirá. Estão contentes?

Fitei Cecilia. A noticia nos agradava, aos dois. Já sabíamos o que ia de alegria por uma escola. Mais de uma vez tínhamos visto a saída da pequenada ao terminar das aulas, os bandos felizes de crianças falando, rindo, algarrando como se fossem uma porção de canários em revoadas.

«Mãe» Clara voltou do trem e veio para junto de minha mãe.

Faltavam tres minutos para a partida.

Um apito trilou. Vôvô ergueu a cabeça, forçando uma serenidade que elle não tinha.

« OS PAINEIS ZOOLOGICOS »

O HIPPOPOTAMO

JUNTAS molgando, o descommunal monstro aneia,
 Obtuso colportando o corpanzil, por entre
 O timido juncal, que, em fremitos, se arqueia,
 Transito abrindo em ala ao fabuloso ventre.

O aspecto, emtanto, abstracto e a mente ao mundo alheia,
 Algo tem que o preocupe e o seu pensar concentre:
 É o Rio, ao vêr-lhe em ruga a fronte amara e feia,
 Faz-se quérulo e meigo, afim que na agua elle entre.

Embalde! É que talvez o Hippopotamo estude,
 Ao conforto rebelde e ao goso indifferente,
 Algum vago problema inserustavel e rude.

Mas, se é mais vivo o azul e é o sol mais comburente,
 Fazendo manobrar os musculos e a banha,
 Boia na lympha clara emfim que o beija e banha.

Dos «*Mysterios*»

JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE



— São horas!

Chegou o momento rude. «Mãe» Clara arrastou-se dolorosamente até nós, que lhe fomos ao encontro. Tomou-me n'um braço e Cecilia no outro e apertou-nos ao peito profundamente como se nos quizesse metter pelo coração a dentro.

Quanto tempo esse abraço durou? Não sei. Eu tinha os olhos afogados em lagrimas e a cabeça estonteada para poder calcular.

Depois, sem uma palavra, nos deu dois beijos intermináveis na boca e estendeu os braços para o vovô. Elle sorria; mas dois longos fios d'água lhe vieram molhar as finas barbas brancas.

— Vae, minha filha, Deus te leve.

Baixei a cabeça, chorando. Cecilia soluçava.

Quando ergui os olhos pareceu-me que «mãe» Clara já havia partido. Não partira. Estava abraçada a minha mãe e o abraço era tão estreito e tão profundo que as duas pareciam estar perdidas numa só. Eram duas almas eguaes comprehendidas num só corpo.

Outro trilo. Vovô impelliu «mãe» Clara para dentro do trem. Um apito rapido, agudo, retiniu como uma martelada. Houve um ranger de ferros, um gemido de rodas nos trilhos e o trem se foi mexendo devagarinho, devagarinho, ao som de um sino que parecia um dobre.

A cabeça de «mãe» Clara appareceu á janellinha, uma cabeça triste, desolada, angustiosa, que cortava a alma. Cecilia atirou-lhe um beijo.

Nada mais vi, apenas um lenço branco, nervoso, que se agitava ao longe como uma aza palpitando de saudade.

Depois... nem mais o lenço, somente a cauda do trem que se sumia no fundo da primeira curva badalando, badalando...

E quando chegamos em casa, eu estava zouzo. Só me lembrava daquelle maldito sino que me ficara nos ouvidos como um dobre...

VIBIATO CORRÊA.

O BAMBÚ

Passa o Vento; e o bambú, desde a canna mais forte,
Desde o feixe inicial á folha mais esguia,
Cadenciando o embalar, ora ao sul, ora ao norte,
Canta, geme, soluça, esbraveja, assobia...

Peito humano não ha que em seu bojo comporte
Tão complexo rumor, tão grandiosa harmonia:
Tem a queixa do Amor, tem o grito da Morte,
A resa da humildade e a blasphemia bravia.

Não sei se alguém já viu que o bambú que se estira
Cannas direitas no ar, se o leque abre um momento,
Lembra, pontas no azul, a fórma de uma lyra.

Nelle ha a prece que implora, e a colera, que berra...
— O bambú, com certeza, é a alta lyra em que o Vento
Resume para Deus as mil vozes da Terra...

HUMBERTO DE CAMPOS

ARACHNÉ

(A Vicente de Carvalho)

Fiava, um dia, Arachné. Da brumea côr que empana
A luz da lua, ou como as tramas arminhosas,
Todo o broslado irial da medida lydiana
la enchendo de ciume as nimphas invejosas.

Como meandros de seda urdidos por nevosas
Mãos talhadas em jaspe, augustas, de sultana,
Era o tecido. Alguem, dentre as mais arditosas
Viu nelle, de Minerva, a lição soberana...

E a vaidade a conduz ao desafio. Anhela
Vencer a propria deusa, em arte, essa donzella,
E eis succumbe ao perder uma ambição tamanha...

E, Minerva, bondosa, ao vel-a, então, vencida,
Celebrando o valor de uma nympha sem vida,
Deu-lhe á graça do corpo a forma de uma aranha!

Agosto-1915

FABIO MONTENEGRO



O CONTO DE MAUPASSANT

(MONTEIRO LOBATO)

Conversavam no trem dois sujeitos. Approximei-me e ouvi:

— A vida anda cheia de contos de Maupassant, infelizmente ha pouquissimos Guys...

— Porque de Maupassant e não de Kipling?

— Porque a vida é amor e morte e a arte de Maupassant é simplesmente isto: um enquadramento engenhoso do amor e da morte.

Mudam-se os scenarios, variam os actores, mas a substancia persiste — o amor sob a unica face impressionante, a ardente, a que culmina n'uma posse violenta de fauno incendiado de luxuria, e a morte, o estertor da vida em transe, o 5.º acto, o epilogo physiologico. A morte, meu caro, e o amor — entendes em que sentido tomo a palavra amor... os vocabulos andam tão disvirtuados do sentido proprio que é mister grifal-os quando nos reportamos á sua significação essencial — são os dois unicos momentos em que a jogralice da vida arranca a mascara e freme num delirio tragico.

— ?

— Não te rias. Não compoinho frases. Justifico-me: na vida só deixamos de ser uns palhaços inconscientes a macaquearmos-nos uns aos outros, a copiar gestos de civilizações, a mentir á natureza, quando esta, reagindo, põe a nít o instincto hirsuto, no amor, ou acena o *basta!* final da morte, recolhendo o ruim actor ao pó.

Em summa, só ha grandeza, só ha seriedade, quando cessa de agir o pobre jogral que é o homem feito, guiado e dirigido pelos codigos, religiões, moraes, modas e mais postigos de sua invenção e entra em scena a natureza bruta.

— Mas a que proposito tanta filosofia, por este calor de Janeiro?

O comboio corria entre alem de S. José. Entravamos em plena região arroeira. As varzeas andavam na faina do corte. Grandes medas de palha amarella davam aos campos em céga o aspecto de cabellos louros tosados á escovinha. Pura paisagem europea, de trigaes. A espaços feriam nossos olhos quadros de Millet em fuga lenta se lonje, rapida se perto. Vultos de mulher de cesta á cabeça, que paravam a ver passar o trem.

Vultos de homens ensilando feixes de espigas, para a malhação do dia seguinte. Carroções tirados a bois, recolhendo o cereal já ensaccado. E como calia a tarde e a Mantiqueira era já uma pincelada opaca de indigo a barrar a imprimadura evanescente do azul vimos, em certo trecho, o original do *Angelus*...

— Já te digo a proposito de que vem minha filosofia.

E enfiando os olhos pela janellinha calou-se. Houve uma pausa de minutos. Subito, apontando nm velho saguaragi que avultou á margem da linha e logo se perdeu para traz, n'uma curva, disse:

— A proposito desta arvore. Ella foi comparsa do «meu conto de Maupassant».

— Conta lá isso, se é curto.

O primeiro sujeito não se ageitou no banco, nem limpou o pigarro como é de estylo. Sem transição foi logo narrando:

— Havia um italiano morador destas bandas, com vendola na estrada. Typo mal encarado e ruim. Bebia, jogava, e por varias vezes andou ás voltas com as autoridades. Certo dia — eu era delegado de policia — vieram uns caixaras annunciar que em tal parte estava «um corpo morto», de uma velha, picada a machado. Organizei a diligencia o acompanhei-os. «E' lá, naquelle saguaragi», disseram, ao approximarmos da arvore que te mostrei.

Espectaculo repellente! Ainda tenho na pelle o arrepio de horror que me correu pelo corpo ao dar uma topada balofa num corpo molle. Era a cabeça da velha semi-oculta sob folhas secas. Porque o malvado a decepara do tronco lançando-a a alguns metros de distancia. Como por systema desconfiava do italiano, prendi-o. Havia indicios vagos. Viram-no sair de machado, a lenhar, na tarde do crime. Entretanto, por falta de provas foi restituído á liberdade, máu grado meu, pois cada vez mais me capacitava da sua culpabilidade. Eu presentia — e negue-se valor ao presentimento! — naquelle sordido typo o miseravel matador da pobre velhinha.

— Que interesse tinha elle no crime?

— Nenhum. Era o que allegava.

Era como argumentava a logicasinha normal de todos os dias. Não obstante eu o trazia de olho certo de que era o criminoso. O patife, não demorou muito, trespassou o negocio e sumiu-se. Eu, do meu lado, deixei a policia, e, breve, do crime só me ficou nítida a sensação da topada molle na cabeça da velha. Anos depois o caso ressuscitou. A policia colheu indicios vehementes contra o italiano, que andava por S. Paulo n'um grau extremo de decaência moral, pensionista do xadrez por furtos e bebedices. Prenderam-n'o e remetteram-n'o para cá onde o jury iria decidir a sua sorte.

— Os teus presentimentos!...

O sujeito riu-se com malicia velhaca, e continuou:

— Não resistiu á prisão, não reagiu, não protestou. Tomou o trem no Braz e veio de cabeça baixa, sem proferir palavra, até S. José; d'ahi para diante (quem o conta é um soldado da escolta) meteu olhos pela janella, preocupado em descobrir qualquer cousa, até defrontar o saguaragi. Ahi, n'um salto de gato, despejou-se pela janella áfora. Apanharam-n'o morto, de cráneo rachado, a escorrer miolos, perto da arvore fatal.

— O remorso!

— Esta ahi o «meu conto de Maupassant». Tive a impressão delle nas palavras do soldado da escolta: «veiu de cabeça baixa até S. José, d'ahi para diante enfiou os olhos pela janella até enxergar o saguaragi. Ao frontear a arvore, pinchou-se» Na progressão ingenua do soldado li toda a tragedia intima daquelle cerebro, senti todo um drama psychologico que nunca será escripto...

— E' curioso! — commentou o outro pensativamente.

— O curioso, concluiu o primeiro sujeito com pausada lentidão, é que mais tarde um dos caixaras denunciadores do crime, o filho da velha, preso por um horrivel assassinato a foçadas, confessou-se tambem o assassino da velhinha sua mãe...

— ?

— Meu caro, aquelle pobre Oscar Fingall O' Flahertie Wills Wilde disse muita coisa quando disse que a vida sabe melhor imitar a arte do que a arte sabe imitar a vida...



OS DEUSES

Caetano de Faria

Dobradiça de mola o parafusos,
Abre a porta da escola à da caserna,
Em casos complicados e confusos,
Com a tarimba o gabinete alterna.

Dirige a pasta conhecendo os usos
E os segredos da tática moderna,
Governa a sós, não attendendo a intrusos,
Mas a vaidade, às vezes, o governa.

Tem serviços o estudos às contendas,
Bravo se o instinto do guerreiro o guia,
Tom na paz qualidades não pequenas.

Porém, ó raio da burocracia!
Sendo Faria, o que elle faz é apenas
Como ministro, o que qualquer... faria.

Alexandrino

Rumo ao mar! Eis a phraze predilecta
De quem na Armada, hoje é senhor da pasta,
E que, para poder tocar a móta,
Mil tropeços, mil óbices affasta.

Mas o rumo ao bom senso é a linha recta
De quem as verbas do Thesouro gasta,
E tudo o mais é sonho de poeta,
(Alexandrino é verso e isto não basta).

Mas se é verse, não seja verso branco,
Pois facilmento a rima rica brota,
A quem da inspiração tem porto franco.

Olhe os bancos de areia nessa rôta:
So ella, no rumo ao mar, trepar num banco
A Nau do Estado vão á banearreta.

Sabino Barroso

Este é um amuado chronico e se amua
De modo agudo, repetidas vezes,
Quer ser a vertical da terra á lua
E evita os actos e pulavras soezes.

Na rigidez do aspecto elle accentua
Gestos nem sempre amáveis e cortezes,
Para mostrar a linha toda sua
Do quem despreza os miseros burguezos.

Sendo, no fundo, integralmente honesto,
Não como o bolo rogeitando o resto
Como a certos gargantas conviria.

A vitaliciedade da enxaqueca,
Deu-lhe a apparencia comprimida e secca
De um frango assado de confeitaria!

Lauro Müller

De uma magreza de ovitar chuveico,
Tem a altura fatal de um para-raio,
Tão alto que, se o aspecto lhe rabisco,
Na vertigem da altura até desmaio.

Hoje é o senhor do cobiçado apriseo
De teuros diplomatas em ensaio:
Astuto, na rigeza de obeliseo,
Não nos encara, espia do soslaio.

Do alma arguta e sagaz, nada chimerica,
Feita de fino e de subedoria,
Tudo a seu vôr é uma função numerica.

Mas de andar e viujar, tem a mania:
— Cometa diplomatico da America,
Judeu errante da diplomacia.

O Ministrão

Tão pequenino e trefego parecee,
Com seu passinho petulante e vivo,
A quem o olha assim com interesse
Que é a quinta essencia do diminutivo.

Figura de leiloeiro da kermesse,
Meloso e parecido inoffensivo,
Tem do despeitos a mais farta messe,
E do orgulho é o humillissimo captivo.

Não ha talento que elle não degrade,
Não ha sciencia o saber que elle á portia,
Não ache aquem da sua magostade.

Delle um collega ha tempo me dizia:
É o Hachetto illustrado da vaidade,
É o Larousse da megalomania!

Carlos Maximiliano

Lá na terra dos pampas tem o nome
De Chimarrita, diz o Leal de Souza,
E este appellido affirmam que o consome
E é o que o ha de levar á fria lousa.

So lh'o repetem briga e já não come,
Não para, não descança, não reponsa,
Aguenta a sede, supportando a fome,
Dando o estrilo feroz por qualquer cousa.

Entretanto, não tem os dotes fallhos,
Do talento gaúcho é um bello adorno
E tem brilhantes feitos e trabalhos.

Rapadurescamonte espalha em torno,
Uma impressão do cheiro a vinha d'Alhos,
De um leitãozinho mal tostado ao forno.

Sua Excellencia

Nom optimo nom possimo. Vae inde,
Personificação do meio termo,
Veio das vases do governo findo
E é um palliativo no paiz enfermo.

Ora galgando altura, ora calindo,
Ora na multidão, ora num ormo,
Alguns affirmam que é um talento lindo,
Outros que é um pobre e simples estafermo.

De livres pensadores teve os votos,
Continuando entre os beatos o os devotos,
A ser o que carrega a maior tronxa.

Da presidencia, em moio á lufa-lufa,
Quanto mais se lhe bate mais estufa,
Quanto mais se lhe aperta mais afrouxa.

Rodrigues Alves

Era ministre então. O Olavo e o Guina
Diziam que elle era o Morphen da pasta,
E o dorminhoco andava em metro o rima
Na pilheria que a tanta gente agasta.

Mas galgando o Cattete, escada acima,
Num despertar febril, Morphen arrasta
Todas as forças que a vontade anima,
Nos vastos planos de uma idéa vasta.

Tudo revive! A actividade é infrene,
São mutações de sonho! É o Eldorado
É o Dinheiro na Esthetica o na Hygiene!

Hoje, glorioso e um tanto fatigado,
Não se deixa fiar calmo e solemno
A dormir sobre os louros do passado.

Francisco Glycerio

Este é por certo o verdadeiro espelho
Das maiores derrotas e conquistas
Que o regimen vem tendo, e o seu conselho,
Tem sempre o cunho das mais largas vistas.

Foi das mollas mais rijas do apparelho
Que deu cabo das hostes monarchistas,
Foi o Moysés do novo Mar Vermelho,
A egua madrinhã dos propagandistas.

Calmo, risonho, perspicaz, cordato,
Todos sentem no illustre veterano,
Do politico aguto o fino tacto.

Mas o Mathusalem republicano,
Tem orgulho infantil de sor, do tacto,
O bisavô dos netos do Herculano!



ES EM CEROULAS

cia
Vae indo.
ndo
fermo.
lhindo.
mo,
lento lindo.
ples estafermo.
s votos,
e os devotos,
tronxa.
lufa-lufa.
s estufa.
ais afrouxa.

ves
vo e o Guima
en da pasta,
metro e rima
e agasta.
cada acima,
on arrasta
de anima.
da vasta.
é infreue.
o Eltorado
na Hygiene!
fatigado.
olomue
passado.

cerio
ira espelho
nistas
o seu consello.
nis largas vistas.
do aparelho
marchistas.
Vermelho,
gandistas.
cordato,
torano,
to.
cano,
do facto,
ilano!



Rubião

Pedra preciosa de um tamanho inmenso,
(Pois quo o nome é um rubi deste tamanho
Que á sorte o que á fortuna traz appenso).
Eis mais ou monos o seu vulto estranho.

Escravo cauteloso do bom senso,
Fugidio ao espirito tacanho, [venço!
Quando entra em lucta diz: Ou morro ou
E é difficil que alguém lhe tome o ganho.

Desdobrado em trabalho multiforme,
Em finança e politica não dorme,
E numa ou noutra, nunca perde a audacia.

Sendo do Bananal, não é um banana:
Tocon rumo a S. Paulo a caravana.
E eilo Rubião em honra da rubiaceia.

Oliveira Lima

De carne molle e pelle bambaloua.
Ante a propria figura se extasia.
Como oliveira elle não dá azeitona.
Sendo lima parece melancia.

Atravancando a porta que ambiciona
Não deixa entrar nom eutra. É uma mania!
Dão-lhe por isso a alcunha brinealhona
Do para-vento da diplomacia.

Não existe exemplar na actualidade
Do corpo tal e de ambição tamanha.
Nem para intriga egual habilidade.

Eis em resumo essa figura estranha:
Tem mil leguas quadradas de vaidade
Por milímetros cubicos de banha.

Vicente de Carvalho

Fraco o doente, se solta algum gemido.
Ou sae um verso ou brota uma sentença.
Se como Juiz sempre é acatado e ouvido.
Como poeta não topa quem o vença.

Se nas Ordenações presta sentido,
Tem, nas regras de Horacio, parte immensa.
Não se lhe sabe o culto preferido:
Se na Arte ou no Direito, tem mais creença.

Tendo um defeito, nunca teve alcunha.
Quando apparece, um reencontro á liça.
O que aos antagonistas acabrunha.

É vêr que, sem fraqueza nem preguiça,
Numa só mão, com o mesmo gesto empunha,
A aurea lyra e a balança da Justiça!...

Julio de Mesquita

Com este agora a musa não contava!
Nem a musa mordaz, nem a bregeira.
Em certo dia o vejo a deitar lava:
Approximo-me e eucontro uma geleira.

Quando a apparencia é fria a alma está brava.
Se aquella é tormentosa, esta é fagueira.
E assim, da vida, o rumo, a sós, desbrava.
E, a sós, colima o tonno da carreira.

Por muito que o humorismo o prenda e
Elle não esbraveja nem se irrita. Engendo,
Mas se lhe escapa com facilidade.

A golpes do talento o laço evita
E ao ridiculo oppõe a habilidade.
Eis, mal pintado, o Julio de Mesquita.

O Leader

Dos gloriosos Andradas pouca resta.
Apenas dois ou tres vivem agora
Cá por São Paulo, porque em Juiz de Fára
O quoha, ou não é Andrada ou então não presta.

Que essa é a verdade, um delles bem attesta,
Pois nada herdou desse fulgôr de outr'ora.
Ama o evasivo, o duvidoso adora
E á dubiedade vive a fazer festa.

E mal sabe o que quer. Fraco e bisonho.
Do Guanabara á Camara anda a esmo,
De ser leader mantendo o ingenuo sonho.

Coitado! Nem é leader de si mesmo!
— Triste mineiro a disfarçar risouho.
A saudade da conve com torresmo. —

O Bonifrate

Dizia Hugo que o Napoleão Terceiro,
Era o Estado torciario de tal nome.
Em tal estado aqui, certo mineiro,
Um appellido que é immortal consome.

Mas este, de tal fama agora herdeiro
Nem só de gloria sente sedo e fomo.
Cava como qualquer politiqueiro
Embaíndo a quem quer que a sério o tome.

De ar sisudo, solemn e perna bamba,
N'uma circumspecção de novo Aceacio,
Tem os pés para dentro em ar de samba.

O irmão ao vêr-lhe o aspecto pavonneio,
Grita orgulhoso: — Que esplendor, caramba!
É mesmo um Zé com muito Bonifacio!

Washington Luiz

É um bandeirante novo sem as botas
De andar em carrasacas, ou serras brutas.
De penetrar nas mais profundas grotas
Ou se internar nas mais soturnas grutas.

É e bandeirante urbano nas devotas
Ancias do ver em fórmas resolutas.
O esplendor das metropoles remotas
Em plinthos, columnatas o voltas.

Elle autevê, nas côres mais exactas
Da Paulicéa as graças infinitas.
No augeo fulgôr de magicas palhetas.

Porém, depois dos bons tempos de prutas,
Elle que é homem que detesta as fitas,
Sente a falta do arame nas gavetas.

Amadeu Amaral

Dizem que ás vezes, quer se achar bonito.
Mas nem sendo Amaden e sendo amado,
Mas muito amado mesmo, en não hesito:
Se não é feio é bom desengraçado.

Entretanto se o vejo (isto é exquisito)
Atravez de um soneto burilado,
É mais que bello, affirmo em alto grito.
É o proprio Apollo que lhe fien ao lado.

Mais comprido que a universal historia,
Este Lecoute com seu ar caipira,
Mo deixa uma impressão nada illusoria.

Quando elle ao alto, a inspiração atira,
Com a cabeça a topar no céu da gloria,
É um gnindaste a guindar a propria lyra.

Hemeterio

O preto não cusina só grammatica.
É pelo menos o que o mundo diz.
Motte-so na dynamica, na estatica
E em muitas coisas mais motte o variz.

Dizem que quando ensina mathematica,
As lições de mais b, do ignal a x,
Em vez da lousa, com saber e pratica,
Sobre a palma da mão escreve a giz.

Uma alumna dizia: Este Hemeterio
Fez de cusino um verdadeiro angú.
Com que empanureta toda o magisterio.

E é um felizardo o principe zulú.
Quando manda um parente ao cemiterio,
Tem um lucto harato: fien nû.

EMILIO DE MENEZES



NO VELODROMO



Os teams do "Palmeiras" e do "Botafogo" posando para o "Pirralho." Dois aspectos da archibancada.

AMOR



O amor é o mais lindo friso
Que o lago da vida enflora;
Muda a lagrima num riso,
Torna a noite numa aurora.

E' a flor mais rubra e formosa
Que viceja entre vasinhos;
Tem perfumes como a rosa
E como às rosas espinhos.

E' o élo rútilo e forte
Cuja bella claridade
Vive até depois da morte
Nas pet'las de uma saudade.

E' a força desconhecida
Que me impelle a procurar
Um pouco de luz e vida
Na noite do teu olhar!...

CLAUDIA D'AVILEZ



② O ELEITO ②

Braceletado de ouro, na segura
 Posse e gozo do amor, trajando sêdas,
 Em mocidade vigorosa, quêdas
 Do Eden perpetuo na feliz doçura.

Ao meigo arfar lascivo da agua pura,
 Tens, gratos ao rolar das horas lêdas,
 Amplos renques de lótos, alamêdas
 De bananeiras, flôr, sombra e verdura.

As huris de olhos negros, e brilhante
 Pelle côr de ovo de avestruz, das ondas
 De seus cabellos fazem teu turbante.

E em filas, como perolas, redondas
 Formas expondo aos olhos teus, de amante,
 Giram, bailando em voluptuosas rondas.

LEAL DE SOUZA

SCISMAS DO ORIENTE

(AO HENRIQUE SILVA)

Sidharta Rhan, de Bhila e de Hanacunda,
 Senhor de oito palacios de alabastro,
 Pelo céu claro e quieto o olhar afunda
 Ouvindo o que lhe diz a luz de um astro:

Poderoso Sidharta Rhau, senhor
 De altas cidades de muralhas fortes,
 De palacios de lucido esplendor,
 De lucidas e innumeras cohortes!

Tens minaretes de ouro e de marfim,
 Embutidos no azul do firmamento!
 Bellezas de Malpém e Dhargalim,
 Promptas a adivinhar teu pensamento!

Tens claustros recortados de brancura;
 Idolos que são teus fiéis amigos
 E estatuas de serena formosura
 Apanhadas num grande gesto antigo!

Tens grandes leões de juba rancorosa,
 Tigres mosqueados, de sinistro olhar,
 Que numa tarde fulgida e gloriosa,
 Os reis vencidos vieram te offertar!

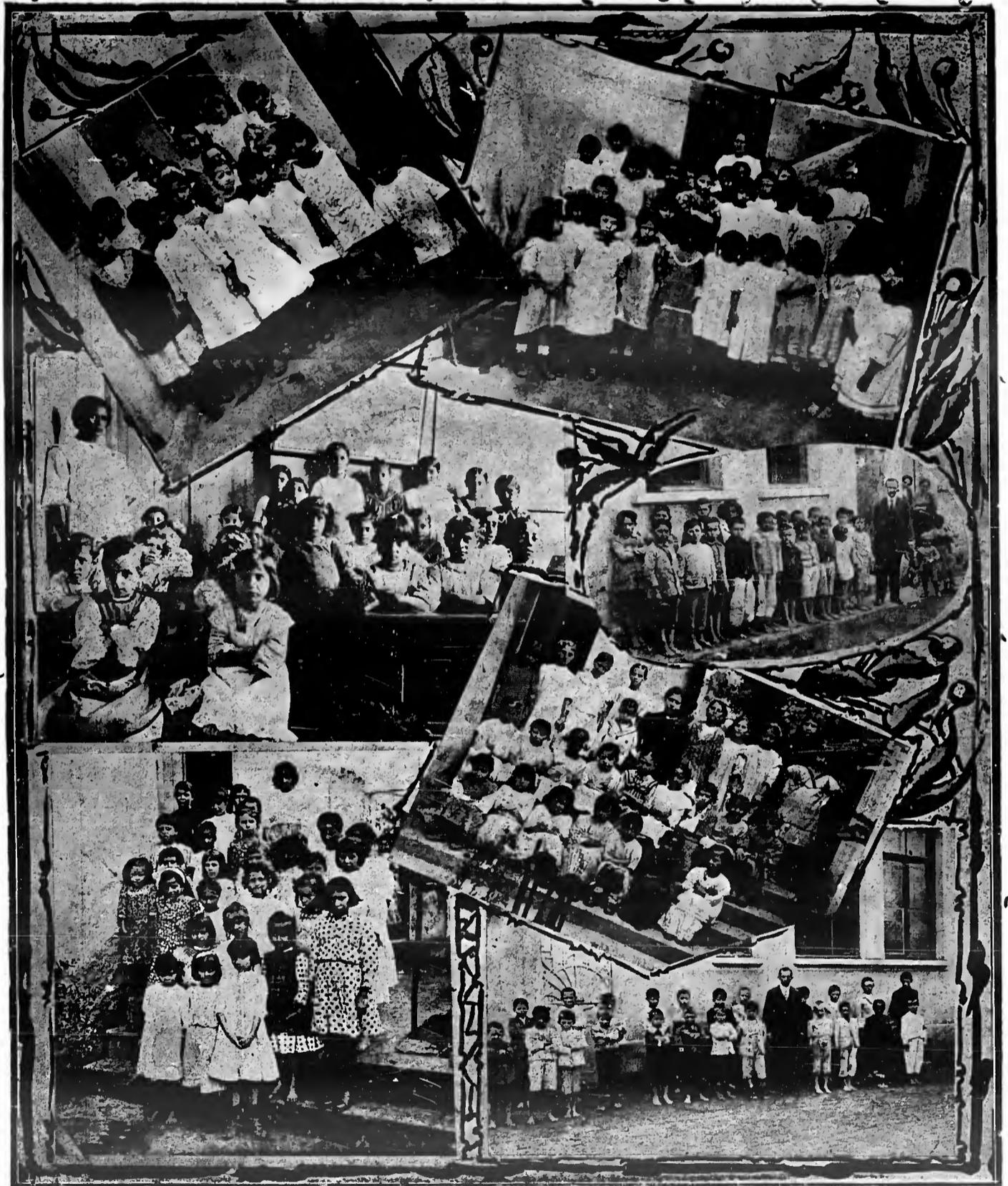
No emtanto alguma coisa de indeciso
 Te aponta n'alma triste inmersa em seismas.
 Não pousa nos teus labios um sorriso
 No delubro do souho em que te abysmas... »

Theophilo Dias de Andrada.



O Pirralho

A INSTRUÇÃO EM SÃO PAULO



Escolas isoladas da Capital



CLASSICISMO

(NARRATIVA DO PHILOLOGO AMBROSIO ESPINHEIRO)

TINHA eu acabado de ler as *Lições práticas da Língua Portuguesa* do Candido de Figueiredo. Vestia-me ás pressas, pensando em Lison de Lys, com quem devia jantar. O crepusculo começava o seu estremecimento languido.

Lison era uma francezinha gentil e ado avel, ingenua de uma companhia dramatica que representava no *Municipal*, que encetara commigo uma graciosa comedia de amor. Aquello entardecer paulista, tão doce e fresco, de quebranto tão suave, evocava-me Pariz, onde en vira Lison pela primeira vez, e redobrava em mim a ania de correr á bella comediante, beijal-a, amalla, e esquecer, em seus braços leves, a impressão pesada com que o eaturra lusitano me obumbrara o cerebro e o coração.

Já estava prompto. Mirei-me ao espelho do guarda casaca. Esbocei um sorriso. Achei-me hediondo. As *Lições Práticas* tinham-me positivamente embrutecido. O meu sorriso era uma careta, amarellado pelo pó dos seculos.

Esforcei-me, por pensar em cousas mais amaveis: em mulheres, em flores, em primavera, em bailes, em anedoctas alegres.

Debalde. O meu sorriso continuava estúpido o sem graça.

N'isto, bateram-me á porta do quarto. Quem seria?

Uma voz eava e forte, estertorante, rolava do lado de fóra:

— O' sr. Ambrosio Espinheiro! Abra, faça-me o favor! O' sr. Ambrosio!

Nunca a tinha eu ouvido, aquella voz de portugueza do Algarve. Seria a lavadeira, a cosinheira, a mulher das verduras?

Abri em todo o caso, depressa, para despachar a importuna.

Varou-me o quarto uma mulher. Pelo menos, um homem não era. Embora o sexo não se me afigurasse bem determinado, uma cousa me parecia evidente: o visitante não trazia calças. Logo, era uma mulher. O sino emboreado de ohitão listrado e immundo, que lhe cahia da cintura espessa, devia ser uma saia.

Olhei-a estupofacto. Encarei-a do extremo inferior do sino emboreado, ao extremo superior e vago de uma capóta preta — atu-

fada de rendas amarellas encardidas, e de grandes rosas roxas e murchas — que se balançava no alto do uma cabeça estranha, nunca vista.

O nariz parecia feito de velho papel partido de embanho, amassado e embolorotado, tantas eram as rugas e as manelias esverdeadas. Os olhos tinham a ferocidade e a falta do brilho intimo, que caracterizam o olhar sebento dos profossores de latim. As faces encarquilladas e chupadas. O cabello parecia o das medusas, taes eram o revolto dos fios rigidos espetados sobre a fronte, e as contorsões dos tufos das tranças que serpenteavam sob a capóta sordida.

Contemplei-a com olhos mais abertos, boquiabri-me.

— Então não me conhece, sr. Ambrosio Espinheiro? interrogou-me com um tom de voz que reboou pelo aposento.

E, pondo as mãos á cintura, arredondando os braços, n'uma attitude bojuda de pote de barro, interpelou me, enearando-me:

— Com que então não me reconhece, sr. Ambrosio Espinheiro! Já se não lembra da grande amiga... Olha-me assim tão admirado o menino, que até se afigura que lho caio das nuvens! Ora, deixe-se d'isso! Me melem, se lhe não sou a melhor amiga! Ora toque lá, faça-me o favor, ó menino!

E estenden para mim, espalmadas no ar, as duas mãos carcomidas e enormes, esboçando, no oarvo escaveirado, um sorriso de desmamar creanças.

— Mas... Quem é a senhora? Que me quer? perguntei emfim, recuando, encostado ás estantes.

Ella contemplou-me com enternecimento de urso de feira. Coutou-me que chegava n'aquelle momento, pelo rapido, do Rio de Janeiro, de onde sahira enojada, por não achar mais ninguem que a quizesse. A ultima casa que habitara fora a do Conselheiro Ruy Barbosa.

— Do Ruy Barbosa?! exclamei admirado.

— Sim, o' menino. Do Conselheiro Ruy Barbosa, para onde fui mandada pelo Carlos de Laet que, por signal, me fizera outr'ora uma côrte assidua e petulante, para fazer mossa ao Araripe Junior, que sempre detestei, por causa d'aquelle sua mania perversa de jogar carambolas com os pronomes...

Antes d'isso, eu estive com o João Ribeiro, no tempo em que elle oserevia as *Páginas de Esthetica*. Mas aquelle seu gormanismo acabou por enciúmar-me. E eu deixei-o pelo Laet...

— Então, perguntei a-sombrado e receoso, você é litterata?...

Ella respondeu me, com um sorriso desmesurado, mostrando a sepultura dos dentes, que não. Não era litterata. Era muito mais que isso.

— Muito mais, estás ouvindo, o' menino? Muito mais!

E fazendo uma pausa, assumindo a solemnidade de cariátide de saguão de museu, bradou:

— Pois o meu menino não sabe quem sou en? O' Deus misericordioso! Pelas chagas do nosso bom Jesus do Traz-os-Montes, que o não suppunha eu capaz de tal aleivo... Pois escute bem, o' menino. Saiba que sou...

E estaeou de subito, mais solemne o impertigada, regateando o effeito das palavras, compassando com parcimonia a sua grande revelação, medindo-me do alto a baixo com superioridade esmagadora.

— Quem? — murmurei n'um suspiro angustiado de surpresa e terror.

— O classicismo! berrou a visitante, com o ar formidavel de quem desenrola um estandarte terrivel, e sacudindo o meu guarda-casaca com um safanão tão violento, que o espelho tremeu no caixilho.

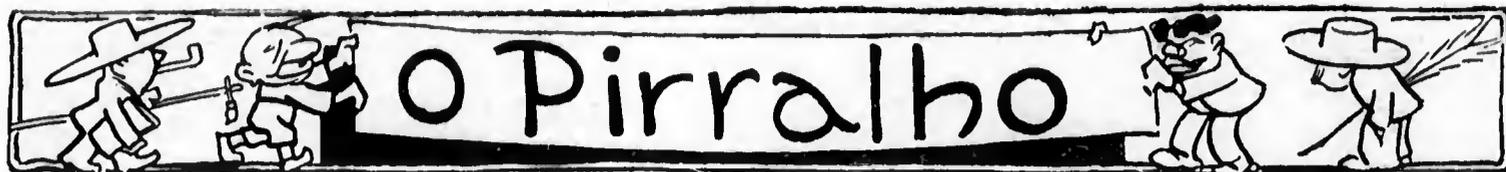
— O classi... cis... — balbucei tremulo.

— O classicismo, sim, ó meu rico menino. O classicismo em carne e osso!

E tentou agarrar-me com os longos braços quinhentistas, n'um amplexo sepulcral do quatro seculos. Recuei ainda mais. Esgueirei-me pelas paredes do quarto. Puz me na defensiva.

Nunca me acontecera cousa igual. Passei o repassei as palmas das mãos sobre as palpebras, para ver se afugentava um sonho mau. Mas o monstro permanecia, ahi, de pé, installado no meu aposento.

Agora examinava-me com uma ternura dominadora, com olhos embaciados de poixe morto. E contemplava, embevecida, os livros, as estantes, a meza do trabalho, a cama, o meu quarto todo. Admirava tudo. Diante do grande espelho, parou embasbacada. Disse-me cousas absurdas e violentas sobre as



modas de hoje. No seu ódio profundo contra todos os espelhos, de costas para o guarda-casaca, vomitou injurias retumbantes contra os ties modernos, contra o romanticismo, o naturalismo, o symbolismo, o decadismo, o philosophismo, o ibsenismo. E até, pela dificuldade de estacar a objurgatoria furiosa, insultava o parnasianismo, para o qual, entretanto, logo depois, n'um parentese edulcorado, um tanto arrependida, tovo palavras tranquillias de sympathia bonanchona.

Por fim, já perorando, com suspiros que abalavam o tecto, conseguiu pegar-me nas mãos, e declarou-me, com lagrimas na voz, que já me conhecia ha muito, que concebora por mim uma estima infinita. Que lera na bib'iotheca do Conselleiro Ruy Barbosa os tres primeiros volumes da minha obra philologica, intitulada « *Evolução philosophica da Lingua Portuguesa* ». Esse tratado linguistico, aliás, muito a penalisara, confessou-me ella, por causa da idea erronea de evolução.

— Evolução, menino, é absurdo. Só evolae o que decae.

E a lingua não morre, não quer morrer, não ha de declinar, e, portanto, não evolue! Necessario se torna que te corrijas, meu querido. Para isso é que estou aqui, pertinho de ti, o' meu mimoso menino! Amo-te, Ambrosio, amo te.

E avançou para mim um beijo multiseccular e transatlantico. Recuei em assomo de colera e enfado.

— Vade retro, apparição do Inferno! — bradei com decisão e energia.

Ella então humillhou-se, fez-se pequenina, poz se de joelhos, e osculando o pé moderno das minhas calças, supplicou:

— Ah! se soubesses como tenho soffrido! Imagina, ó menino, que fui a primeira inspi aderu do grande Camões. Disse-me elle cousas que se esqueceu de pôr nos *Lusiadas*, e que conservo na memoria, preciosamente, com mais fidelidade do que o fizeram os portuguezes com a sua epopéa. Por desgraça meu querido, após a morte de Camões, vim parar no Brazil, acompanhando o fulgurante Padre Vieira. Ja então comeci a ter dificuldades na vida, porque o Vieira descen, logo que aqui chegou, a sonhar com babusoiras: elegancia de linguagem, leveza de expressão, periedos curtos, e outras innovações. Um dia, enfim, nostalgica da gemina prosodia, abandonei o Vieira. Voltei a Portugal, do onde vociferei contra este paiz de barbaros. Fui mais tarde a musa de Castilho, Herculano, Camillo, e tantos outros... Depois vieram calamidades. Surgiram o Anthero, o Ramalho, o Guerra Junqueiro, o Fialho, e outros selvagens demolidores. O Eça appareceu, heretico e revoltoso, esporeando o vernaculo como um Attila

enviado por Pariz. Enfim, um dia aziago, a Republica nefanda estourou em Portugal. Os meus cabellos que se conservaram negros e lúsidios durante seculos, embranqueceram em poucos dias. Imagina tu que a Republica começou por estudar a reforma da orthographia, a clamar pelo progresso e aperfeiçoamento do moigo idionna, e outras bobagens. Decididamente tudo se me tornava insupportavel. N'esses tempos eu era a musa do Candido de Figueiredo, que transformara, para meu uso, o gallinheiro em quarto de dormir. Mas o Candido, coitado!, começou a decair, a preoccupar-se com as novas correntes, e chegou até um dia a dizer-me que palavras francezas, cruze! podem caber em vernaculo. Estourei de indignação, e, n'um ultimo arranco de energia, voei para o Brazil. O Rio está insupportavel com aquella mania de trabalhar o idioma, esquartejal o, ornamental-o, e não sei que mais. E por isso ó meu amor, transferi-me para S. Paulo, para junto de ti, que hei de amar e amar... Sim, porque te amo. Amo-te, o' Ambrosio, amo-te, amo-te...

— Ah! não, vae-te! Vae-te! — exclamei, e com um socco repelli-a contra o men leito de solteiro, onde a megéra caiu soluçando.

Chorou. Arrepelou-se como um demonio vencido. Eu, indignado, pensava na minha Lison.

N'isso, com alegria, ouvi um tamborilar de nós de dedos sobre o vidro opaco da minha porta. Corri a abrir.

A fera vernacula, n'um pulo, se havia escondido detraz da minha estante de livros portuguezes, e o seu o'har perverso fuzilava atravez dos volumes venerandos do Vieira, Bernardes, Francisco Lisboa, o Damião do Goes.

Então, como um raio resplendente do luar estival prateando o socavão de uma guta escura o humida, entrou-me pelo quarto a mais encantadora o original apparição que se pode conceber.

Era uma rapariguinha fresca e viva como uma alvorada, deslizando, lovo o vaporosa, como um elfo de Wagner. Olhos buliçosos e scintillantes de malicia espiuitosa; andar de japoneza, agitando, como aves assustadas e presas, as duas pernas trefegas dentro do entravamento paradoxal da saia moderna; cabellos da au ea cor assoalhada do milho quando amadurece: tal era a jovem desconhecida que me vinha salvar, ao que parecia das garras da megéra.

— Ora viva! Quem não é morta sempre ha de apparecer.

Disse e com tanta leviandade e rapidez proprias das cousas irreaes, entrevistas em sonhos raros e fugazes, deu mo n'um relance dois beijos celeres, anciosa e ebria de movi-

A UM POETA

Jungido à terra hostil, soffres e não blasphemias.
Não vibras a blasphemia e nem choras a prece,
Pois que o sonho triumphal num surto parte algemas,
O sonho te liberta, o sonho te enaltece.

Em meio ao soffrimento, as estrophes e os poemas
Rebentam de tua alma em opulenta messe.
Poeta, feliz de quem dentre as dôres supremas
Somente a dôr de ser esteril não conhece!

Calcando o odio que ruge e a inveja que delira,
Vaes a escalar da gloria a fulgida montanha.
Apollinea resoa em tuas mãos a lyra:

E arrematada ao som de harmonia tamanha,
A Deusa que te guarda, a Musa que te inspira
Em fórma de mulher os passos te acompanha.

JULIO MACIEL



mento como um colibri, atirou o chapuzi-de palha do Panamá sobre o meu leito acen-chegou sobre as frentes os flocos macios dos cabellos louros, contemplou se de soslaio, torcendo o busto airoso, no espelho biselado, rodopiou pelo quarto como um sopro de brisa, e depois, radiosa saltitante, foi abrir resoluta a minha janella de par em par, como se fossemos eamaradas velhos.

Peguei-lhe, sem querer saber-lhe o nome das mãozinhas delicadas e donairosas, tacteei de leve a epiderme avelludada de seus braços de borboleta, enlacei-lhe na abertura do meu enlevo o talho flexuoso da cintura, e premindo-a amorosamente contra o peito, quiz beijal-a sobre os labios deliscentes e sazoados.

Mas um grito rouco, inarticulado, deteve-me. Era a velha medusa que rangia de colera e ciúme.

Surpresa e suspeitosa, a meiga rapariguinha circumvagou um olhar receoso pelo quarto.

— Diga-me... Não esteve por aqui uma creatura fatidica, uma velha bruxa hedionda e energumena?

E como eu, indeciso, não lhe re-pondesse ella acrescentou com amúos de repugnancia:

— Uma que se chama... classicismo...

— Ah! sim — confirmei. Com effeito aqui esteve.

E absorvendo no seu olhar os meus olhos enamorados, interroguei-a:

— E tu quem és? Como te chamas, dize-me

— Eu? exclamou com riso de creança simulada. — Eu não tenho nome determinado... Sou uma pequena feiticeira que escapei á Inquisição, e que delicio, nas horas solitarias, poetas, bohemios e sonhadores. Apraz-me muito abrir mossas no espirito prudhomesco de grammaticos, philologos, linguistas

e infallibilidades litterarias. Uns me chamam menina e moça, e jamais velha. Outros me dizem que sou o espirito do futuro, o genio da expressão, a fada da suggestão esthetica, o Ariel das communicações humanas, a yara dos extases gloriosos e edenicos, e não sei que cousas mais... Enfim ha espiritos graves que clamam com respeito e devotamento que eu sou a evolução...

Ao soar essa palavra, mal a concluiu a louca creatura, um ruido formidavel, seguido de baques estrondosos, reboou pelo aposento.

Era a enorme estante que desabara, e os livros veneraveis dos quinhentistas que arruam por terra estrepitosamente. E detraz como o genio dos terremotos e das trovoadas, surgia o vulto poeirento e biblico da megéra cavernosa.

Cresem para nós, espumando, com os punhos cerrados, ameaçadores como cargas de baionetas. Vociferou:

— Qual evolução, qual nada! Falta de vergonha, é que é. Pulhice, ignorancia, francezismo, janotismo, asneiras... Isso é que é a evolução, ouviu, sua desavergonhada?

A loura e debil figurinha retrogradava, ante os punhos ossudos do classicismo, que accrescentava colérica, expellindo jorros de indignação:

— Evolução!... E's tu, inimiga fatal e que me persegues ha quatro seculos. Foste tu que me raptaste as minhas melhores creaturas, e que, ha poucos dias, assaltaste no Rio de Janeiro a biblioteca respeitavel do Ruy, para introduzir n'aquelle cerebro nacional idéas piegas, e prevenções contra mim... Foste tu, rameira aleivosa, que trouxeste o Eça de Pariz para renovar ou destruir cousas sagradas. Ah! tu me pagarás. Has de receber o castigo que mereces...

E avançou, tremenda, para a pobre resita. Com um gesto, porem, agarrei-lhe os pulsos e fil-a estacar.

— Feiticeira sordida da idade-media, bruxa do passado vencido, vae-te! Vae-te o mais depressa... Porque, senão...

E como vi que não arredava pé, encarando-me e desafiando me, não terminei a phrase.

Peguei a pelos cotovellos, sacudi-a como a um credor malcreado, e, com trez pontapés consecutivos, precipitei-a pela escada abaixo.

Cerrei, respirando, a minha porta. Voltei-me radiante para a feiticeira loura, que batia palmas, resplendente de alegria.

Enlacei-a nos meus braços fatigados e amorosos. E com um sorriso que fazia inveja a Romen, murmurei-lhe entre o estalido de um beijo e um suspiro de volupia deliciada.

— Enfim... sós!

Ella riu, n'uma risada que repercutiu clara e harmoniosa, como um cristal sonoro. Olhei a enamorado.

E vi (como fôra isso possivel?) que a rapariguinha trefega tinha de subito desaparecido.

Quem eu apertava nos braços, entre beijos ardentes, era Lison, a minha amante, a francezinha amavel, de olhos castanhos e repousados, de cabellos escuros e ondulados.

Era a minha deliciosa Lison, que cansara de esperar-me, e impaciente viéra ao meu encontro.

E ante o portico enflorado e odoroso de uma noite de amor, que eu prelibava n'um resurgimento, todas as energias beneficas da minha alma desabrocharam, expandiram-se, fortes e fecundas, livres enfim de litteratura e de vernaculo.

ANCIA INFERNAL

Nos meus dias de sombra, e de incerteza e tédio,
Trago á minha consciencia o bem e o mal que fiz,
E á dôr que me penetra, em vão busco o remédio,
Sem que saiba a razão porque sou infeliz.

Vive o meu coração dentro de um rude assédio
De sonhos e ambições que elle proprio maldiz;
A ventura afinal, porque extranho intermedio,
Poderei conhecer-lhe a incerta directriz?...

Ilusão! nessa luta exausto e comballido,
Sei que eu hei de cair no ultimo revêz,
D'alma despadaçada e coração partido...

E a ventura, e o prazer, e o gozo em que não crês,
Talvez has de os achar, meu ser desilludido,
No mysterio do Nada, ou no inferno talvez!...

OS SINOS

Matinas. Solidão. Céu alto, e de velludo.
Os sinos da capella isolados e quedos
Não tiveram o som que é como o som agudo
Do canto da araponga a gemer nos silvedos.

Meio dia. Mudez. No campanario, e em tudo,
Ha sombras augurales, ha queixas, ha segredos...
Nem o som mais subtil sobe do bronze mudo,
Som que recorde acaso o mar entre penedos.

Um enterro lá vae. Nem um repique. Apenas
Por entre a multidão de moças e meninos
Seis homens a seismar vão levando o caixão.

Trindades... Nem um som... Na villa inteira, em peñas,
Todos estão de luto e estão de luto os sinos
Pela que em vida foi neta do sacristão...

ASSOCIAÇÃO MUTUA PAULISTA

APPROVADA PELO GOVERNO FEDERAL

Séde Social - Rua do Thezouro, 3

3 series de 11:000\$000, idade até 50 annos

1 serie de 11:000\$000, idade até 60 annos

1 serie de 50:000\$000, idade até 55 annos

Fundada em 1905 já pagou até esta data quantia superior a 1.800:000\$000

Não tem agentes, não tem accionistas

A Mutua Paulista não é uma sociedade anonyma

Ao alcance de todas as bolsas nesta quadra difficil

A Mutua Paulista liquida todos os seus seguros sem o menor embaraço e com a maxima pontualidade

PARA INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NA SEDE SOCIAL

CASA BARUEL

Secção Pharmaceutica

Secção Industrial

AVENIDA RANGEL PESTANA N.

RUA CANTAREIRA N. 45

Importadores de Drogas, Productos Chimicos e Perfumarias

Fabricação esmerada de:

Agua Ingleza - Polvilho antiseptico-Diaquelão - Magnesia Fluida - Vinho Iodo-Phosphatado

BARUEL & C.^{IA}

Rua Direita N. 1 Largo da Sé N. 2 Rua Marechal Deodoro N. 2

SÃO PAULO

RENDAS DO CEARÁ

O estrangeiro manda-nos para cá as suas rendas e compra-nos as nossas — por serem mais duraveis e mais distintas. Lindo sortimento.

Rua São Bento, 34-B

CASA FREIRE

Os automoveis de mais luxo e conforto,

são os da

Casa RODOVALHO

Hora a 10\$000

TRAVESSA DA SÉ, 14 e 14-A. - Telephone 384

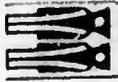
PERFUMARIAS FINAS; ARTIGOS PARA THEATRO E OBJECTOS DE TOILETTE. GRANDE SORTIMENTO.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

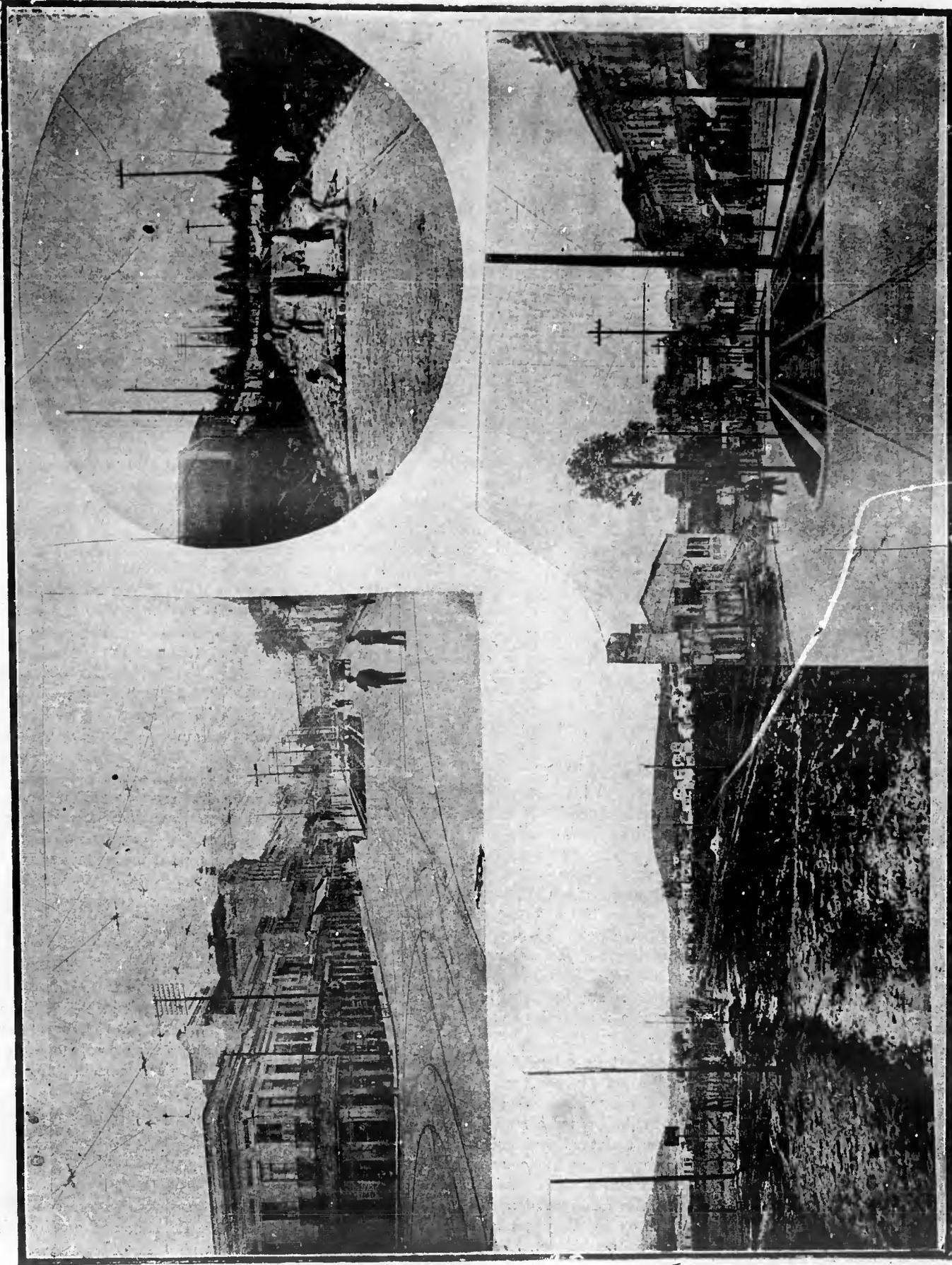
CASA LEBRE

S. PAULO

RUA DIREITA, 2



MELHORAMENTOS DA CIDADE



Dois aspectos da Avenida São João — A entrada da rua Theodoro Sampaio (Villa Cerqueira Cesar) ultimamente calçada —
Começo da estrada que conduz á Cantareira e que o actual Prefeito mandou aplinar e arborisar



O Filho da Velha

SENTADO, sobre o velho moirão tombado, com o braço sobre o joelho e o queixo apoiado na palma da mão, seismava o filho da velha.

No céu azul, flammejava o sol de março, quente, horrivelmente tropical, preguiçosa e voluptuosamente mettido naquella orgia de luz.

No canto esquerdo do curral, rosnavam uns porcos afundados na lama, maseando sabugos de milho velho.

Perto, umas gallinhas revolviam a terra, catando grãos e um gallo grande o velho, arrastava as azas e cocorejava em requintados galanteios.

Uma vacca de leite lambia um volho «eóxo» e dois cavallos do outro lado da cerca coçavam-se um ao outro e com as caudas espessas espantavam as «mutucas» impertinentes, quando o tremer do pêllo não era sufficiente.

No alto do céu, um côrvo ora batendo agitadamente as azas, ora as abrindo como duas helices negras, deserevia o grande círculo que o baixava até a terra.

A natureza esplendia suavemente virgem, pura, naquelle pedacinho rustico do mundo, parecendo que tudo era suavidade, meiguice, paz e perdão naquolle sitio tranquillo.

Na soleira da porta, a Velha sorrindo o mostrando duas presas apenas na boeca descurnada, brineava apatetada com uma porção de caixas de phosphoros vasiadas, botões velhos, fitas de diversas côres e grãos de milhos postos em fila uns diante dos outros sobre a terra cheia de rastos de aves.

De vez em quando, uma risadinha secca da octogenaria, quebrava a monotonia suave do sitio...

Essa risada que de instante a instante feria os ouvidos do filho, era-lhe uma pu-

nhalada em cheio no coração.

Ha oito annos elle ouvia aquella risada, attestado da loucura da velha...

Ha oito annos de minuto a minuto elle recapitulava, forçadamente, a grande desgraça da sua vida!...

Sua mãe ficou louca, desde a morte de seu pae.

Quem sabe se ali mesmo, naquelle logar em quo seismava, ha oito annos tombára pela carga assassina do Zé Felício, o seu velho pae!

E depois, ter o ventre aberto pela faca cortante do mattador e os seus intestinos dados aos porcos como alimento!...

Nesse instante, a risadinha secca da velha repercutio no silencio do curral e o gallo na taboa da cerca, bateu as azas e cantou.

E o filho da velha continuava seismando... Nada sabia ao certo, da horrivel tragedia. Creança ainda, brineava então na beira do açude, lá em baixo, num lindo dia de sol como aquelle e quando voltou encontrou assassinado o pae e louca, apatetada, a sua pobro mãe.

E a risadinha da velha sôou de novo...

Chico recapitulava então, o horrivel quadro.

Ali estava estendido no meio do curral o vulto de seu pae, as vestes esfarrapadas, quasi nú, ventre aberto, cheio de sangue vermelho-escuro coagulado, com a mão direita apertando ainda ramos seccos que encontrara no chão naquella desesperada, louca e diabolica agonia, com os dedos contralidos desesperadamente na ultima raiva, rosto cheio de peçonha e terra, ensopada em sangue pisado.

Tremendo ao sol, fios de cabellos brancos esvoaçavam ao vento.

Perto, um bacurinho revolvía a terra, cê-vando-a, rosnando, roncando na immundicie.

O filho da velha, ali parado, só, absórto, calado, olhar luminoso e fixo, cabeça óca, cheia de pensamentos sem ter nenhum, deixava que tudo aquillo lhe passasse pela cabeça como uma coisa vaga, indefinida, vaporosa, phantastica, intangivel, confusa, tremulamente irreal.

A risadinha da velha sôou de novo...

Foi o toque do despertar...

Pouco a pouco sahindo daquelle sonho, os seus pensamentos vieram-lho lentamente, a principio incertos, depois rectos, despertando-o todo, desnudando-lho daquello véo de sonho a realidade bruta da scena horrivel do oito annos atraz.

Olhou para si; vio os seus musculos retorcidos no grande braço de ferro, affeito ao trabalho, tostado pelo sol virgem daquellas paragens... Com o peito da camisa aberto, mangas arregaçadas, sentio-se forte e valento para enfrentar outro homem, e tirando a faca da cinta de couro, examinou-a bem o a ideia de vingança corporisou-se no seu espirito.

Quom sabe se elle encontraria na venda do Feliciano, o assassino de seu pae, que lá costumava ir ter, disseram-lhe, na hora do por do sol?

Quem sabe?

Dali ha meia hora, deixando a ostrada da eneruzilhada, montado no seu matungo, Chico penetrava na matta da Conquista, em caminho da venda do Feliciano. Tepida, a matta esplendia.

O sol, gallardamente rompia a espessura verde da folhagem, bordando arabescos exquisitos e raros, num esplendido contraste de luzes e sombras, no sólo coalhado de folhas seccas, limpo apenas no logar onde passavam os cavalleiros.

Trepadeiras roxas, caliceiformes, bordavam mil ornatos na velha matta; parasitas se enroscavam pelos velhos troncos e ninhos seccos e abandonados se dependuravam pela ramada intermina da matta virgem.

A trote largo, o animal dilatando o fechando as narinas, baixando e firmando erectas as orelhas, olhando de lado a lado, de vez em quando «passarinhando» de uma folha secca que tombava para a terra, caminhava cavalgado pelo filho da velha.

Num pedacinho aberto da matta, Chico volveu as vistas para o alto e divisou uma nuvensinha branca, macia, no pedacinho azul do céu...

No amago da matta, os urús cantavam rapidos e tristes...

Uma dor horrivel infiltrou-se no seu coração de filho.

Esporcando o cavallo, creceu-lhe no coração a sêde de vingança, o odio pelo assassino de seu pae.

Quasi a galope, Chico ainda ouvia o canto dos urús, como a musica do mysterio que lho avivasse n'alma a lembrança de um passado cheio de dôres, ensopado em sangue,

causador da sua inutilidade para a vida e da loucura de sua mãe.

Quem sabe se ella sararia no saber da sua vingança!

Cahia o sol para as bandas do occidente.

Azul, muito azul o céu rebrilhava.

Transposta então a matta, Chico banhava o peito na contemplação daquelles horizontes sem fim, suaves e calmes reverberantes ao sól que ardia.

A casa branca da beira da estrada apparecen ao longe.

Era a venda do Feliciano.

O coração do filho da velha bateu na garganta e insensivelmente Chico tirou de traz da orelha a ponta secca do cigarro de palha o batendo o isqueiro accendeu-a.

A incerteza do encontro punha na alma do filho da velha crispações de odio novo.

O sol se derretendo quasi, no occaso, alagava de luz rubra o céu para as bandas do occidente.

Tocando agora apressadamente o animal, Chico, todo elle, era um só desejo de vingança, todo elle era uma só convicção inabalavel depois de algumas horas de cogitações.

E a ideia que a principio tenue e debil apparecera no seu espirito, era agora á beira da sua realisação, um pedaço mesmo do seu ser.

O filho da velha, sedente de vingança, já via o crime consummado e a essa ideia, um sorriso novo lhe illuminava o rosto.

Era o prazer antegosado, da realisação das ideias, longas horas ruminadas no seu espirito, longas horas embaladas nas suas cogitações...

O cavallo se approximou do tóco da porta da venda e um outro animal que pastava perto, relinchou como que reconhecendo o animal que chegava.

De dentro da venda, uma voz gritou:

— Olá, seu Chico, vamo apeá.

Chico sem sentir, esporeou colerico o animal, saltou, amarrou o numa argolla de ferro do moirão da cancella e batendo nervosamente na peina o «rabo de tatú», caminhou para a venda.

Debaixo de uma grande arvore umbrosa, ao lado esquerdo, um outro cavallo estava amarrado...

— Então, seu Chico, como vae a roçada lá do espigão?

— Homme, não sei nhô Feliciano. Ha dois dias que o eito não me vê porque ha dois dias que eu ando perrengue.

— Vamo tomá um matta-bicho?

— Vamo. Vê lá um martello de pinga. Nesse instante, Chico fitou o outro que estava assentado ao lado do balcão da venda e lhe disse fitando-o em cheio:

— E mecê não matta o bicho?

— Uái, porquê não?

Em quanto o Feliciano subindo na prateleira, tirava um garrafão para servir a pinga,

Chico media de alto a baixo a figura do desconhecido.

Era um typo moreno, velho já, phisionomia pallida, muitos cabellos brancos na cabeça, barba fallhada e rara espalhada pelo rosto, com um grande chapéo velho côr de lona na cabeça, calças de algodão azul bordadas no tear do sertão, em mangas de camisa com uma cinta de lã azul com bambolins vermelhos, um cigarro atraz da orelha, um palito enfiado na fita do chapéo e uma faca de bainha bordada na cintura.

Feliciano quebrou o silencio arrancando a rôlha do garrafão e dirigindo-se ao outro:

— E' desta mêmo que mecê gosta nam é seu Zé Felicio?

Chico ouviu então real, perfeita nos seus ouvidos, a risadinha da velha, achando curto o tempo que tinha para a sua consciencia de caboco quebrar as amarras daquelle horrivel captiveiro.

— E' mecê seu Zé Felicio?

— Vélho mais prompto p'ra lhe servi.

— Mecê ainda se lembra do marido da vélha lá da baixada?

— Foi o derradeiro quo eu mandei p'ro outro mundo. Aquillo era ruim que nem p'ra sabão prestava.

— E mecê vae sê o primêro que eu vô mandá. Reza p'ra sua alma, vélho, que chegou a sua hora.

E saccando da faca, Chico cahiu feito sobre o velho e cravou-a certa eira no pescoço do assassino de seu pae.

O sangue jorrou quente da arteria do velho que tombou estertorando, com os olhos vidrados de colera, a mão esquerda apertando o coração e a mão direita nervosa e convulsa apertando o cabo da faca, que elle só tivera tempo de saccar até a metade da bainha. Feliciano, o vendeiro, estarrecido diante da rapidez daquelle crime, com os olhos esbugalhados, de mansinho, foi se afastando para a porta do fundo o exclamava apenas:

— Chega seu Chico, mecê matta o home! chega seu Chico!...

O balcão da venda não lhe deixava ver o corpo tombado ao chão do Zé Felicio e elle só via a cabeça do filho da velha, que ajeelhado erguia e enfiava fundo no peito do outro, a faca vermelha de sangue.

Cinco minutos apenas e Chico se ergueu mordendo, uma, duas, dez, vinte vezes, rapida e nervosamente, um coração humano que depois largou e atirou a terra, pela porta fóra.

O filho da velha sahio e cavalgou pela estrada.

Feliciano tremulo, com mêdo ainda, como quem vae fitar um abysmo, veio se approximando, esticando o pescoço para ver o corpo de Zé Felicio, do outro lado do balcão.

O morto jazia com o peito aberto, todo banhado em sangue, com uma perna recurvada e com um grande buraco no peito, retalhado por golpes de faca.

Lá fóra, o coração de Zé Felicio, talvez ainda quente, era lambido pelo velho cão da venda, que dormia á porta.

Feliciano tapando os olhos com a velha mão calosa, exclamou apenas:

Virge Maria! ôta homo marvado!

O sól, quasi se mergulhava do todo no horizonte.

Pelas grandes baixadas, cahia já, merencoreamente o manto da tarde agonisante.

Nesse instante, Chico, o filho da velha, transpunha a matta virgem e entrava na encruzilhada.

O matungo trotava largo, com as redeas soltas sobre o pescoço.

Triste, uma serriema cantou lá em baixo.

Chico tirando grossas fumaradas da ponta mascada do cigarro, caminhava tranquillo pela estrada larga.

Cahia a noite...

Dianto delle, rapidamente adejon um coriango, num rapido voar brusco de moreço.

Luzindo, no alto do céu azul, vesper pura e bondosa enviava a terra virgem o seu beijo de luz.

A serriema desferiu o seu ultimo canto e Chico, sosinho na estrada, calmo e tranquillo, poz-se a cantar, nostalgicamente, a moda que ouvira no ultimo fandango.

Pesadamente a noite cahiu...

Agosto de 1915.

DOLOR DE BRITO

O Chá da Casa Branca, é innegavelmente o melhor rondez-vouz da elite paulistana.

Mlle. que é cheia de credices e superstições, dizia outro dia a uma sua amiguinha o seguinte:

— Sabe? X... ficou noiva daquelle moço que ella viu na Casa Branca!...

— Ficou?

— Ella ia lá todos os dias.

Ja se conheciam de vista. Tantas vezes lá se encontraram que um dia um amigo commum o apresentou a ella e, foi tráz, zaz nó cégo.

Dizem que aquella casa é muito feliz...

— Aos sabhados principalmente não deixo de ir lá.

— Sabes que mais?

A I... canta todo o dia no piano a Casa Branca de Guimarães Passos na certeza de que só o facto de pronunciar o nome dessa casa arranja pela certa o noivo desejado.

— Não creio.

— Juro-te que é exacto,

Esse dialogo ouvimos atraz de uma cortina numa sala chic de Madame X... num dia de recepção.

No outro sabhado lá estavamos na Casa Branca e ás 3 e meia da tarde, ao entrarmos, as primeiras carinhãs que vimos foram os de Milles X... e I... em adoravel colloquio.



Lenda de Senzala



NO grande terreiro, cheio de sol, as duas crianças brincavam. A boneca no collo da Sinhasinha caprichosa e autoritaria, tão loura quanto ella, beijada pela luz que a fazia mais bella ainda, accordava caricias no olhar da negrinha, cujos dedos tremiam desejosos e impacientes de tocá-la.

— Não, não quero que você pegue na minha boneca.

As mãos tremulas e medrosas retiraram-se tristemente. Amuada, ella pensou longamente, e depois disse com voz transfigurada, o olhar illuminado como se viesse de longe, de muito longe:

— A tua boneca!? Que me importa a tua boneca.

Ha muito tempo, n'um paiz de ouro e sol, cortado por grandes rios, coberto por vastas e densas florestas, onde as cidades eram luminosas como os brincos que ornão as tuas orelhas

e faceiras se miravam nos espelhos tranquillos de grandes lagos, eu fui uma princezinha bem mais rica, bem mais poderosa do que tu.

Uma noite, minha mãe, real princeza, grande sacerdotiza, envolta n'um pesado manto de seda, com o seu rico diadema, grandes arrecadas brilhantes, os braços mordidos pelos argolões symbolicos, foi com a sua luzidia comitiva, embalada pela musica divina dos hymnos religiosos, cercada da admiração e do entusiasmo dos principes guerreiros, que deslumbrados não perdiam seus gestos, lançar aos peixes sagrados o coração da victima que lhes fora sacrificada, para que a victoria nos sorrisse na guerra que se iniciara com a vinda dos guerreiros extranhos. Lá no alto, a lua branca e desmaiada sorria-nos propicia.

Elles aceitaram o sacrificio... um fremito de alegria percorren a comitiva, e alastrou-se pelo reino.

Depois de festas esplendentes e deslumbradoras a luta foi iniciada e meu pae foi sedento de gloria à frente da sua horda. A cidade quedou morta, desolada com a partida dos seus guerreiros queridos, e os grandes peixes sagrados ficaram insensíveis e indifferentes à tristeza que nos asphixiava.

Um dia trouxeram-no esvaindo-se em sangue, com o olhar quasi apagado. Contra a ferida de nada valeram aservas santas e a sciencia dos sabios feiticeiros do reino. Eu ainda chorava a sua morte, quando uma musica differente da nossa, soou junto ás muralhas da cidade divina. E depois me trouxeram para aqui, e eu sou tua escrava, e eu sou tua escrava, disse ella arquejante, quasi num soluço.

A Sinhasinha, com os grandes olhos claros fixos, n'uma expressão de deslumbramento e espanto, não sorria, não duvidava.....

CORNELIO PROCOPIO DE CARVALHO.



CASA DODSWORTH

Costa, Campos & Malta

GRANDE STOCK DE LAMPADAS ELECTRICAS, FERROS DE ENGOMMAR,
PILHAS SÉCCAS, AQUECEDORES ELECTRICOS, LUSTRES,
ABAT-JOURS, CAMPAINHAS, ETC.

RUA BOA VISTA N. 44





UMA NUVEM

Um pedaço de céu é uma folha perdida
de um grande livro sabio — o livro desta vida.
Quanta coisa se lê, terrivelmente certa,
no rectangulo azul de uma janella aberta!

Certa vez, por um dia illuminado e quente,
eu me puz a seguir irreflectidamente
uma nuvem pequena e baixa que fugia
pelo espaço. E eu pensei: — Nuvemzinha vadia,
quem és tu? d'onde vens? para onde vaes? que fazes,
ó futil turbilhão de rendas e de gazes?

Quem te lançou, como se lança uma blasphemia,
ao céu immaculado, ó pobre nuvem nuvem bohemia?

E a nuvem respondeu-me, e eu comecei a ouvil-a:
« Homem, tu não és mais que um pedaço de argila!
« Pensa menos em mim e pensa mais em ti!
« Perguntas-me quem sou? — Não sabes que nasci
« do consorcio feliz, do connubio sem magua
« entre um raio de sol e uma gottinha de agua?
« Conheceram-se, um dia, os dois. E um só momento
« bastou para que o sol, num arrebato, num
« absorvendo a gottinha, em sua insensatez,
« a condensasse assim na nuvem que tu vês,
« no prodigio de amor que todo em mim se encerra,
« ó pequenino ser da pequenina terra! »

E eu disse, desdenhoso, á nuvem que passava:
— Sombra que o vento espanca e arrasta como escrava:
nuvem, és máo tempo! — « eu sou a nuvem boa,
« a esperança que passa... » — A esperança que vóa!
« Vou levar alegria ao campo, aos lavradores ».
-- Tu vaes amedrontar os pobres pescadores!
« Vou fazer deslizar mais suaves as charruas... »

— Sim, mas toldando os céos e enlameando as ruas!
« Eu vou velar o sol para abrandar-lhe a raiva. »
— Tu vais cahir, quem sabe? em fórma de saraiva...
« Eu hei de me vestir de purpura ao sol-poente
« para fazer sorrir a tarde descontente! »
— Vaes-te armar de furor e de electricidade
para lançar o raio ás torres da cidade,
desrespeitando mesmo a flécha das egrejas...
Sombra nômade e má, nuvem, mald'cta sejas!

Mas a nuvem me disse immensamente triste:
« O' meu doce inimigo, escuta: — Eu sei que existe
« alguem que te quer muito, alguem que muito queres
« (a mais bella, talvez, de todas as mulhres)
« e a quem tu déste um dia, um galho de roseira.
« Pois esse alguem plantou-o. E a bella jardineira,
« poucos dias depois, feliz como ninguem,
« viu que a planta vingava — e o seu amor tambem...
« Não tardou muito, veio o primeiro botão:
« pela primeira vez floriu seu coração.
« E o botão se entreabriu desmesuradamente:
« E ella amou... ella amou allucinadamente!
« desde então ficou sendo a roseira florida
« a preocupação de toda a sua vida.
« Pois bem, meu inimigo, hoje, a planta parece
« que tem séde. E ninguem, ninguem se compadece
« della! Ora, eu mesma, a causa atróz da tua magua,
« quem sabe já si vou me desfazer em agua,
« para dar de beber ás rosas bemfazejas?... »

— Nuvem de amor, nuvem de amor, bemdicta sejas!

G. DE ANDRADE E ALMEIDA

(Illustração de J. Marques Campão)

ODE À AMERICA

(Aos estudantes do meu paiz)

Parae a vossa festa, ó moços do Brazil!
 Não ouvis porventura um rumor do outro lado,
 Vozes em confusão, tinir de ferros, mil
 Estampidos que traz um vento amaldiçoado?

Não ouvis o troar do canhão, o estalar
 Da rapida metralha e da fusilaria,
 Bombardas que se vão frugmentando no ar
 Com o clarão infernal plagiando a luz do dia?

Não ouvis crepitar as madeiras, ruir
 O tecto dos casaes, no incendio que devora
 Aldeias, plantações e em pouco vai destruir
 Uma cidade inteira em menos de uma hora?

Não escutaes o grito immenso dos milhões
 De homens que, desde o Norte ao Sul de um continente,
 Se estão matando noite e dia por legiões,
 Com o seu sangue adubando a terra indifferente?

Não chega ao vosso ouvido, ó moços, o clamor
 Dos afflictos, dos que, no delirio em que os lança
 A peleja sem fim, misturam ais de dor,
 Supplicas de vencido a brados de vingança?

Não percebeis tambem a dolorosa voz
 Do infante, da mulher, — martyres no seu Horto —
 Chorando humildemente — o descspero atroz
 Dos orphãos sem allivio e da viuvez sem conforto?

Não sentis que vos turva uma grande illusão?
 Que isto é um sonho e é chimera a vossa realidade?
 Que o jóguete vós sois de uma allucinação
 Estupida porque está cheia de maldade?

O vacuo não sentis dentro do vosso ideal?
 Pensais em levantar um bello monumento
 De eterna solidez . . e o templo é de crýstal
 Que se desmanchará quando soprar o vento.

A paz á uma utopia a que os homens, sem dó
 De si mesmo talvez por um diletantismo,
 Amam ver desmanchar-se em turbilhões de pó,
 Na hora que se regressa ao horror do barbarismo.

Mas, sois de certo vós que melhor reflectis,
 Moços da minha Patria! E quereis, na pureza
 Dos vossos corações, vel-a forte e feliz,
 Consciente do seu nome e da sua grandeza.

A America surgindo em glorioso arrebol,
 É o contraste com a treva em que o mundo anda immerso,
 E descreve na Historia a jornada de um Sol
 Que tem na sua luz toda a luz do Universo!

Emquanto, longe, canta um hymno de guerra o obuz,
 — Symphonia de horror que as alma dilacera —
 A America se deixa aureolar dessa luz
 Que é a apotheose triumphal da sua primavera.

Terra do Novo Mundo! ao clarão da manhan
 Que te revela forte, esplendida e tranquilla,
 Mostra na orla do mar, no monte, na rechan,
 No fundo o socavão ou na ridente villa,

Na estancia, no esplendor das cidades. aquem
 Dos campos onde ainda o selvícola habita,
 O trabalho que pões em propagar o Bem,
 Pelo absoluto Amor e a Razão infinita.

Concordia é o Credo ideal que tu sabes de cór!
 Fraternidade é o lemma em que symbolisaste
 A tua independencia e União foi a melhor
 Divisa de nobreza em que te concentraste!

Nos tratados em que teu amor se compraz
 — O amor de ti, o amor do proximo a cordura —
 E a alta sabedoria armam tendas de paz
 Que são o acampamento onde móra a Ventura.

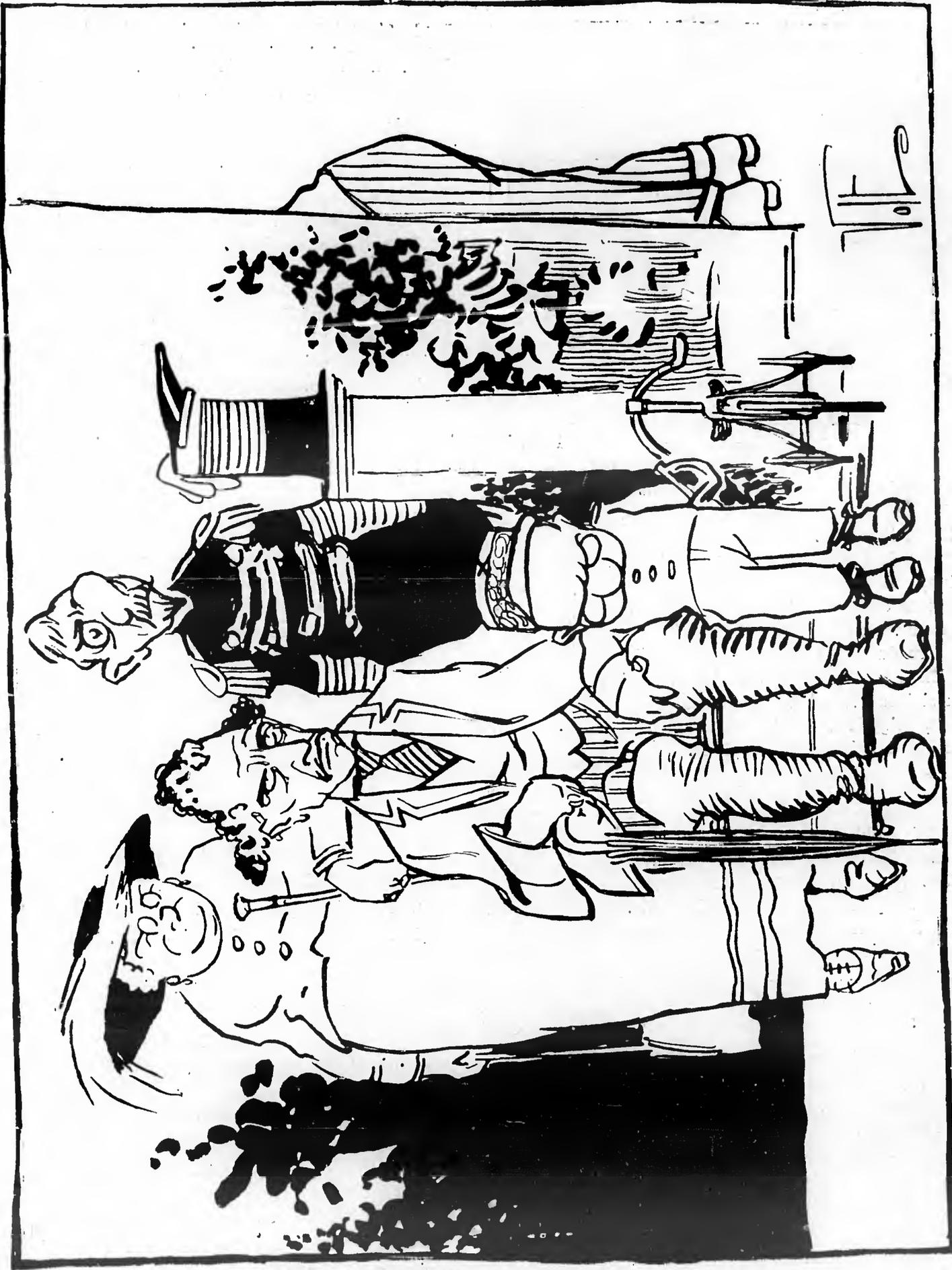
É em ti que a Humanidade o seu futuro vê,
 Porque abriste o Missal do teu dogma profundo,
 E a alliança da Nações chamando de A. B. C.
 Vaes ensinar a ler esse alphabeto ao mundo.

A guerra ha de acabar por ser absurda e vil,
 Por ser uma vergonha e uma montruosidade.
 — Prosegui vossa festa ó moços do Brazil!
 A America bem diz a vossa mocidade...

OSCAR LOPES

Rio, Agosto de 1915. (Recitada no Theatro
 Municipal, na noite de 11 de Agosto.)

NO PHOTOGRAPHO



A FAMILIA DO "PIRRALHO"



O Gazua i a Polizia

Nu arto du Garvaglio tenia uma cruiz,
I pindurado ingoppa, o corpo di Jesus.
Notte di tempestá. Nuvolas gôr di garvó,
Corria pelo çeu come um bando di leitô.
A lua, redonda come una melanzia
I branga come un biglietto di lotteria,
Derramava na terra una llumiçó
Migliore du gaiz i migliore du lampiô.
Du Braiz a Barafunda, do O' ao Billezigno,
Non si iseutava né un baruligno.
Jesus, prigado na cruiz, stava spirâno
I os corvo imbaxo stava spiâno.

Numa óra ehi stava mesimo a scuridó,
O Gristo iseuítô un baruligno, i intó
Ogliô i viu surgi d'indo glaró da lua
C'uma lamparina na mó, o Juó Gazúa.
O ladró, acuntenprano a gara di Jesus,
Tó sercno i tó chetigno, apagô a luiz
I indigambô... Ma n'istu momento inzato,
Parecêu na frente delli o Lacarato
I gridó:

In nomi da legge! Steje preso!
O Gazua fiz un gettigno di dispreso,
I aparlô:

Passi di largo cumpagnêro,
Che io só amigo do Dudú i do Pignéro.
— Non vó nu imbroglio dissí o Lacarato
I non si mexa dai sinó ti mato.
O Gazua, tremendo di paúra, dissí:

Dottore!

Che disegia di min? Chigné o signore?
— O Lacarato, subrindiligato lá nu Bó Ritiro
I a maise di un meiz che io ando dano un giro

P'ra pigá tuttos ladró d'ingoppa a zona.
— Iseuíta só Laearato! per la Madona!
Mi dexa cu i s'imbóra, faccia o favore
Che io li dó un montó di prata p'ru signore.
O Lacarato intó pigó di dá risada
I dissí: — Guarde istu dignêro gamarada,
Che o dignêro rubado pertence p'ru ladró,
Come o figlio p'ru paio, i o paio p'ru avó.
Guardi istu dignêro bê dentro da argibêra
Chi é p'ra pruvá chi é vueê o attor da robagliêra.
Tu á di i p'ru xadriz só indigraziato!
E io ê di mandá tirá o tuo ritrato,
Butá imbaxo: — Istu ritrato é d'un ladró —
I mandá pindurá in tuttas staçó.
Ê di dá ordi p'rus surdado ti seondé,
Chi é p'ru Giurio non podê ti bissorvê.
I aóra va chéto, giunto co surdado,
Che io vó pricurá aqui p'ra istu lado,
Si incontro ôtro chi intrô na nigociata.

Dissí istu i saiu pricurá o Xico Prata.

O Gazúa assi chi seigó lá na prisó
Pigó una corda e s'inforcó.

Sunetto crassico

Sette anno di pastore, Giaeó servia Labó,
Padre da Raffaella, serrana bella,
Ma non servia o pai, che illo non era troxa nó!
Servia a Raffaella p'ra si gazá c'oella.

I os dia, na speranza di un dia só,
Apassava spiano na gianella;
Ma o páio, fugino da gombinaçó,
Deu a Lia inveiz da Raffacla.

Quano o Giacó adiscobri o ingano,
E che tigna gaido na sparrella,
Ficô c'um brutto d'un garó di arara,

I incominciô di servi otros sette anno
Dizéno: Si o Labó non fossi o pai d'ella
Io pigava elli i li quibrava a gara.

JUÓ BANANÉRE.

UM TYPO

— Vês aquelle sujeito que ali vaé, do outro lado?

— O alto, de *cache-nez*?

— Sim, o de *cache-nez*.

— Que tem elle?

— Observa-o. Quero que conheças o santo, para então contar-te o milagre.

E enquanto, acceso em curiosidade, eu lhe attendia á intimação, Alberto, a meu lado, caminhava em silencio, enrolando um cigarrò.

Atravessavamos o viaducto, nesse momento pouco transitado por pedestres, á rijá soalheira do meio-dia. E o homem do *cache-nez*, ligeiro e cabisbaixo, lá ia a porfiar com os seus botões, numa gesticulação insistente e irritada. Achei-lhe graça, mas não ri. Antes, puz-me a cogitar no motivo por que me haveria Alberto chamado a attenção para elle. Porque afinal não me parecia que semelhante exterior, esgrouviado e sordido, merecesse especial reparo. Encobriria elle alguma «raridade»? Era possível. E uma vez que se me promettia um «milagre», eu não tirava os olhos do «santo», acompanhando-o no seu passinho miudo, rapido e um tanto bambaleante. Comprazia-me mesmo em fantasiar a singular historia que certamente me iria offerecer um personagem tão reles. Havia, sem duvida, no seu destino algum lance emocionante — uma dessas tragedias que inopinadamente desabam sobre um pobre diabo e literalmente o arrazam. Ou talvez o roesse alguma grande paixão incompreendida, inelutavel e tenaz, que o viesse devastando áquelle extremo. Ou ainda... E enredado num turbilhão de conjecturas, entrei a imaginar mil scenas de que elle teria sido protagonista, mil situações embaraçosas de que se haveria recobrado com bravura, mil cousas, em summa, inverosimeis — ridiculas umas, outras heroicas, todas contradictorias, e que, sem embargo, acabaram por me prender áquelle typo.

Nisto, perdi-o de vista.

Entregue a semelhantes devaneios, que o silencio de Alberto favorecia, havia passado a rua Direita, descido ruaa Quinze, e déra commigo á porta do café Guarany, onde o habito me fizera estacionar.

E o «nosso homem?»

— Lá está elle — disse Alberto, rompendo o mutismo em que se fechara, e como que respondendo á minha pergunta mental. E acudindo ao meu esforço por divisá-lo no vai-vem da multidão que formigava: — Ali — apontava — á esquina da «Platéa» á esquerda daquelle grupo de rapazes que tanto berram...

Os rapazes, effectivamente, discutiam com calor os telegrammas affixados á porta da redacção, relativos aos successos de Portugal. E o «nosso homem» indifferente aos rapazes e aos seus berros, ás formas de governo e aos destinos de Portugal, lá estava, a dois passos, sem ver os berradores, talvez sem escutal-os — macilento, o olhar esgazeado, as palpebras debruadas de vermelho, olheiras cavadas até o meio da face inteiramente imberbe, o *cache-nez* a comer-lhe o pescoço, as mãos nos bolsos do paletó ensebado, com o ar de quem houvesse esquecido o recado que trazia... Subito, pareceu recordar-se, retomou novamente o seu

passo miudo, e rapido, e bambaleante, em direcção á praça Antonio Prado.

— Bem — volveu-me Alberto, travando-me do braço — já conheces o «santo», vamos agora ao «milagre» e ao café...

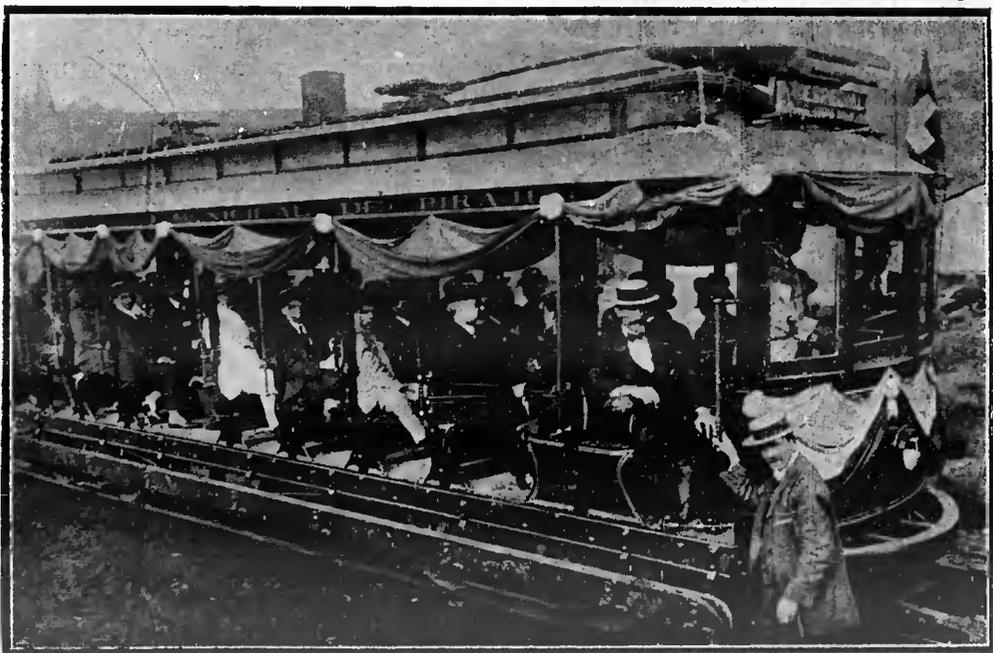
Aquella hora, como sempre, o Guarany regorgitava. Não foi, pois, sem difficuldade que conseguimos, quasi ao fundo, uma mesa que acabavam de deixar dois corretores apressados. E abancado á minha frente, deitando o assucar á chicara, observou Alberto:

— Que coincidência! Viemos sentarnos justamente á mesa onde os encontrei hontem...

— «Os» encontrei! a quem?

— Aos dois; porque eram dois: aquelle sujeito e mais uma sujeitinha, que lhe dava pelos cotovellos, e que estava para estourar quando cheguei. Acabada a derradeira sessão do Radium, ainda me retardara á sahida, a ouvir o Guedes que me contava as suas ultimas «façanhas», cheias de incidentes, de peripecias, que lhe arrancavam grandes gestos — sempre pa-

Bondes electricos em Pirajú



O primeiro bonde que trafegou naquella cidade

lavroso, gabarola e cacete. Afinal, aproveitando uma das suas raríssimas pausas, saí-me a pretexto de que me esperavam no «Estado» — e vim direito ao café, já prestes a fechar-se. Os creados, de braços cruzados, bocejavam, impacientes por verem na rua aquelles dois freguezes retardatarios, que discutiam a meia voz, ella de pé, elle sentado — quando eu entrei. Não acabava de installar-me áquella mesa, a quarta ao centro, e logo a mulherzinha, rematando a pendencia, explodiu: — *No me sigas!*

E passou por mim como uma rajada, a resmungar improperios.

Os creados riram, divertidos.

— Que furia! — rosou o que me trazia o cognac, dando uma esfregadella ao marmore da mesa. E explicou-me que ali estava ha um bom pedaço a apreciar aquella disputa. Que a hespanholita era levada, dizia, e o marido, ou o quer que era, tinha-lhe medo...

Já eu o havia percebido, á passividade com que o infeliz se rendera á sua prohibição de seguila. A principio, ainda elle tentara retel-a, agarrando-lhe uma das pontas da mantilha, em attitude de supplica. Ella, porém, arrebatando-lh'a num safanão, fulminara-o com aquelle trovejado «no me sigas», que ali o plantara estarrecido — e sahira impetuosa e praguejante.

Não pude observal-a. Notei apenas que era baixa, morena, e que trazia um vestido surrado, além da mantilha preta que lhe cobria a cabeça.

O desgraçado ficára perplexo por alguns segundos. Depois, levantando-se a custo, como se trouxesse ás costas um peso superior ás suas forças, deu dois passos, parou, hesitante e confuso, fez menção de querer sentar-se de novo, e caminhou emfim para o meu lado.

Interessava-me o miseravel. E talvez porque o tivesse presentido, ou porque necessitasse expandir-se, ou por qualquer outra razão que não avento, acercando-se de mim:

— O senhor é jornalista? — perguntou-me, desconcertado.

O sotaque era inilludivelmente portuguez. Percebi que a pergunta fôra um pretexto para a aproximação, se bem que talvez no seu conceito a justificassem os jornacs que eu tinha commigo — e respondi-lhe que sim.

— Ah! — suspirou, olhando em torno, de esguelha, indeciso, se ficaria, se sahiria... Tirei-o do embaraço, convidando-o a sentar-se, offerecendo-lhe um cognac. Não se fez rogar. E enquanto o serviam, num accesso de gratidão, volveu-me inopinado:

— Não se envergonhe vossa senhoria da presença de um... bandido. De um bandido, sim, proseguiu a um gesto de espanto que me provocára o qualificativo; — porque não sou outra cousa: um covarde, um bandido!

Ia eu dizer-lhe que se explicasse, mas não foi preciso. Elle tomou-me a dianteira e, precipitando as palavras:

— Aquella mulher que vossa senhoria viu sahir ha pouco... — E deteve-se, meio tremulo, meio suffocado; tinha os olhos em braza, a boca a repuxar num rictus incoercível. O creado acabava de encher o seu calice. Emborcou-o de um sorvo, limpou-se ao *cache-nez*, olhou-me fito.

Eu não pestanejava, á espera da confissão que alli viria, desordenada, aos solavancos, talvez pontilhada de soluços.

— Aquella mulher — recomeçou elle, realentado pelo alcool — não é minha... quer dizer... sim, não somos casados. Atravessou-se na minha vida, vae para tres annos, e ha tres annos que lhe soffro os rigores, sem esperança de tranquillidade e, o que mais é, sem desejo de me libertar de semelhante algoz... Não lhe conheço os antecedentes, que ella sempre occultou com furiosa obstinação. Quanto aos meus, dir-lhe-ei apenas que, crescendo no trabalho, não me corriam mal as cousas, pelo contrario. Tanto assim que era noivo, e estava em vespuras de me casar, embora nunca me houvesse sorrído a idéa de casamento. Não desgostava da noiva, uma patriciasita trigueira e risonha, mas também não a amava. Cedia antes a um desejo da familia, cujo conhecimento com a da rapariga datava da aldeia, já lá vae um bom par de annos. Emfim, como se dizia que não era um mau arranjo, deixava-me levar de olhos vendados... Devo confessar-lhe que, a respeito de mulheres, sempre manifestei uma predileção exquisita. Nunca me seduziu o que os outros chamam «bellezas» nem a regularidade dos traços me impressionou jamais. E a prova está em que vossa senhoria terá reparado que essa mulher que me deixou, ha bocado, ali á mesa, é feia, zarolla e tem maus dentes. De genio, então, é um Deus nos acuda! No cortiço, onde moramos, ao Bom Retiro, chamam-lhe a «gata secca» — e não ha quem a não tema. O seu nome é Consuelo...

Interrompi-lhe neste ponto a verbosidade que lhe déra o cognac, para ordenar outra dóse, que elle esgotou de um trago.

— Pois é verdade — continuou — não sei como foi a cousa. Quando menos o esperava, rebentou-me em cima essa mulher, como um raio, arrebatou-me, dominou-me logo, sem resistencia, e ha tres annos que me traz de canto chorado. Porque eu tenho-lhe ciúmes, lá isso tenho... E o receio de perdela é o meu maior tormento. Não acredita vossa senhoria? Pois olhe que lhe não minto! Foi a primeira mulher que conheci; a primeira e, até o momento em que lhe falo, unica — palavra que lhe não minto! Por ella, rompi com os meus, desfiz o casamento, perdi o emprego. Com ella, iria até p'ró inferno, com perdão de vossa senhoria...

E suspendeu-se, um instante, a tomar folgo. Accendi um cigarro, e elle proseguiu:

— Já lhe disse que as «bellezas» nunca me fizeram impressão. Olhava-as indifferente. Faltava-lhes sempre alguma cousa. O que seria, ignorava-o. Soube-o afinal um dia, quando já me suppunha inacessível ao amor... Era em fim do anno. Os almanaques e folhinhas para o anno novo começavam a circular. A casa onde eu trabalhava, pontual nesses brindes aos freguezes, acabava de receber dezenas delles, do varia côr e feitio. Estava eu a separal-os para a distribuição, quando, á vista de uma oleographia em que figurava um busto de mulher, mostrando a alvura dos dentes num sorriso brejeiro: — Linda! — exclamou o rapaz que me ajudava. E tomando a nas mãos, afastando o braço, mostrava-m'a enlevado: «Veja que linda!» Era linda, realmente; mas, não sei porque, parecia-me incompleto aquelle rostinho de cereja. Venceu-me todavia a insistencia do meu camarada, communicou-se-me o seu enthusiasmo. Deliberei reservar para mim aquelle chromo; seria o unico adorno da minha parede nua. E assim fiz. A' noite, no meu quarto, examinando ainda uma vez a oleographia, tive uma idéa extravagante, que não tardei a pôr por obra, pegando machinalmente de um lapis e fazendo um ligeiro buço á figura... Contemplando-a então, senti que todo me invadia não sei que torpor, delieioso, é certo, mas que me seccava a garganta e me fazia tremer as pernas. Por fim, á força de fital-a, num enlevo indizível, acabei por me intimidar á vista daquelle busto que me dava a illusão dedespregar da parede onde eu o pendurara, de crescer, de tomar corpo e vir roçar-se por mim, deixando-me abrazado, provocando-me arrepios de febre... Soprei então a vela e...

Quer que lhe diga? Não ha, não pode haver maior encanto do que uma penugem azulada num labio de mulher! Palavra que não!

Calou-se a offegar. Tinha a cabeça baixa, os cotovellos fucados na mesa, enquanto com os punhos cerrados comprimia as temporas latejantes. Por traz delle, o creado, que estivera a escutal-o, piscando para o companheiro, fazia-lhe signaes circulares com o indice voltado para a testa, como a dizer-lhe: — Pobre gira!

Soprei para o alto o fumo do charuto, que acabava de accender, disfarçando um sorriso impertinente. Elle percebeu-o e, levantando para mim os olhos dilatados e brilhantes do alcool:

— Conhece por ventura vossa senhoria um caso semelhante? Já ouviu falar de alguém nas minhas condições?

Perturbou-me o inesperado da pergunta; mas recobrei-me logo e, recordando leituras de factos mais ou menos identicos, quando lhe ia retorquir que conhecia, que lêra...

— Impossivel! — atalhou elle, quasi que falando mais para si proprio do que mesmo para mim; — vossa senhoria não conhecerá ninguem nas minhas circumstancias... Sou unico! — E avançando com o indicador enristado: — Unico! — teimava em todo o mundo...

Sobresteve alguns segundos naquella attitude, como que a se certificar da veracidade do que me asseverava. Finalmente, já meio serenado:

— Pois assim é, meu rico senhor.

A Consuelo, desdentada e gasta, escraviza-me. Enquanto a mim, submetto-me ás torturas que me inflige, não lhe retruco aos ralhos injustos, deixo-me espesinhar por ella, somente a troco do prazer... não se escandalise vossa senhoria... do prazer — e inflammado, enternecido, cerrando os olhos numa visão interior de delicias incomparaveis que lhe crispavam todo o sêr — do prazer de lhe afagar o buço! *Aquillo* é o meu martyrio, o meu fadario, a minha morte! E, com-tudo, creia-me vossa senhoria, se viesse a perdê-la, seria infinitamente mais desgraçado do que me sinto agora... »

Ergueu-se precipitado, atirou para a guela o terceiro calice de cognac que eu lhe mandara servir, e abalou aluciado, como se corresse atraz de um bem que lhe escapasse.

ADALGISO PEREIRA.

1908.



Pró-Ceará



Os estudantes angariando esmola para os flagellados do Norte

GRAPHOLOGIA

Pierrot Noctambulo

Calamidades, e vinganças. Apaixonado por tudo, e com ardor.

Amor da sciencia — rendendo grande culto, e pronuciadissimo gosto pelas artes. Irresoluto em tudo. Imperfeições.

Grande intelligencia, que se inutilisa perdendo energias pelos caprichos irreflectidos. Pouco clarividente, afflicto, nervoso, inquietude constante. Indolencia.

Terá não muito tarde favores e fortuna. Existencia longa. Paixões incomprehendidas.

Amor proprio, susceptibilidade. Vive de recordações.

Memoria prodigiosa. Inveterado no vicio que contrair. Ferino na critica não condescende. Tem excellente coração, muito pres-tavel e sociavel.

Nina

Rio — Cartão Postal

Felicidade e favores grandes na vida. Accessivel bondade e meiguice. Egoismo e zelo, piedado o grande coração, Aspirações. Alegre e espansiva.

Terá breve grande successo, é eleita pelo coração. De Setembró a Janeiro verá sua melhor epoca da vida. Felicitações.

L. H.

Temperamento apaixonado. Ambiciona com ardor, o eleito do coração.

Horas de tristezas, incertezas, tornando-se austera.

Mysticismo. Amor platónico e sonhos. Amor da verdade e da justiça.

Honestidade e fidelidade por principio.

Felicidade futura no casamento. Favores, na vida. Tem irresoluções. Viverá muito. Extremo cuidado e capricho. Zelo. — Horas de saudade sendo as melhores da vida em que se manifesta meiga, boa e piedosa.

Aldebaran

Arte e Amor — Arrebatado. Puresa (de sentimento. Contemplativo. Irresoluto. Tristesa. Amor da justiça. Sociabilidade e grande intelligencia. Temeridade.

Felicidade futura no casamento. Praseres e festas viagens longas. Prodigiosa memoria. Character sympathico.

Temperamento as vezes muito docil. Muitas magoas soffridas.

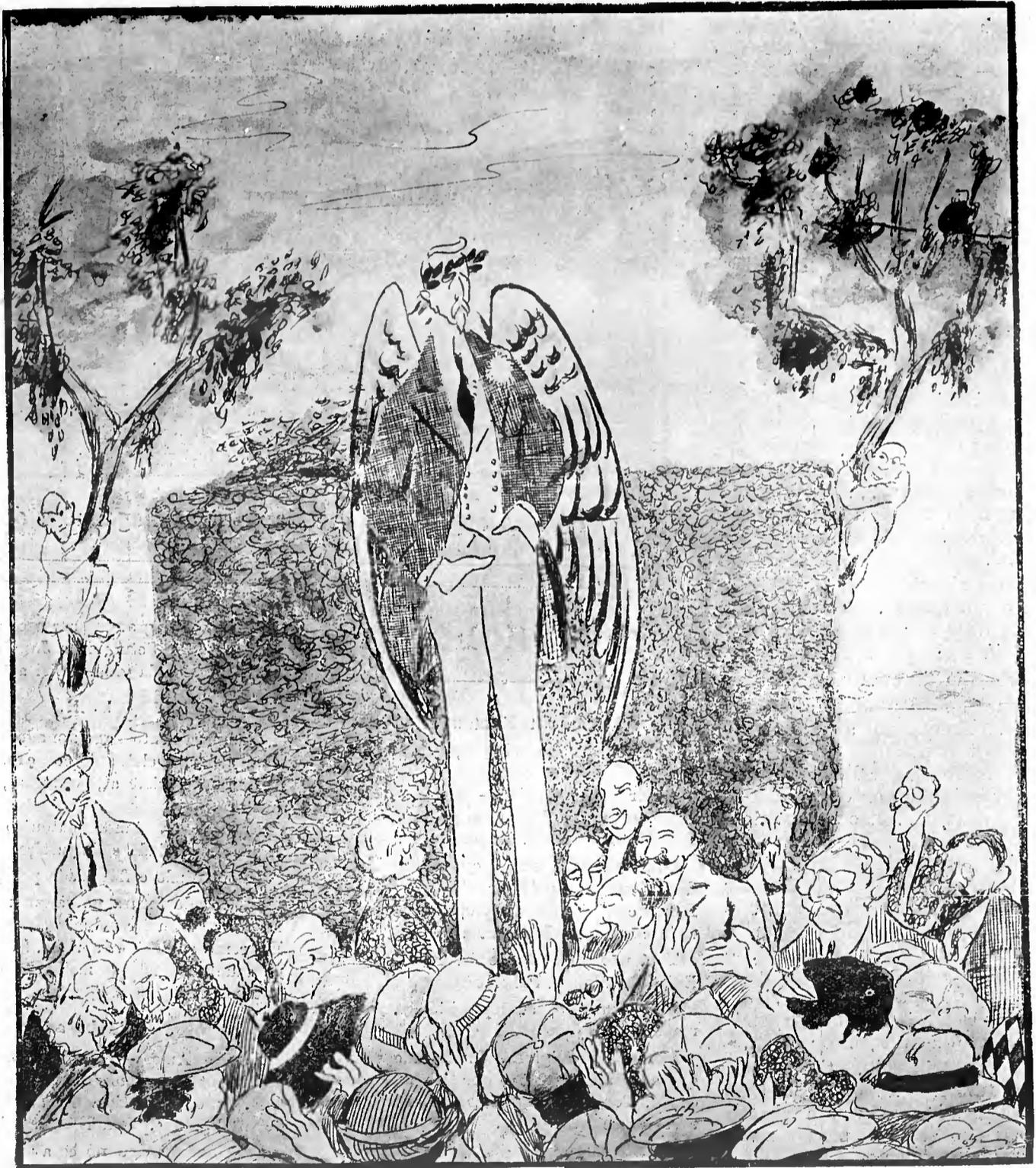
HENRIQUE SILVA

© Pirralho... no Rio

Anno I

RIO DE JANEIRO, Sabbado 4 de Setembro de 1915

N. XXIX



O ANJO DA PAZ

O estado actual das letras no Rio de Janeiro

Em que se occupam os intellectuaes cariocas

“O Pirralho... no Rio” ouve os expoentes da nossa cultura litteraria

Responde Alcides Maya

O estado actual das letras no Rio?

— Que valor teria a minha opinião, se eu lli'a dissésse?

As literaturas exigem dos criticos estudos de conjuncto.

Todas as épochas artisticas se coordenam numa existencia nacional... excepto quando ella se não reflecte na arte.

Isolar um periodo de cultura e pretender julgar pelas suas produções o progresso ou a decadencia de certo povo é uma violencia de critica. Ha gerações de combate que se limitam a encerrar, pela analyse rigorosa e pela propaganda de novos principios, phases anteriores, de copiosa e fulgida producção. Se adoptassemos, num ensaio sobre os renovadores, o processo empregado no estudo das éras normaes de producção, — dos tempos de harmonia esthetica, — chegaríamos a conclusões erroneas. Que absurdo, em letras, comparar lustros e decennios! Vem dahi o pessimismo que assignala quasi todas as respostas ao inquerito a que V. procede. Haveria decadencia litteraria no Brazil se continuassemos a applicar as regras das escolas seguidas aqui pelas pleiades que nos antecederam.

A verdade é que o naturalismo passou, que os parnazianos passaram...

Porque multiplicar citações? Hoje, não ha decerto grandes nomes como os das gerações precedentes; mas existem obras de novo timbre. O futuro? Evitemos prophecias... Demais, a nossa entrevista tem como limite

rota proxima. A phrase é lyrica mas siucera. Amanhã, feita a selecção dos talentos, o Brasil voltará a lêr bellas obras nacionaes. Tenho confiança nessa mocidade: agrada-me sobremodo a apparente anarchia espirital em



o momento actual. Um balanço de horas...

— *Livros no prélo ou em projecto?*

— Esboços. Escrever é agir e, na actualidade, o pensamento attráe mais que a acção. Conso-la-me a esperanza de uma au-

que se debate. Em arte, havemos de assistir no Brazil ao advento de uma geração de tempera, forte pela idealidade das suas creações.

Que valem livros de hoje? Valem flôr e fructo, não a sementeira.

E, agora, acceite um cigarro...

Um Estadista da Republica

O dr. Lauro Müller é, indiscutivelmente, um dos poucos estadistas que se evidenciaram com o advento do regimen inaugurado em 15 de Novembro de 1889, entre os quaes se creou, pela sua brillantissima operosidade e pelo seu masculino talento, um logar a parte, absolutamente inconfundivel.

Filho de um estado pequeno, não se pode attribuir o successo da sua admiravel carreira na vida publica sinão e exclusivamente aos dotes não vulgares do seu vigoroso espirito. O dr. Lauro Müller é senhor de uma capacidade de trabalho que espanta, possuindo tambem um estranho poder de adaptação mental e de assimilação de qualquer assumpto, por mais afastado que este esteja das suas cogitações habituaes.

E' assim que o vemos exercendo com o mesmo destaque, commissões militares em tempo de guerra e de paz, governando o seu Estado; representando-o na Assembléa Constituinte e depois na Camara dos Deputados e no Senado da Republica, dirigindo e administrando os negocios da importante pasta de ministro da viação, industria, commercio, agricultura e obras publicas, no fecundo quadriennio do conselheiro Rodrigues Alves; voltando á camara alta do Congresso Nacional e, finalmente, tomando sob os seus hombros a pesada herança das gloriosas tradições do saudoso Barão do Rio Branco, no Itamaraty. Pois bem, em todas essas commissões, confiadas ao seu saber e ao seu patriotismo, o nosso actual Chanceller soube deixar bem gravado o traço inconfundivel da sua perfeita estrutura de estadista completo, de larga e segura visão. Em todos esses estagios da sua fecunda vida publica se encontram, em alto relevo, os traços inapagaveis da sua personalidade. Ahi estão as ordens do dia em que se elogia a condneta do valoroso militar, o progresso do seu Estado, os annaes da Constituinte e do Congresso Nacional, as obras e os serviços delineados e executados durante o seu exercicio na pasta de ministro da viação, e para terminar, ahi está a

capacidade do fino diplomata, nova faceta de espirito verdadeiramente scintillante, revelado na gestão da difficilima pasta das relações exteriores.

Do brilho com que vêm sendo continuadas as honrosas tradições do Barão do Rio Branco, não é preciso falar. E' dos nossos dias a nomeação de Embaixador na Argentina do senador Campos Sales que teve como retribuição a vinda ao nosso paiz em identica investidura do grande argentino general Julio Rocca, como dos nossos dias é a primeira demonstração efficaz do A. B. C., na pacificação do conflicto mexicano-americano de 1914. Das viagens, de cortezia internacional, aos Estados Unidos e á Argentina, Chile e Uruguay, não é preciso falar e ainda menos das consequencias dessa admiravel e salutar politica de aproximação internacional.

Após esse rapido bosquejo da vida publica do dr. Lauro Müller, não temos constrangimento em perguntar: quaes são os nossos estadistas republicanos que se podem ufanar de ter prestado tão notaveis serviços á Nação?

F. DE V.

O único Brasileiro

Quando o comboio deixou de vez, atraz do pinheiral, as torres da cidade, o meu companheiro de wagon metten o braço embaixo do banco, levantou uma guilota de folha de Flandres e encostou-a no almadrão que visinho, á ilha da mulher.

— Maroto!

E ella, uma senhora gorda, amarellenta, o cabelo ralo aberto para as orelhas, os olhos meudos e bondosos afundando-se nas palpebras inchadas:

— Filhinho...

Que seria? Ergui-me. Fui ao extremo do carro para voltar-me, vêr de frente «o maroto», «o filhinho». Rodavamos a descer para as thermas de S. Pedro do Sul, entre duas encostas cobertas de pinheiros, com um céu baixo e esmaecido, cobrindo a soalleira. De vez em quando, nalgum rincão pedregoso, verdejavam milhos curtos, mas viçosos, pendoando sobre as folhas caidas. Os lavradores dormiam no chão, á sombra do arvored. O vento sacudia as agulhas, remexia as carumas. Fugiam melros espantados e, aqui, além, mulheres de lenço vermelho escoravam-se ao cabo do sachó para vêr a passagem.

— Papá!

Era um papagaio. Um papagaio que chamava *papá* aos donos, marido e mulher. Como me relacionei com elles antes de chegar, soube que haviam estado no Brasil, residiam em Lisboa, não tinham filhos e era brasileira a ave. *Papá* marido, ao saber-me brasileiro, com a doçura, a amabilidade em que abrandam os portuguezes no Brasil, indicon-me o hotel mais cómodo, o hotel para que ia, e, depois do jantar, em que, por disposição da hoteleira, fomos ainda companheiros de mesa, teve a gentileza de mostrar-me pacientemente o estabelecimento, a nascente, as diversas especies de banhos, terminando com um passeio pela estrada de Vouzella, uma estrada larga, elara, cheirosa, com o valle em baixo e a ermida da senhora do Castello muito branca no alto da serra. Deitei-me pensando no papagaio. Pela manhã, ao café, D. Maria entrou com elle no salão. Trajava, uma *matinée* listrada com as côres monarchicas, frouxa, de mangas largas, muito caseira.

— En gosto d'este hotel porque não ha luxo. Anda-se como se quer. Não é, filhinho?

E cingia o papagaio ao seio, punha-lhe as mãos ambas á cabeça, beijava-o, tornava a beijal-o, como se fosse uma creança.

— E' muito mansinho, muito, muito...

Nem pensava a meiga senhora que eu também gostaria de acariciar o papagaio. Aquelle papagaio era o unico brasileiro visto por meus olhos em três mezes de Portugal, o unico patricio encontrado em três mezes de ventania e trovoadas. A menina entrava com o café. D. Maria poisou o papagaio na janella. Elle marchou, arrastando a cadeia pelo poial. Depois parou e fitou-me. O vento do rio soprava-lhe a penugem dos encontros. Com os invernos de Lisboa, tornara-se um papagaio escuro, magro, de unhas cinzentas. Mas os olhos que lhe rolavam nas orbitas redondas, eram os mesmos, dois olhos alorados, contemplativos e limpidos. D. Maria soprava o café, á moda do Brasil.

Loro fitava-me. Um minuto estivemos assim, olhando-nos um ao outro. O seu olhar, um olhar parado, demorava com preguiça. Como, porem, quiz eu vêr, nas suas pupilas abstractas, reminiscencias da nossa patria longinqua! Como, por momentos, elle me pareceu evocar em saudade o sertão distante e combusto, as revoadas verdes, ao sol do meio dia, por sobre os roçados! E as grandes arvores, o bando em repouso nos ramos, quebrando o silencio da tarde com a gralhida, o tumulto dos gritos selvuticos, a lingua negra e grossa batendo no bico recurvo como ensaiando falar... Mas o que, sobretudo, me lembrou o velho papagaio magro, foi, afinal, o Brasil. Quanto o amei, no breve minuto de contemplação, á brisa fresca do Vonga! Verde, amarello, a floresta, o ouro, as côres da bandeira, o sonho, a esperança, elle proprio, papagaio brasileiro, symbolo alado da patria, unico patricio na terra extranha de Portugal...

JOSÉ VIEIRA

CASA DOLIVAES

AGENCIA DAS LOTERIAS DE S. PAULO E DA CAPITAL FEDERAL

Tem sempre á venda os bilhetes com grande antecedencia do dia da extracção.

Attende com presteza aos pedidos do interior, que devem ser dirigidos a

J. AZEVEDO & COMP.

CASA DOLIVAES

Rua Direita, 10

Caixa, 26

S. PAULO

POÇOS DE CALDAS

A Suissa Brasileira

Altitude 1.200 metros Thermas 46° cents.

Clima saluberrimo. Afamadas radio-activas Thermas e Aguas Mineraes.

Estação de Aguas, Banhos, Verão e Repouso

RENDEZ-VOUS da élite paulistana e carioca

As aguas thermaes são infalliveis contra: Rheumatismo, siphilis, dermatoses, rachitismo, et. Eliminam o mercureio e o arsenico. As aguas mineraes naturaes convêm ás molestias do estomago, rins e figado.

Communicação facil em trens confortaveis, via S. Paulo — Campinas (E. F. Mogyana). Bilhetes de excursão com 30 % de abatimento.

GRANDE HOTEL

Aberto o anno inteiro

Recentemente construido, é o mais confortavel, luxuoso e hygienico, dispondo de 110 quartos, além do salão de palestra e recepção, «fumoir», sala de musica, salão de barbeiro, gabinetes dentario e de massagista, consultorio medico, etc. Contem «departements» de luxo para familias, com sala, quartos banheiras para banhos sulfurosos, water-closet e outras commodidades. No centro do hotel ex ste uma instalação balnear das aguas thermo sulfurosas, privativa dos hospedes, o cujas aguas alli chegam com a temperatura até 42°

Diarias: 10\$000 a 12\$000

HOTEL DAS THERMAS

antigo Hotel da Empresa, hoje reformado, com 100 quartos, secção reservadas e proprias para familias, salas, jardim e diversões para crianças, parques e campos para sports: foot-ball, tennis, etc. Encontrase no hotel: salão do barbeiro, gabinetes dentario e de massagista e consultorio medico.

DIARIAS: 8\$000 a 10\$000, COM EXCEPÇÃO DO MEZ DE MARÇO

Para informações, reserva de commodos com antecedencia e demais explicações sobre essa estancia climaterica e balnearia, com "A Transoceanica" - : São Paulo - Rua Quintino Bocayuva n.º 4, 2.º andar, ou na séde da Empresa, no Rio de Janeiro, á Avenida Rio Branco, 149, 1.º andar.

Grande plano da Loteria Federal

Commemorativo da Descoberta da America

300:000\$000

em 3 premios

1 de 200 contos — 1 de 50 contos — 1 de 50 contos

Extracção em 9 de Outubro proximo

Os pedidos devem ser dirigidos aos AGENTES GERAES DA

Comp. Loterias Nacionaes do Brasil e da Loteria de S. Paulo

á RUA DIREITA, 39

JULIO ANTUNES DE ABREU & COMP. Caixa, 77 S. PAULO

A casa que mais sorte vende

O TRIANON

Os proprietarios desta Casa, previnem as suas distintas freguesas, que acabam de receber um variado e bonito sortimento de tecidos para o verão.

No Atelier de Chapéus, tambem encontrarão as Exmas. senhoras, lindos modelos, executando-se mesmo qualquer encomenda por figurinos.

Bom sortimento em roupas brancas, vestidos a phantasia, capas modernas, costumes, blu-sas, artigos para meninas, bebés, etc.

Martins Corrêa & Comp.

Telephone N. 1781

Rua Direita N. 30

VAE V. EX. AO RIO DE JANEIRO?

Deseja hospedar-se em hotel

CONFORTAVEL, DISTINCTO E CENTRAL?

PREFIRA O

HOTEL AVENIDA

O mais importante do Brasil, com aposentos para 500 pessoas, situado na Avenida Central, a mais bella da Capital.

São perfectos os seus serviços

Seus elevadores funcionam dia e noite

Desde a sua fundação (1908) até 1915, recebeu 175.552 clientes, sendo de 25.000 a média annual.

DIARIA

Quarto e pensão

10\$ a 15\$

Endereço Telegraphico:

Avenida - RIO

THE BERLITZ METHOD!

Ensino pratico de

INGLEZ □ ALLEMÃO □ FRANCEZ

o POR o

HENRY WIESE

Loqui
Loquendo
discitur!

Ex-Professor das Escolas Berlitz de Londres, Paris e Lisboa

O homem que falla duas Linguas vale por dois homens.
NAPOLEÃO I.

Rua 15 de Novembro, 50-B 1.º Sala 10

ALUMNOS PARTICULARES

entre outros:

Sua Alteza Real o Principe de Ligne, Sua Alteza Real a Princeza de Ligne da Corte Belga; Os Condes de Limburg-Styrum em Bruxelles, The Hon. Walter, filho de Lord Iveagh, Lady Evelyn, filha do Earl of Buchan em Londres; Professores e Lentes do "University College" in Dublin, da Universidade de Coimbra e da Faculdade de Direito de S. Paulo.

LIQUIDAÇÃO

Quando todas as casas augmentam os preços pela falta de mercadoria e pela baixa do cambio, torpe especulação cujo inventor se nos apparecesse o fuzilariamos — *A Casa Freire* — rompe trincheiras e *vende todo o seu stock a PREÇOS REDUSIDOS*, e ainda mais com o abatimento de 10 % sobre os preços marcados. Todos, pois, á *Casa Freire*, que a liquidação é apenas por 8 dias.

Louças, Porcelanas, Metaes e Utensilios domesticos

34-B, Rua de São Bento, 34-B

CASA FREIRE

Vinho Quinado e Vermouth

CINZANO

Companhia Cinematographica Brasileira

SOCIEDADE ANONYMA

Capital realizado Rs. 4.000:000\$000 = Fundo de reserva Rs. 1.080:000\$000

THEATROS

São Paulo	BIJOU THEATRE	THEATRO SÃO PAULO	Rio de Janeiro	CINEMA-PATHE'
	BIJOU-SALON	IDEAL CINEMA		CINEMA-ODEON
	IRIS-THEATRE	THEATRO COLOMBO		CINEMA-AVENIDA
	RADIUM-CINEMA	COLYSEU DOS CAMPOS ELYSEOS		THEATRO SÃO PEDRO DE AL-
	CHANTECLER-THEATRE	SMART CINEMA		CANTARA

Em Nictheroy: EDEN-CINEMA — Bello Horizonte: CINEMA-COMMERCIO — Juiz de Fóra: POLYTHEAMA
Santos: COLYSEU SANTISTA — THEATRO GUARANY

THEATROS

POLYTHEAMA, S. Paulo — THEATRO S. JOSE', S. Paulo — PALACE THEATRE, Rio de Janeiro

Em combinação com diversos Theatros da America do Sul

Importação directa dos Films das mais importantes Fabricas

Nordisk, Ambrosio Itala, Pharos, Bioscop, Selig, Nester, Durks e todos os films de successo editados no mundo Cinematographico

Exclusivamente para todo o BRASIL os films das principaes fabricas do mundo!!! 36 marcas... 70 novidades por semana
Stock de fitas, 6.000.000 de metros. Compras mensaes, 250.000 metros.

Unica depositaria dos celebres Apparelhos PATHÉ FRÉRES. Cinemas KOKS
proprios para Salões em casa de Familias.

Alugam-se e fazem-se contractos de fitas

Séde em S. PAULO - Rua Brigadeiro Tobias, 52 - Succursal no RIO: Rua S. José, 112

Agencias em todos os Estados do Brasil

Um Milagre

*Lyra: — Se qual o azeite anda por cima,
Nada a muda do branco para o preto,
E nem perde a verdade apreço e estima,
Pelo facto de a expor em tom faceto;*

*Como tudo que existe cabe em rima,
Bem cabe um attestado num soneto.
Por isso, a idéa que hoje aqui me anima,
Nestes quatorze versos lhe remetto.*

*Póde affirmar, por toda a eternidade,
Aos mil que soffrem e aos descrentes mil,
Que isso que ahi vae é a essencia da verdade:*

*De horrivel tosse que me poz febril,
Dei cabo, usando apenas a metade
De um milagroso frasco de Bromil.*

Os poetas são os mensageiros das verdades bellas. Emilio de Menezes, com seu estro generoso, consagra um conceito indiscutivel e soccorre os desconsolados da saude, ensinando-lhes o remedio. E' o poder revelador de uma bella verdade, que, em prósa, se traduz assim:

✉ ✉ ✉ **Bromil cura todas as doenças do peito, taes como
Bronchites, coqueluches, resfriados e asthma**

além de haver curado a horrivel tosse que
poz febril Emilio de Menezes.

DAUDT & LAGUNILLA -- RIO

